UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

MYLLENA SILVA PRADO

LAS PROTESTAS NACIONALES SOCIALES: EL MERCURIO, *LA SEGUNDA* E *ANÁLISIS* NAS DISPUTAS PELA ESFERA PÚBLICA CHILENA (1983-1986)

ASSIS
2026

MYLLENA SILVA PRADO

LAS PROTESTAS NACIONALES SOCIALES: EL MERCURIO, *LA SEGUNDA* E *ANÁLISIS* NAS DISPUTAS PELA ESFERA PÚBLICA CHILENA (1983-1986)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH/UNESP) como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Política: Ações e Representações
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa.
Órgão financiador: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ASSIS
2026

P896p

Prado, Myllena Silva
Las Protestas Nacionales Sociales: : El Mercurio, La Segunda e Análisis nas disputas pela esfera pública chilena (1983-1986) / Myllena Silva Prado. -- Assis, 2026
157 p. : fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa

1. Imprensa e Política. 2. Chile. 3. Ditadura. 4. América Latina. 5. História. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MYLLENA SILVA PRADO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 14 de novembro de 2025, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de MYLLENA SILVA PRADO, intitulada "LAS PROTESTAS NACIONALES SOCIALES: EL MERCURIO, LA SEGUNDA E ANALISIS NAS DISPUTAS PELA ESFERA PÚBLICA CHILENA (1983-1986)". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNESP / Câmpus de Assis - FCLAs, Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. ADRIANE APARECIDA VIDAL COSTA (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

gov.br Documento assinado digitalmente
CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA
Data: 19/01/2026 15:54:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA

Às minhas avós,

Adélia Prado e Honorina Silva,

por constituírem o alicerce da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, a quem expresso meu sincero agradecimento pelo incentivo à pesquisa e pelo compromisso com a formação acadêmica no país. Sem esse apoio institucional, a concretização deste trabalho não teria sido possível. Agradeço profundamente ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa**,** por sua orientação segura, pela paciência, pelo rigor intelectual e pelas valiosas contribuições ao longo de todo o processo de pesquisa e escrita. À Prof.ª Dr.ª Tânia da Costa Garcia, que, no início de minha trajetória, me apresentou os primeiros caminhos da investigação acadêmica e despertou o interesse pelo tema que hoje desenvolvo, deixo registrado meu reconhecimento e gratidão.

Com amor e gratidão, agradeço ao meu noivo, Renan Carneiro Escauriaza, pela presença constante, pela paciência em cada etapa deste percurso e pelo apoio incondicional nos momentos mais desafiadores. Sua sensibilidade, compreensão e incentivo diário foram essenciais para que este trabalho se tornasse realidade. Renan acompanhou de perto cada fase desta dissertação - das leituras silenciosas às madrugadas de escrita -, oferecendo não apenas ajuda prática, mas sobretudo afeto, serenidade e inspiração. Este trabalho também é fruto do seu carinho e da força que encontramos juntos. À minha família - em especial à minha mãe, Eliana Silva do Nascimento, e a José Alberto Santos Anunciação -, cujo amor e apoio me sustentam desde sempre. Mesmo quando a distância se fez morada e a cidade mudou, o afeto deles permaneceu como raiz e abrigo. Agradeço ainda a Alessandro do Prado, Larissa Rafaela e Gustavo Prado, pela presença luminosa e constante em meu caminho. Agradeço com carinho às minhas avós Adélia Prado e Honorina Silva, que me ensinaram o valor da perseverança e da humildade.

Sou igualmente grato aos colegas de trabalho Maria Fernanda Minutti, Paulo Pereira Júnior, Carlos Morais, Leandro Antônio, Paloma Ikeuti, Maria Isabella, Larieli Ceron e a tantos outros que acompanharam de perto esta trajetória, oferecendo palavras de incentivo e amizade sincera. Ao historiador Gonzalo Leiva Quijada, que gentilmente

compartilhou seu conhecimento e me apresentou aspectos fundamentais da história do Chile, registro meu apreço intelectual. Estendo meus agradecimentos aos membros da banca: Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired e a Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa pelas relevantes observações e contribuições durante a qualificação e a defesa. Por fim, não poderia deixar de mencionar meu companheiro de todas as horas silenciosas de escrita e reflexão: meu lulu Snoopy**,** cuja presença carinhosa e tranquila tornou os dias de pesquisa mais leves e alegres. A todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta pesquisa - com palavras, gestos, ideias ou presença -, deixo o meu mais sincero muito obrigada**.**

LIBERTAD

Por el pájaro enjaulado
Por el pez en la pecera
Por mi amigo que está preso
Porque ha dicho lo que
piensa. Por las flores
arrancadas
Por la hierba pisoteada
Por los árboles podados
Por los cuerpos
torturados yo te nombro
¡Libertad!

Con los dientes
apretados Con la rabia
contenida
Con el nudo em la garganta
Por las bocas que no cantan.
Por el beso clandestino
Por el verso censurado
Por el joven exiliado
Por los nombres prohibidos
yo te nombro **¡Libertad!**

Te nombro en nombre de
todos por tu nombre
verdadero
te nombro cuando oscurece
cuando nadie me ve.

Escribo tu nombre
en las paredes de mi ciudad
Tu nombre verdadero
tu nombre y otros nombres
que no nombro por temor

Por la idea perseguida
Por los golpes recibidos
Por aquel que no resiste
Por aquellos que se
esconden. Por el miedo que
te tienen Por tus pasos que
vigilan
Por la forma en que te atacan
Por los hijos que te matan
yo te nombro **¡Libertad!**

Por las tierras invadidas
Por los pueblos conquistados
Por la gente sometida
Por los hombres explotados
Por los muertos em la
hoguera Por el justo
ajusticiado
Por el héroe asesinado
Por los fuegos
apagados yo te nombro
¡Libertad!

Te nombro en nombre de todos
por tu nombre verdadero
te nombro cuando oscurece
cuando nadie me ve

Escribo tu nombre
en las paredes de mi ciudad
tu nombre verdadero
tu nombre y otros
nombres que no nombro
por temor yo te nombro
¡Libertad!

(Paul Elouard)

PRADO, Myllena Silva. *Las Protestas Nacionales Sociales: El Mercurio, La Segunda* e *Análisis* nas disputas pela esfera pública chilena (1983-1986). 2025. 155p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2026.

RESUMO

No amálgama das manifestações sociais ocorridas entre 1983 e 1986 no Chile, as chamadas *Protestas Nacionales Sociales* ganharam notoriedade perante o Estado, a grande imprensa, as revistas de oposição e a opinião pública em geral. De um lado - em meio a protestos, batucadas e cartazes - universitários, sindicalistas e trabalhadores ocupavam as ruas do Palácio e de Santiago, assim como de outras municípios, exigindo o fim da ditadura e a retomada da democracia. De outro, as forças repressoras do Estado buscavam manter a "ordem" por meio de torturas, prisões, mortes e exílios impostos aos manifestantes. A construção desses discursos e das imagens veiculadas naquele tempo-presente pelos diários alinhados ao governo, *El Mercurio* e *La Segunda*, e pela revista de oposição *Análisis*, evidencia um confronto direto na forma de narrar os acontecimentos. Assim, este estudo se dedica a investigar e a confrontar as notícias e representações produzidas por esses veículos de comunicação acerca das mobilizações massivas de 1983 a 1986, a fim de compreender como a imprensa atuou não apenas como mediadora, mas como um ator político central na disputa pela condução da vida pública durante a ditadura.

Palavras-chave: Ditadura; imprensa; opinião pública; *El Mercurio*; *La Segunda*; *Análisis*.

ABSTRACT

Among the amalgam of social demonstrations that took place between 1983 and 1986 in Chile, the so-called *Protestas Nacionales* Sociales gained notoriety before the State, the mainstream press, opposition magazines, and public opinion in general. On one side—amid protests, drumming, and posters—university students, union members, and workers occupied the streets of the Palace and Santiago, as well as other municipalities, demanding an end to the dictatorship and the restoration of democracy. On the other side, the repressive forces of the State sought to maintain "order" through torture, imprisonment, death, and exile imposed on the protesters. The construction of these discourses and the images conveyed at that time by the pro-government newspapers *El Mercurio* and *La Segunda*, and by the opposition magazine *Análisis*, reveals a direct confrontation in the way the events were narrated. Thus, this study is dedicated to investigating and comparing the news and representations produced by these media outlets about the mass mobilizations from 1983 to 1986, in order to understand how the press acted not only as a mediator, but as a central political actor in the dispute over the conduct of public life during the dictatorship.

Keywords: Dictatorship; press; public opinion; *El Mercurio*; *La Segunda*; *Análisis*.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Primeira edição do periódico *El Mercurio* de Santiago.....34.
IMAGEM 2: Faixa pendurada pelos estudantes da Universidade Católica do Chile no dia 11 de agosto de 1967. 36
IMAGEM 3: Manchete de *La Segunda* sobre os membros do MIR ..... 49.
IMAGEM 4: Manchete de *La Segunda* sobre a morte de Tucapel Jiménez.....52.
IMAGEM 5: Manchete de *El Mercurio* sobre a morte de Tucapel Jiménez.....53.
IMAGEM 6: Opinião do diretor de *Análisis* repudia Estado e homenageia Tucapel.....54.
IMAGEM 7: Protestos de 1º de Maio no jornal *El Mercurio* ..... 69.
IMAGEM 8: Protestos de 1º de Maio no jornal *La Segunda* .....73.
IMAGEM 9: Manifestantes em Plaza Artesanos.....73.
IMAGEM 10: *Laques* nas manifestações ..... 74.
IMAGEM 11: Como são os civis armados que atuaram no 1º de maio segundo *La Segunda*.75
IMAGEM 12: Capa do jornal *La Segunda* em 9 de maio 1983… .....76.
IMAGEM 13: Capa do jornal *La Segunda* em 11 de maio 1983….....77.
IMAGEM 14: Absenteísmo de trabalhadores em Quinta Normal ..... 79.
IMAGEM 15: Congresso dos Trabalhadores do Cobre (CTC), em Punta Tralca: convocação à Greve Nacional de 11 de maio de 1983… ..... 81.
IMAGEM 16: Inflação na compra de alimentos pela população chilena.....82.
IMAGEM 17: Capa da revista n.58 de *Análisis, El Pueblo Protesta* .....83.
IMAGEM 18: Protestos de 1º de Maio pela Democracia na revista *Análisis*.....85.
IMAGEM 19*:* Seguel nos protestos de 1º de maio de 1983….....85.
IMAGEM 20: Massivos protestos estudantis na UC….....88.
IMAGEM 21: Capa da revista *Análisis* n. 60 "*+ represión - protesta*".....88.
IMAGEM 22: Protestos de 27 de março de 1984 no jornal *El Mercurio*.....90.
IMAGEM 23*:* Capa do jornal *La Segunda*, 27 de março de 1984.....94.
IMAGEM 24: Pedras na rua de "*La Bandera*" ..... 95.
IMAGEM 25: Mario Antonio, um dos feridos a bala nos protestos.....95.
IMAGEM 26: Protestos de 27 de março de 1984 na revista *Análisis*.....98.
IMAGEM 27: **"**Mobilização social: o caminho político para superar a crise": Protestos e batucadas em março de 1984 na revista *Análisis*.....99.
IMAGEM 28: Capa da revista *Análisis*, n. 81… ..... 99.
IMAGEM 29: Formas de se protestar pela revista *Análisis* ..... 100.

IMAGEM 30: Capa da revista *Análisis*, mês de setembro, censurada ..... 101.
IMAGEM 31: Página, n. 90 da revista *Análisis* censurada..... 101.
IMAGEM 32: Capa da revista *Análisis*, mês de novembro, censurada..... 102.
IMAGEM 33: Panorama internacional, n. 94 da revista *Análisis* censurada..... 103.
IMAGEM 34: Capa do jornal *La Segunda* no dia 6 de novembro de 1984…..... 104.
IMAGEM 35: Capa do jornal *La Segunda* no dia 8 de novembro de 1984..... 105.
IMAGEM 36: Capa do jornal *El Mercurio* em 6 de novembro de 1984..... 106.
IMAGEM 37: Protestos de 4 de Setembro de 1985 no jornal *El Mercurio*..... 107.
IMAGEM 38: Mercado saqueado pelos protestos, segundo *El Mercurio*..... 108.
IMAGEM 39: População de *La Victoria* rodeiam o veículo que transportava a jornalistas de "*El Mercurio*"..... 109.
IMAGEM 40: Charge irônica de *El Mercurio* sobre os protestos: "Se a torre de Pisa fosse chilena, a Direção de Obras já a teria demolido"..... 111.
IMAGEM 41: Forte vigilância militar em diversos pontos de Santiago… ..... 112.
IMAGEM 42: "Barricadas interrompem o trânsito em muitos setores", *El Mercurio* ..... 112.
IMAGEM 43: Capa do diário *La Segunda* em 5 de setembro de 1985… ..... 113.
IMAGEM 44: Tortura, um método que há 12 anos se foi fazendo "ciência", *Análisis*..... 117.
IMAGEM 45: Adesão de apoiadores ao protesto de Pinochet, *El Mercurio*..... 118.
IMAGEM 46: Veículo da escolta presidencial destruído, *El Mercurio*..... 120.
IMAGEM 47: Expressiva e massiva adesão ao Governo, *El Mercurio*..... 121.
IMAGEM 48: Posto de gasolina e roupas de trabalhadores queimados, *La Segunda*..... 122.
IMAGEM 49: Revista *Análisis* em cores vermelhas, abril de 1986 ..... 125.
IMAGEM 50: Capa da revista *Análisis* em cores vermelhas, maio de 1986..... 125.
IMAGEM 51: "*Colores* de *resistencia"*, revista *Análisis* ..... 126.
IMAGEM 52: Testemunhos do *Sumario* com nome de estudantes envolvidos nos protestos registrado por policiais, revista *Análisis* ..... 127.
IMAGEM 53: Protestos estudantis da USACH em 2 setembro de 1986… ..... 128.
IMAGEM 54: Funeral de Carrasco nos protestos de 9 de setembro de 1986, *Análisis*..... 130.
IMAGEM 55: "Pepe", o Carrasco viverá para sempre, cada da revista *Análisis*..... 130.
IMAGEM 56: Chile: Ontem e Hoje: um livro de fotografia produzido por uma editora expropriada pela ditadura de Pinochet em 1975. 135
IMAGEM 57: Materiais de apoio às ditaduras: “A Experiência Socialista Chilena. Anatomia de um Fracasso”..... 136

LISTA DE SIGLAS

CTC: Confederación de Trabajadores del Cobre

MIR: Movimiento de Izquierda Revolucionaria

DINA: Dirección de Inteligencia Nacional

CNI: Central Nacional de Informaciones

AHC: Academia de Humanismo Cristiano

UP: Unidad Popular

EUA: Estados Unidos da América

CIA: Central Intelligence Agency

ANEF: Asociación Nacional de Empleados Fiscales

SENDET: Secretaria Nacional de Detentos

AD: Alianza Democrática

MDP: Movimento Popular Democrático

ANEF: Agrupación Nacional de Empleados Fiscales

UDT: Unión Democrática de Trabajadores

FUT: Frente Unitario de Trabajadores

ENDESA: Empresa Nacional de Eletricidade

ANAECH: Asociación Nacional de Auxiliares Paramédicos

INE: Instituto Nacional de Estatísticas

CNT: Comando Nacional de Trabajadores

CODELCO: Corporación Nacional del Cobre de Chile

APSI: Agencia de Prensa de Servicios Internacionales

ACHA: Acción Chilena Anticomunista

CUP: Comite Unitario Populacional

CONFECH: Confederação de Federaciones Universitaria Democráticas

FENATACH: Federación Nacional de Taxistas

UC: Pontifícia Universidade Católica de Chile

FPMR: Frente Patriótica Manuel Rodríguez

PC: Partido Comunista

USACH: Universidad de Santiago de Chile

SUMÁRIO

Introdução 15

CAPÍTULO 1

A Imprensa chilena nos anos 1980: Formação de *El Mercurio*, *La Segunda, Análisis* e o cenário das *Protestas Nacionales Sociales* **29**

1.1 Do nacionalismo à legitimação do regime: *El Mercurio* da Guerra do Pacífico à Ditadura 32

1.2 *El Mercurio* e o regime militar: Entre a informação e a propaganda..... 38

1.3 Imprensa, Sensacionalismo e Autoritarismo: O jornal *La Segunda.* ..... .45

1.4 Violência e Imprensa: O Caso Marta Ugarte em *El Mercurio*, *Las Últimas Noticias* e *La Segunda.*..... 50

1.5 O assassinato de Tucapel Jiménez em 25 de fevereiro de 1982 52

1.6 Entre resistência e contestação: A Constituição de 1980, a revista Análisis e as *Protestas Nacionales Sociales* 55

CAPÍTULO 2

***Las Protestas Nacionales Sociales*: *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* nas disputas pela esfera pública chilena (1983-1986)** **66**

2.1 A opinião pública durante o 1º de Maio de 1983 em *El Mercurio* 67

2.2 Protestos de 27 de Março de 1984. 90

2.3 Protestos de 4 de Setembro de 1985 106

2.4 Protestos de 2 de Setembro de 1986 e o atentado a Pinochet 117

2.5 Olhares censurados: as fotografias como canal de resistência e legitimação da ditadura chilena..... 132

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 140

FONTES E BIBLIOGRAFIA 144

Introdução

Entre os anos de 1983 e 1986, o Chile vivenciou um dos períodos mais intensos de mobilização social desde o golpe civil-militar de 1973. As chamadas *Protestas Nacionales Sociales* reuniram trabalhadores, estudantes, moradores de áreas periféricas urbanas, movimentos políticos e setores da sociedade civil em manifestações recorrentes contra a ditadura de Augusto Pinochet. Esses protestos não apenas tensionaram o regime no plano das ruas, mas desencadearam uma disputa decisiva no campo simbólico e comunicacional, na qual a imprensa ocupou papel central. A forma como os acontecimentos foram narrados, enquadrados, visibilizados ou silenciados tornou-se parte constitutiva da própria luta política, inserindo-se no debate mais amplo sobre a esfera pública chilena durante a ditadura.

Este estudo tem como objetivo analisar a atuação dos jornais *El Mercurio* e *La Segunda*, alinhados ao regime militar, e da revista *Análisis*, vinculada à oposição, na construção das narrativas sobre as *Protestas Nacionales Sociales* entre 1983 e 1986. Parte-se da compreensão de que esses veículos não apenas relataram os fatos, mas atuaram como atores políticos, disputando sentidos, legitimando versões do real e contribuindo para a conformação da opinião pública em um contexto autoritário. O diário *El Mercurio* foi um dos principais veículos de imprensa do Chile durante a ditadura civil-militar (1973-1990), caracterizando-se por seu alinhamento às diretrizes do regime de Augusto Pinochet. No período de 1983 a 1986, recorte temporal desta pesquisa, o jornal manteve uma posição editorial de apoio às ações do governo, servindo como instrumento de legitimação política e de difusão do discurso oficial, sobretudo nos momentos de crise e mobilização social. Fundado originalmente em 1827, o *El Mercurio* de Santiago consolidou-se ao longo do século XX como o principal jornal chileno, pertencente à família Edwards, com ampla circulação nacional e presença marcante no debate público.

O jornal vespertino *La Segunda* pertence à empresa *El Mercurio* S.A.P., controlada pela família Edwards, sob a direção de Agustín Edwards Eastman. Durante o governo da Unidade Popular (1970-1973), sua linha editorial se posicionou de forma crítica e oposicionista e, após o golpe de Estado de 1973, passou a alinhar-se ao discurso da ditadura civil-militar. Entre 1983 e 1986, *La Segunda* consolidou-se como um veículo central na divulgação das narrativas oficiais e na legitimação das ações repressivas do regime. Diferentemente do *El Mercurio*, o vespertino focava em temas do cotidiano, abordando pautas sociais, urbanas e comportamentais, o que permitia atingir um público mais amplo e, de forma sutil, naturalizar o discurso governamental. Embora compartilhasse vínculo empresarial com o *El Mercurio*, sua escolha neste estudo justifica-se pelas especificidades de sua abordagem jornalística e pelo papel distinto - mas complementar - que desempenhou na

construção da opinião pública durante a ditadura, pois ambos apoiaram o regime. Atualmente, parte de suas edições encontra-se digitalizada no site da *Biblioteca Nacional Digital de Chile* e na plataforma digital *El diario La Segunda*.

Em contrapartida, a revista *Análisis,* publicada entre 1977 e 1993, constituiu um espaço singular de resistência política, intelectual e cultural, em meio à censura e à repressão que marcaram o período. Ao lado de outras publicações oposicionistas, como *Apsi*, *La Bicicleta*, *Hoy* e o jornal *Fortín Mapocho*, a revista *Análisis* assumiu um papel central no campo da imprensa crítica ao regime militar chileno. Esses periódicos formaram uma rede plural de resistência intelectual e política, atuando como espaços fundamentais de circulação de ideias dissidentes em um contexto marcado pela censura, pela repressão e pela restrição das liberdades civis. Cada uma dessas publicações, a seu modo, contribuiu para tensionar a narrativa oficial do regime, seja por meio da denúncia direta das violações de direitos humanos, seja pela valorização da cultura, do debate político e da reflexão crítica sobre a sociedade chilena.

A revista *Apsi*, por exemplo, destacou-se pelo jornalismo investigativo e pela análise política rigorosa, tornando-se referência na cobertura de temas sensíveis ao regime. Já *La Bicicleta* ocupou um espaço singular ao articular política e cultura, dialogando especialmente com setores juvenis, artistas e intelectuais, e propondo formas alternativas de resistência simbólica. A revista *Hoy* consolidou-se como um semanário de análise política e social, com forte presença de colunistas e colaboradores ligados ao pensamento democrático e à oposição organizada. O jornal *Fortín Mapocho*, por sua vez, recuperou a tradição do jornalismo popular e combativo, conectando-se a setores mais amplos da sociedade e reafirmando uma linguagem acessível, sem abdicar do posicionamento político crítico.

Nesse cenário, *Análisis* destacou-se como um espaço de articulação da sociedade civil organizada, reunindo jornalistas, acadêmicos, religiosos, profissionais liberais e militantes políticos comprometidos com a redemocratização do país. Sua linha editorial buscava não apenas denunciar a repressão estatal e as violações sistemáticas dos direitos humanos, mas também fomentar o debate público sobre alternativas políticas, institucionais e sociais para o Chile pós-ditadura. Ao assumir esse papel, a revista contribuiu de forma decisiva para a reconstrução da esfera pública chilena, funcionando como um canal de mediação entre diferentes atores oposicionistas e como um instrumento de elaboração discursiva da transição democrática. Boa parte de seus volumes encontra-se hoje digitalizada no site Memoria Chilena, da Biblioteca Nacional de Chile, o que possibilita uma aproximação detalhada com suas edições originais, seus editoriais e suas seções de cartas, crônicas e ensaios.

Essa materialidade digital apresenta a oportunidade de reconstruir as dinâmicas discursivas, as redes de colaboração e os vínculos transnacionais que se formaram em torno da publicação. Dessa forma, pretende-se preparar o leitor para compreender que *Análisis* constitui, simultaneamente, uma fonte documental privilegiada e um campo de mediações culturais, no qual a imprensa de oposição se converteu em arena de disputa simbólica, abrindo espaço para a circulação de vozes silenciadas e para a reconstrução de uma memória coletiva sobre a resistência chilena. Assim, a imprensa é tratada simultaneamente como fonte histórica, objeto de investigação e campo de mediação simbólica, no qual se cruzam interesses políticos, econômicos, ideológicos e culturais.

A escolha desse recorte temporal se justifica pela centralidade que as protestas assumiram no processo de desgaste do regime pinochetista. O primeiro protesto ocorreu em 1º de maio de 1983, convocado por dirigentes da *Confederación de Trabajadores del Cobre* (CTC), e foi seguido por mobilizações quase mensais até outubro de 1984. A decretação do *Estado de Sítio*, em novembro daquele ano, alterou significativamente o curso das manifestações, restringindo o espaço público e intensificando a repressão. Ainda assim, um segundo ciclo de protestos emergiu entre setembro de 1985 e setembro de 1986, evidenciando a persistência da contestação social. Conforme observa Steve (2006), esse segundo momento apresentou características distintas: "A second protest cycle-less ''ebullient'' and expansive in spirit, more a known routine by a committed constituency[1]" (Steve, 2006, p. 253).

As *Protestas Nacionales Sociales* não surgiram de forma espontânea ou isolada, mas foram resultado de um processo histórico marcado pela consolidação do regime autoritário, pela reestruturação econômica neoliberal e pelo esgotamento dos mecanismos de controle político impostos pela ditadura ao longo da década de 1970. Após o golpe de Estado de 1973, o governo de Augusto Pinochet promoveu profundas transformações institucionais, reprimindo partidos políticos, sindicatos e organizações sociais, ao mesmo tempo em que implementou reformas econômicas orientadas pelos chamados "Chicago Boys". Embora esse projeto tenha produzido crescimento em determinados setores, aprofundou desigualdades sociais, precarizou o trabalho e fragilizou amplos segmentos da população.

A crise econômica de 1982 representou um ponto de inflexão nesse processo. O colapso do sistema financeiro, o aumento expressivo do desemprego e a queda do preço do cobre - principal produto de exportação chileno - agravaram as condições de vida da população e expuseram as fragilidades do modelo econômico adotado. Nesse contexto,

[1] Um segundo ciclo de protestos sem ciclismo, "exuberante" e expansivo em espírito, mais uma rotina conhecida por um eleitorado comprometido (Steve, 2006, p. 253, tradução nossa).

setores que até então permaneciam relativamente desmobilizados passaram a ocupar o espaço público, articulando reivindicações econômicas e políticas. As protestas expressaram, portanto, não apenas insatisfação material, mas também um processo de rearticulação da sociedade civil sob um regime autoritário. Além de seu impacto político imediato, as manifestações produziram uma disputa simbólica em torno da memória e da legitimidade do regime. Como destaca Steve (2009), determinados eventos funcionaram como rupturas na normalidade imposta pelo autoritarismo: "[...] a romería, a hunger strike, a funeral, or a publicity scandal-functioned as ''memory knots'' that suddenly appeared to interrupt the smooth flow of habit, the seamlessness of control[2]" (Steve, 2009, p. 250).

Essas práticas públicas tensionaram o discurso oficial e ampliaram os espaços de contestação, tanto nas ruas quanto nos meios de comunicação. Steve (2006), salienta ainda que nesses protestos levantou-se uma cultura nas ruas de guerra pela memória, desestabilizando a legitimidade do regime militar. Contudo, essa batalha de memórias notada por Steve, se restringiu apenas aos movimentos de protestos pelas ruas? Ou foram também, em alguma medida, motivadas pela imprensa na construção de notícias e imagens sobre esses eventos, contribuindo assim para o aumento das disputas pela narrativa? Quais eram as intenções políticas, sociais, econômicas e/ou culturais das imagens e notícias publicadas? Favoreciam algum tipo de imaginário sobre o passado? Eram censuradas pelo governo? Leiva Quijada (2012) neste ponto, constata como produto de censura de imagens nas revistas de oposição uma sucessão de espaços que foram deixados em branco na diagramação: "Este fenómeno nunca antes visto en la prensa nacional, alteró la cultura visual asociada a la relación imagen-texto y pasó a formar parte de la lectura cotidiana de aquellos que buscaban informarse más allá de las fuentes oficiales[3]" (Errázuriz; Leiva Quijada, 2012, p.45). Em outra via, Errázuriz aponta que o regime militar se preocupou em estabelecer simbolicamente uma imagem de poder com a sensibilidade militar, erradicando parte não insignificante de seu patrimônio artístico e alterando sua concepção arquitetônica.

Desse modo, fez desaparecer obras de arte e instalou bustos de heróis pátrios como Bernardo O'Higgins Riquelme, negando acesso dos cidadãos à cidade por meio de vedações e criando barreiras físicas claras e dissuasivas: "En pocas palabras, el mundo militar impuso sus códigos, banderas y próceres; es decir, realizó un golpe estético claro y contundente

[2] "[...] uma romería, uma greve de fome, um funeral ou um escândalo publicitário funcionavam como "nós de memória" que apareciam repentinamente para interromper o fluxo suave do hábito, a perfeição do controle" (Steve, 2009, p. 250, tradução nossa).

[3] "Este fenômeno, nunca antes visto na imprensa nacional, alterou a cultura visual associada à relação imagem-texto e passou a fazer parte da leitura cotidiana daqueles que buscavam se informar além das fontes oficiais" (Errázuriz; Leiva Quijada, 2012, p.45, tradução nossa).

[4]" (Errázuriz; Leiva Quijada, 2012, p.63). Leiva Quijada e Errázuriz reforçam que todas estas modificações se inscreveram em um contexto mais amplo de supressão da liberdade. O "poder subversivo da arte" deixa entrever verdades e realidades que vão mais além dos feitos acontecidos dia a dia, incentiva um aspecto diversificado da realidade, denuncia e proclama ideais políticos, riscos que certamente a ditadura tentaria erradicar ou, ao menos, minimizar (Errázuriz; Leiva Quijada, 2012).

Tendo como exemplo estes contrastes narrativos e imagéticos[5], destaco um dos casos mais conhecidos na didatura: "O assassinato de 119 membros do *Movimiento de Izquierda Revolucionari*a (MIR)[6]" pela Dirección de Inteligencia Nacional[7] (DINA) na Operação Condor[8], que ocorreu no Chile nos anos de 1974 e 1975. Os jornais *El Mercurio*, *La Segunda*, *La Tercera*, *La Nación* e *Las Últimas Noticias,* lançaram os seguintes títulos em sequência: "*Guerra entre miristas"*; "*Exterminados como ratones"*; "*El MIR ha asesinado a 60 de sus hombres"*; "*Purga mirista en Argentin*a"; "*Purga en el MIR"*. A justificativa dada por esses jornais ao desaparecimento de homens e mulheres do MIR, que eram opositores da ditadura de Pinochet, se dava por um suposto enfrentamento e morte entre os próprios membros fora do país.

A Revista *Análisis*, contudo, cuja editora ainda não era ativa nesse período, publicou anos depois uma matéria sob título, "*Detenidos-Desaparecidos: El general Pinochet debe más de 119 explicaciones"*[9]*,* para entrepor tais narrativas "falsas" construídas por aqueles jornais. Nesta matéria, a revista deixa claro o sentimento de inquietude e desespero dos familiares das vítimas que saíram às ruas com cartazes pedindo ao presidente Pinochet respostas sobre o acontecido. *Análisis* publica imagens desse protesto e das capas dos jornais *El Mercurio*, *La Segunda* e *La Nacion*, que segundo ela, revelavam o plano do regime para ocultar o desaparecimento massivo de opositores. Depois de dez anos sem uma resposta afirmativa

[4] Em poucas palavras, o mundo militar impôs seus códigos, bandeiras e heróis; ou seja, realizou um golpe estético claro e contundente (Errázuriz; Leiva Quijada, 2012, p. 63, tradução nossa).
[5] PRADO, Myllena S. Imprensa e memória na ditadura chilena: A representação dos fatos noticiados entre os diários *El Mercurio*, *La Segunda* e a revista *Analisis*. TCC (Graduação em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2022.
[6] O *Movimento Esquerda Revolucionário* nasceu em 1965 como uma organização política de viés marxista-leninista e guevarista chileno. Atuou como um movimento de tipo vanguardista dos setores operários e camponeses até a década de 1970.
[7] A DINA foi a polícia secreta chilena criada em 1974 durante a ditadura de Augusto Pinochet. Era responsável por operações de repressão, espionagem e violação de direitos humanos, como torturas, desaparecimentos forçados e execuções de opositores ao regime. Em 1977, a DINA foi substituída pela CNI (*Central Nacional de Informaciones*), outra agência de inteligência.
[8] A *Operação Condor* foi uma campanha de repressão e coordenação de ações entre os regimes militares da América do Sul durante as décadas de 1970 e 1980, visando eliminar opositores políticos e dissidentes.
[9] "Detido-Desaparecido: General Pinochet deve mais de 119 explicações".

sobre o caso, *Análisis* atacou o jornal *La Nación* - que havia registrado em seu diário o caso enquanto "*un expurgo mirista en Argentina*" - e defendeu que em 1975 o regime tentou ocultar o problema dos detidos-desaparecidos, para o qual desenhou um elaborado plano, em que contou com o apoio da imprensa e do Poder Judicial. Diante do confronto entre as narrativas dessas mídias que se perduraram por mais de uma década, foi em 30 de maio de 2007 que a Justiça do Chile condenou à prisão 106 militares e policiais da DINA por sequestrar e assassinar os 119 militantes do MIR que foram contrários à ditadura de Augusto Pinochet.

Assim, via-se a conduta da imprensa nesse período de modo perplexo e controverso, uma vez que a imprensa oficial tentava mobilizar a opinião pública geral a acreditar que o regime era eficiente na eliminação dos possíveis “comunistas” ou “terroristas” - como eram retratados por ela os presos políticos, movimentos de esquerda e grupos minoritários contrários ao governo, ao mesmo tempo que incidiam as revistas de oposição[14] contrárias a esses discursos, denunciando tais acontecimentos e estando ao lado das vítimas e familiares que foram apreendidos por lutar contra o regime. Não é de se duvidar e aqui vale um ponto para outra análise investigativa, que a imprensa jornalística por meio de suas narrativas diárias, seja uma das, senão a principal engajadora frente a opinião pública geral que levou a ampla participação eleitoral, cujo 44,01% "Sim", votaram ao Plebiscito Nacional de 1988 pela continuação de Pinochet no governo.

É necessário, diante dessas problemáticas, um olhar atento para as opiniões públicas produzidas por esses veículos, observando-os enquanto possíveis articuladores e engajadores da política no Chile. Entende-se ainda, neste trabalho, que o estudo da opinião pública se orienta por uma história em profundidade, participante de uma abordagem global da história, ou, dito de outra forma, segundo Becker (2003, p. 186), trata-se de “[...] uma história que tem como finalidade perceber, da maneira mais precisa e segura possível, a atitude, o comportamento dos homens confrontados com os acontecimentos”. Esses comportamentos se revelam tanto naquilo que Bauer denominou de opinião pública “estática” quanto na concepção de Jean Stoetzel de opinião pública “dinâmica”, ambas complementares e perceptíveis nos protestoss ocorridos entre 1983 e 1986. Ademais, este estudo será orientado também pela perspectiva teórica de Habermas (2014), para quem a esfera pública moderna se constitui na relação entre imprensa, sociedade e opinião pública. Nesse sentido, a análise aqui proposta busca compreender como os jornais *El Mercurio* e *La Segunda* e a revista *Análisis* atuaram como atores políticos centrais, produzindo e disputando narrativas que refletiam e,

ao mesmo tempo, moldavam os espaços de debate e contestação durante a ditadura. Os jornais e revistas não apenas noticiaram os protestos, mas participaram ativamente da definição do que deveria ser lembrado, esquecido, valorizado ou criminalizado. É nesse ponto que se insere a relevância do estudo da imprensa como objeto histórico. Antes considerada uma fonte suspeita, a documentação jornalística passou a ser reconhecida como material valioso para a compreensão de uma época, sobretudo a partir das contribuições da Nova História. Conforme assinala Capelato (2015), a História deixa de ser concebida como simples ciência do passado e passa a ser entendida como "ciência da mudança e da transformação". Nesse movimento, inclusive o documento considerado falso passa a ter valor histórico, cabendo ao pesquisador investigar as condições e intenções de sua produção (Capelato, 2015, p. 115).

A notícia, nesse sentido, não pode ser compreendida como reflexo neutro da realidade. Para Jorge (2006), ela constitui uma forma de comunicação e informação, além de gênero e unidade básica de produção jornalística, dotada de regras próprias e de um determinado "relato publicado". O ideal profissional de imparcialidade aparece, assim, como princípio normativo: "O autor registra os fatos, tentando evitar suas opiniões ou interpretações, evitando tomar parte" (Jorge, 2006, p. 03). Entretanto, essa pretensão é amplamente questionada quando se considera que a notícia é também um produto elaborado. Bahia (1971) enfatiza esse caráter ao afirmar que a notícia "(...) é mais do que o fato, o acontecimento, a novidade. É tudo isso e ainda o resultado, o produto da informação de consumo" (Bahia, 1971, p. 65-66). Wolf observa que a notícia é "produto de um processo organizado, que implica uma perspectiva prática sobre os eventos, voltada a representá-los, a dar estimativas simples e diretas sobre suas relações e a fazer isso de modo que consiga atrair a atenção dos espectadores" (Altheide in Wolf, p. 197). Lustosa (1996), por sua vez, reforça a lógica mercantil ao definir a notícia como "produto colocado à venda e que atende à lógica e às exigências do mercado. É a técnica de relatar um fato" (Lustosa, 1996, p. 17).

Essas formulações evidenciam que, para um acontecimento transformar-se em notícia, ele precisa adequar-se às lógicas da indústria informativa, da editoração e do sistema capitalista. Como consequência, o fato chega ao leitor atravessado por enquadramentos, vocabulários e hierarquizações que podem acrescentar sentidos e conotações que não estavam presentes no acontecimento original. Em contextos autoritários, esse processo torna-se ainda mais sensível, pois a circulação de informações é atravessada por censura, autocensura e pressões políticas.

Nesse cenário, a dimensão emocional da linguagem jornalística adquire importância central. Angrimani (1995) observa que o sensacionalismo opera por meio do envolvimento e do choque, recusando a neutralidade: "A linguagem editorial sensacionalista é a do clichê. O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca

‘romper o escudo contra as emoções fortes’. É preciso chocar o público. O sensacionalismo não admite moderação” (Angrimani, 1995, p. 39). Ainda que nem toda imprensa alinhada à ditadura possa ser classificada como sensacionalista, esse debate auxilia a compreender como determinados recursos narrativos reforçaram o medo social, a criminalização da oposição e a naturalização da repressão estatal.

Outro elemento fundamental para a análise é o caráter institucional da imprensa moderna. A partir da constituição dos Estados liberais, a informação passou a ser entendida como direito público, cabendo à imprensa veiculá-la e expressar a opinião pública (Capelato, 2015, p. 121). Contudo, com a modernização e a transformação dos jornais em empresas comerciais, a imprensa passou a assumir uma dupla condição: pública e privada. Essa ambivalência permitiu que a grande imprensa continuasse interferindo na política em nome da “opinião pública”, ao mesmo tempo em que atuava como empresa geradora de lucro, produzindo aquilo que Capelato denomina de “mercadoria política” (Capelato, 2015, p. 122).

Grossi (1981) contribui para essa discussão ao destacar que o poder político influencia a informação por meio da produção de acontecimentos dotados de sentido e de novas definições da realidade. Nesse processo, as fontes jornalísticas ocupam posição estratégica: “Las fuentes representan los confines mutables, en ocasiones inestables, que regulan el equilibrio entre los dos ámbitos” (Grossi, 1981, p. 82). Além disso, “La fuente sería el marco con la función de recurso y constricción al mismo tiempo a la cual el periodista recurre con diversas intencionalidades para concretar su competencia contextualizadora del acontecimiento-noticia” (Grossi, 1981, p. 82). Tais considerações reforçam que a notícia resulta de uma negociação permanente entre acontecimento, fonte, profissionalidade jornalística e sistema político.

Consideradas essas problemáticas, este estudo propõe uma leitura confrontativa das narrativas construídas por *El Mercurio, La Segunda* e *Análisis* sobre as *Protestas Nacionales Sociales*. A análise incide sobre notícias, editoriais e imagens, buscando identificar recorrências discursivas, estratégias de enquadramento, omissões e disputas simbólicas. Do ponto de vista teórico, este trabalho se orienta pela perspectiva de Habermas (2014), segundo a qual a esfera pública moderna se constitui na relação entre imprensa, sociedade e opinião pública. Em contextos autoritários, essa esfera torna-se profundamente desigual, mas não deixa de existir; ao contrário, converte-se em espaço de disputa, resistência e controle. Dessa forma, compreender a atuação de *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* implica reconhecer que a disputa política também se travou nos modos de narrar, publicar, ilustrar e silenciar os acontecimentos.

A dissertação está estruturada em dois capítulos. No primeiro, analisa-se a imprensa chilena como ator político, discutindo a trajetória de *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* e sua inserção no campo comunicacional durante a ditadura. No segundo capítulo, investiga-se a construção das narrativas jornalísticas e imagéticas sobre as *Protestas Nacionales Sociales* (1983-1986), com atenção aos mecanismos de censura, autocensura, sensacionalismo e resistência, bem como às disputas pela memória e pela esfera pública. Para tanto e levando-se em conta a cronologia proposta assim como das fontes que foram coletadas no Chile e das fontes disponibilizadas digitalmente na *Biblioteca*, esse trabalho se conduziu a partir dos seguintes momentos: demos ênfase aos editoriais dos jornais *El Mercurio* e *La Segunda* sobre o Golpe de Estado ocorrido em 1973 e a transição de governo pós-golpe (1974-1975) que tencionam e especulam as posições políticas dos jornais - a este cenário houve a repercussão da imprensa no caso dos membros MIR já mencionado na introdução deste projeto e cujo período tornou-se simbólico pela transformação cultural e editorial impostas pelo novo estilo de governo de regime autoritário; somado a este período nos concentraremos nas *Protestas Nacionales Sociales* no Chile de 1983-1986, cujas primeiras ondas e manifestações sociais contra o regime floresceram em tons de revolta e protestos e cujo momento propiciou um dos maiores enfrentamentos midiáticos entre a imprensa durante todo o regime, como foi o caso de 1 e 11 de Maio de 1983, 27 de março de 1984, 4 de setembro de 1985, 2 de setembro de 1986 e o atentado a Pinochet em 7 de setembro de 1986.

Esses fenômenos são significativos para percebermos o papel e a atividade da imprensa, suas contradições políticas e os novos dilemas que esses jornais e revistas de oposição estariam sujeitos. No que compete às suas seções, ambos jornais e a revista terão enfoque nas seções de notícias, reportagens, editoriais e política para confrontar suas informações. No caso de *El Mercurio*, essas seções são chamadas de *Edición Internacional*, *Sintesis Noticiosa* e *Cultura*. Em *La Segunda,* de *Política*, *Redaccion*, *Hechos Policiales*, *El Mundo*, *Crónica de hoy* e em *Análisis*, são identificadas como *Opinión*, *Política*, *Reportaje* e *Nacional.*

A respeito do estudo das imagens, teve amparo neste projeto, a obra *El Golpe Estético. Dictadura Militar en Chile* 1973-1989, dos historiadores chilenos Luis Hernán Errázuriz e Leiva Gonzalo Quijada, que focalizam o seu estudo no âmbito da sensibilidade estética cotidiana durante a ditadura no Chile, para além do fenômeno artístico, seus circuitos e instituições. Procurou-se demonstrar como o regime militar eliminou expressões culturais da Unidade Popular provocando a destruição e substituição de imagens em muros e impressos, mudando o nome das ruas, irrompendo com novos estímulos sonoros e movimentos cênicos próprios das operações militares. A respeito, o estudo de Harry Pross (1980) neste livro nos

adverte que: “[...] el ejercicio del poder y el poder mismo no se fundamentan únicamente en la violencia, sino que encuentran la raíz misma de su existencia en la dominación a través de signos y símbolos”. Mesmo a própria violência tende a se manifestar cada vez mais como violência simbólica.

Para se ater às problemáticas em torno das matérias ou notícias veiculadas como “sensacionalistas” pela imprensa, utilizei a obra *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*, do jornalista brasileiro Danilo Angrimani, que traça uma análise da imprensa sensacionalista, desde o seu surgimento, na Europa do século XIX, até o final do século XX. O título desse livro faz referência a um jornal sensacionalista no Brasil a partir da década de 1960 e que foi estudado pelo jornalista. O livro num todo é de importância ao projeto ao discutir o conceito de sensacionalismo a partir de sua definição, do seu histórico, da sua linguagem e do ponto de vista psicanalítico. O autor resgata historicamente o surgimento da imprensa sensacionalista no mundo ocidental por meio da *Imprensa Amarela* e *Marrom* e conclui que a imprensa sensacionalista desde esse período que se gestou em conjunto a “guerra da imprensa amarela”, deixou uma lição que foi digerida pelos jornalistas que viveram esse período: sensacionalismo e credibilidade se repelem, são incompatíveis: “O sensacionalismo e as histórias pseudocientíficas naqueles dez anos aumentaram sobremaneira o problema da credibilidade dos jornais, mas esse detalhe foi ignorado” (Angrimani, 1995). A partir do início do século XX, já se sabia que quem ousasse seguir a via sensacionalista entraria em rota de colisão com a credibilidade uma vez que a história do sensacionalismo se confundia com a história da imprensa.

O projeto também se fundamentou na obra, *História das Américas: fontes e abordagens históricas*, das organizadoras Mariana Villaça e Maria Ligia Prado onde Maria Helena Capelato traça alguns pontos metodológicos sobre como ser um historiador crítico na área da imprensa e os procedimentos corretos de uma pesquisa nesse ramo. Ela também faz um panorama histórico sobre o nascimento da Imprensa no mundo e no Brasil e sobre o seu papel na política. Acima de tudo, seu objetivo é refletir sobre o significado e a importância do jornal como fonte e objeto de estudos sobre o passado. As obras *Prensa y Sociedad en Chile, Siglo XX* e *El Diario de Agustín: cinco estúdios de casos sobre El Mercurio y los Derechos Humanos* (1973-1990) dos historiadores chilenos Eduardo Santa Cruz e Armando Uribe, respectivamente, foram cruciais nesse projeto por retratar sobre o funcionamento da imprensa no Chile durante o século XX e mais precisamente durante os anos da ditadura militar (1973-1990).

A obra de Uribe traça uma investigação sobre o jornal *El Mercurio* durante a ditadura e seus envolvimentos com os direitos humanos e apoio ao governo. Uribe defende nas primeiras linhas da obra que *El Mercurio* não é somente um diário, mas uma instituição nacional. Com mais de cem anos de história como principal periódico de Chile, o jornal chegou a ser mencionado por presidentes de todas as épocas e tendências políticas como os ex-presidentes Ricardo Lagos, Arturo Alessandri Palma, Jorge Alessandri Rodríguez e Eduardo Frei Montalva: "Creo que El Mercurio es un diário que honra no solo al pais entero sino a todo el continente" (Uribe, 2009).

No capítulo 1, será realizada uma análise da imprensa chilena como ator político, tendo como objeto os jornais *El Mercurio* e *La Segunda* e a revista *Análisis*. A discussão inicial retoma a formação desses periódicos e sua consolidação no cenário comunicacional chileno ao longo do século XX, com destaque para o papel desempenhado durante a ditadura militar. Para tanto, serão mobilizadas as reflexões de Borrat (1989)**,** que compreende os jornais como atores políticos capazes de intervir na vida pública**,** o que permite pensar a imprensa chilena como parte ativa das disputas simbólicas durante a ditadura. Essa perspectiva ajuda a distinguir o papel de jornais como *El Mercurio* e *La Segunda* - alinhados ao regime e defensores da ordem autoritária - da revista *Análisis***,** que se afirmou como espaço de resistência e denúncia. A esses referenciais somam-se Martínez (2017), ao destacar as interpretações na produção da notícia; Rositi (1982), ao discutir critérios de seleção e hierarquização das informações; bem como Simmel e Arno (1984), que ajudam a compreender as relações de conflito presentes na imprensa.

Além da fundamentação teórica, o capítulo se ancora em análises históricas e críticas sobre o papel da imprensa chilena, recorrendo a Santos (2018), Herrero (2015), Uribe (2009), Angell (2015), Arancibia Clavel (2002) e Matellart (1975), que abordam a trajetória do grupo *El Mercurio*, sua relação com o poder econômico, político e internacional, bem como sua colaboração com o regime militar. A reflexão é enriquecida por aportes de Fredrigo (1997), que interpreta a transição política chilena como marcada por continuidades institucionais e pelos enclaves autoritários da "democracia protegida" e aborda sobre as *protestas*. Também são mobilizadas contribuições teórico-críticas que ampliam a compreensão do fenômeno comunicacional, como Angrimani (1995), ao analisar o sensacionalismo; Althusser (1996), com a noção de aparelhos ideológicos de Estado; Bascuñán (2012), acerca do papel editorial sob a ditadura; Barros (2005), ao relacionar discurso e imaginário político; Barbosa e Monteiro (2022), com análises de fotojornalismo latino-americano; e Santa Cruz, com sua investigação sobre imprensa e sociedade no Chile do século XX.

Dessa forma, a base teórica e historiográfica apresentada no capítulo permite compreender como, em meio às restrições impostas pelo regime, a imprensa chilena se posicionou tanto como veículo de legitimação do poder quanto como espaço de resistência, caso da revista *Análisis.*

No capítulo 2, a atenção se voltará para as notícias e para as formas de construção das narrativas jornalísticas sobre as *Protestas Nacionales Sociales* (1983–1986). O objetivo é investigar como os acontecimentos foram transformados em notícias e imagens e como se estruturou a disputa política e simbólica entre os periódicos alinhados à ditadura e a imprensa oposicionista. Para esse debate, serão centrais as contribuições de Angrimani (1995)**,** ao explorar o impacto do sensacionalismo como estratégia de mobilização emocional; de Ciro Marcondes Filho (1989)**,** ao refletir sobre a imprensa no contexto do capitalismo contemporâneo; e de Habermas (2014)**,** cuja noção de esfera pública e de opinião pública fornece um enquadramento fundamental para compreender a imprensa como mediadora e, ao mesmo tempo, como ator político.

Como desdobramento dessa análise, o último tópico do capítulo 2 - intitulado *Olhares censurados: as fotografias como canal de resistência e legitimação da ditadura chilena* - concentra-se nas dimensões visuais do discurso jornalístico. Nesse segmento, o foco recai sobre os mecanismos de censura, autocensura e resistência expressos nas imagens publicadas por *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* durante o período das *Protestas Nacionales Sociales* (1983–1986). A discussão toma como referência o texto *Fotografías y dictaduras: estrategias comparadas entre Chile, Uruguay y Argentina*, da cientista social Cora Gamarnik, que permite estabelecer paralelos entre as representações fotográficas da ditadura chilena e as dinâmicas repressivas da Operação Condor no Cone Sul. A análise busca identificar como cada periódico se posicionou diante das restrições impostas pelo regime, examinando se as imagens divulgadas foram alvo de censura direta ou se os próprios veículos praticaram a autocensura como estratégia de sobrevivência. Desse modo, o exame das fotografias integra-se à investigação das narrativas jornalísticas, evidenciando como texto e imagem atuaram conjuntamente na construção - e contestação - das representações políticas e simbólicas da ditadura chilena.

Assim sendo, acreditamos que a dissertação estruturada em dois capítulos busca demonstrar, de forma minuciosa e crítica, as problemáticas em torno da imprensa durante a ditadura chilena, contribuindo para uma compreensão mais ampla acerca da atuação desses veículos, que em sua maioria ainda hoje permanecem ativos - à exceção da revista *Análisis*.

Suas intervenções, tanto na conformação da opinião pública dos anos 1980 quanto na atualidade, revelam como a disputa em torno da informação e das narrativas foi central para o controle político e social. A análise das *Protestas Nacionales Sociales* evidencia a relevância da esfera pública como espaço de disputa, debate e resistência em meio ao autoritarismo. A fabricação e circulação de discursos por parte de jornais e revistas não apenas refletiram os acontecimentos, mas os moldaram, provocando instabilidade nas ruas e tensionando os limites entre censura, autocensura e resistência.

Tais processos colocaram em xeque a transparência da imprensa e demonstraram sua condição de ator político, produtor de sentidos e legitimador de memórias. Dessa maneira, ao analisar as *Protestas Nacionales Sociales* como um fenômeno simultaneamente político, social e comunicacional, este trabalho parte do pressuposto de que a imprensa não atuou apenas como observadora dos acontecimentos, mas como agente ativo na conformação dos sentidos atribuídos à mobilização popular e à própria ditadura. As narrativas produzidas por *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* evidenciam que a disputa pela esfera pública chilena esteve profundamente vinculada às formas de nomear, enquadrar e representar o conflito social, revelando os limites e as possibilidades da circulação de informações sob um regime autoritário. Compreender o papel desses veículos significa, portanto, compreender como se estruturaram as batalhas simbólicas em torno da memória, da legitimidade política e da experiência histórica da ditadura chilena, cujos efeitos permanecem presentes no debate público contemporâneo.

Capítulo 1

A Imprensa chilena nos anos 1980: Formação de *El Mercuri*o, *La Segunda*, *Análisis* e o cenário das *Prostestas Nacionales Sociales.*

Durante o século XX a imprensa chilena desempenhou um papel central na construção do noticiário, tendo como principal função ser mediadora entre os acontecimentos e a percepção pública (Capelato, 2015). Martínez (2017) observa, contudo, que as notícias da imprensa são produzidas de modo a parecerem um "reflexo da realidade", utilizando linguagem predominantemente descritiva e estratégias de veridicção que naturalizam interpretações específicas das elites simbólicas com acesso ao discurso público. Nesse caminho, Borrat foi particularmente preciso ao afirmar que os jornais funcionam como atores políticos influentes na sociedade, ao mesmo tempo em que estão sujeitos à coerção dos detentores do poder estatal (Borrat, 1989, p. 67). Em sua análise, ele sustenta que, em regimes democráticos ocidentais, a atuação política dos jornais constitui uma “existência necessária”. Essa proposição, no entanto, nos suscita novas questões: em contextos ditatoriais, avessos à democracia, qual é a relevância dessa atuação? Torna-se ainda mais necessária ou é inexistente diante da censura e repressão?

No contexto da ditadura chilena, os jornais *El Mercurio* e *La Segunda*, assim como a revista de oposição *Análisis*, constituíram-se como exemplos que desafiaram ou foram além das interpretações tradicionais acerca do papel e atuação política da imprensa em regimes autoritários. Esses veículos evidenciaram que, talvez pela primeira vez na história das ditaduras latino-americanas, a imprensa não apenas preservou, mas também ampliou sua relevância política e social. Sua atuação foi atravessada por ambivalências: em determinados momentos - como será observado nos jornais - submeteram-se a múltiplos interesses políticos e econômicos, transgredindo limites éticos e comprometendo sua credibilidade perante a opinião pública geral; em outros, como será mostrado pela revista *Análisis*, revelaram capacidade de resistência à censura.

A atuação da imprensa chilena durante o regime de Pinochet pode ser compreendida desta forma, como um processo de ruptura simbólica do 'véu' da suposta transparência jornalística, expondo suas fragilidades, suas competências técnicas, as influências político-ideológicas que a atravessavam, bem como seu poder de conformar narrativas e, em certa medida, sua capacidade de resistência:

> Al mismo tiempo que reafirma sus señas de identidad ya reconocidas e institucionalizadas como productor y comunicador público de la actualidad periodística, presenta otras que le perfilan como participante de conflictos políticos, a título de parte principal o de tercero involucrado” (Borrat, 1989, p. 68,).

O jornal e sua editora são agentes de socialização que buscam entreter, educar e informar seus leitores. Suas ações públicas são, portanto, resultado de uma série de decisões não públicas, perceptíveis nas agendas editoriais. Como ator no sistema político e grupo de interesse, o jornal se revela por meio do conflito - enquanto comunicador e narrador de um discurso polifônico, ele desenterra confrontos internos, com seus pares, outros meios de comunicação e atores sociais (Borrat, 1989). Durante a ditadura chilena, *El Mercurio* e *La Segunda* se enquadraram no nível "inter" descrito por Borrat, Simmel e Arno (1984), isto é, atuando como partes principais em relações de conflito com governos, partidos políticos, movimentos sociais e organizações internacionais nas quais as fontes detalhadamente mostrarão nos próximos capítulos.

Ao atravessar os mecanismos de controle, a suposta neutralidade jornalística se converte em conflito. Nesse espaço, o jornal pode atuar não apenas como narrador, mas também como terceiro envolvido e, por vezes, como protagonista: "Cuando los periódicos se presentan a sí mismos, la centralidad del conflicto es un dato constante. [...] Rara vez, en cambio, informa acerca de sus propios conflictos internos[18]" (Borrat, 1989, p. 71).

Durante o processo de produção jornalística, decisões de exclusão, inclusão e hierarquização moldam não apenas os fatos noticiáveis, mas também as fontes, os dados, os atores e as ideias que compõem a atualidade (Rositi, 1982, p. 115–153). Essas escolhas editoriais revelam muito mais do que simples critérios técnicos: elas evidenciam estratégias discursivas e políticas que posicionam o jornal como um agente ativo na construção da realidade social e política. Ao comparar editoriais publicados de *El Mercurio* com as de outros veículos como a da revista *Análisis* e com dados externos, é possível identificar padrões que denunciam intenções específicas, alinhamentos ideológicos e até omissões calculadas.

Essas estratégias se manifestam também na forma como o jornal estrutura suas ações públicas e seleciona suas fontes de informação. A análise crítica dos jornais *El Mercurio* e *La Segunda* enquanto atores políticos exigem, portanto, uma abordagem que combine o estudo do discurso jornalístico com a teoria dos discursos políticos e das fontes. Os anúncios publicitários, mesmo quando não apresentam linguagem política explícita, colaboram com os textos jornalísticos na construção de uma visão de mundo idealizada, sedutora e socializadora (Borrat, 1989). A seção política, por sua vez, ocupa um espaço privilegiado, onde os objetivos permanentes de lucro e influência se entrelaçam com objetivos temporais, dando origem a estratégias específicas que podem se desenvolver ao longo de várias edições ou se concentrar em um único texto (Borrat,1989).

Essas estratégias se revelam nas opiniões sugeridas ou implícitas nas narrativas e comentários, que funcionam como versões ou revisões da história imediata. A linguagem política da imprensa, nesse contexto, desempenha funções múltiplas: interpretar e conectar informações, disseminar dados, projetar o futuro e o passado, implementar agendas públicas, estimular ações e, em alguns casos, desinformar. As três primeiras funções são comuns aos atores políticos dos jornais e da revista, enquanto as últimas são contingentes e reveladoras de estratégias específicas atribuídas a *El Mercurio* e *La Segunda*. A assimetria na escolha das fontes - ao utilizar dirigentes do sistema político de Pinochet e dissidentes de um grupo contrário à ditadura, no caso de universitários, grupos perseguidos etc. - denunciam preferências editoriais e alinhamentos políticos. A presença de fontes anônimas ou veladas também indicam o acúmulo de recursos estratégicos por parte dos jornais, que se valem dessas práticas para legitimar suas decisões editoriais sob os princípios do "trato justo", do "equilíbrio" informativo e do "pluralismo" opinativo (Borrat,1989).

Assim, o jornal, de modo geral, não apenas narra os acontecimentos, mas participa ativamente dos conflitos que permeiam os sistemas político, social, cultural e econômico. Como comentarista e protagonista, ele se posiciona como um ator político de primeira ordem, capaz de influenciar e lucrar em múltiplos cenários. Sua atuação, longe de ser neutra ou passiva, é marcada por escolhas editoriais que revelam intenções, disputas e compromissos, tornando-o um agente central na dinâmica do poder e da informação (Borrat,1989) como veremos a seguir, ao falarmos do jornal *El Mercurio* e sua atuação política desde o século XIX.

1.1 Do nacionalismo à legitimação do regime: *El Mercurio* da Guerra do Pacífico à Ditadura.

A Guerra do Pacífico (1879-1884) - conflito que opôs Chile, Peru e Bolívia, motivado sobretudo por disputas econômicas e territoriais[10] - representou um momento decisivo para a projeção e consolidação do jornal *El Mercurio de Valparaíso*. Fundado originalmente em 12 de setembro de 1827 pelos três jovens: o político liberal Pedro Félix Vicuña, e os linotipistas Thomas Wells e Ignácio Silva, o periódico passou, em 1880, para as mãos de Agustín Edwards Ross, pioneiro no setor bancário, na mineração e nos transportes:

> Edwards Ross, desde cedo, ambicionou ocupar um papel de primeiro plano na política chilena, chegando a mirar a presidência da República. Foi deputado pelo Partido Nacional, exercendo a função por quatro mandatos entre 1876 e 1888. Teve participação crucial no desenrolar da Guerra do Pacífico e, no governo de José Manuel Balmaceda, ocupou a cadeira de ministro da Fazenda, deixando o posto em pouco tempo, após a recusa do presidente em apoiar o projeto de privatização das minas de Salitre (Santos, 2018, p.30).

Durante o conflito, o *El Mercurio de Valparaíso* foi amplamente utilizado por Edwards como plataforma de construção e difusão de um discurso nacionalista, destinado a mobilizar a opinião pública em favor da guerra e da anexação de territórios bolivianos e peruanos. A linha editorial defendia a expansão territorial como elemento essencial para o fortalecimento econômico e político do Chile, refletindo interesses comuns às elites nacionais da época. Nesse sentido, Schettino (2017, p. 91) destaca: "O *El Mercurio de Valparaíso* foi um instrumento importante para legitimar a Guerra do Pacífico. Seu discurso nacionalista e inflamado confirmou o desejo dos Edwards, e demais membros das elites chilenas, de dominar os territórios vizinhos para incrementar a economia do Chile".

Assim, com a compra do jornal e ação influente sobre a Guerra do Pacífico, a família passou a articular negócios e política, ampliando sua presença nas esferas decisórias do país e encontrando no jornal não apenas um empreendimento de comunicação, mas também um instrumento estratégico de influência na vida pública, consolidando o império da família na imprensa:

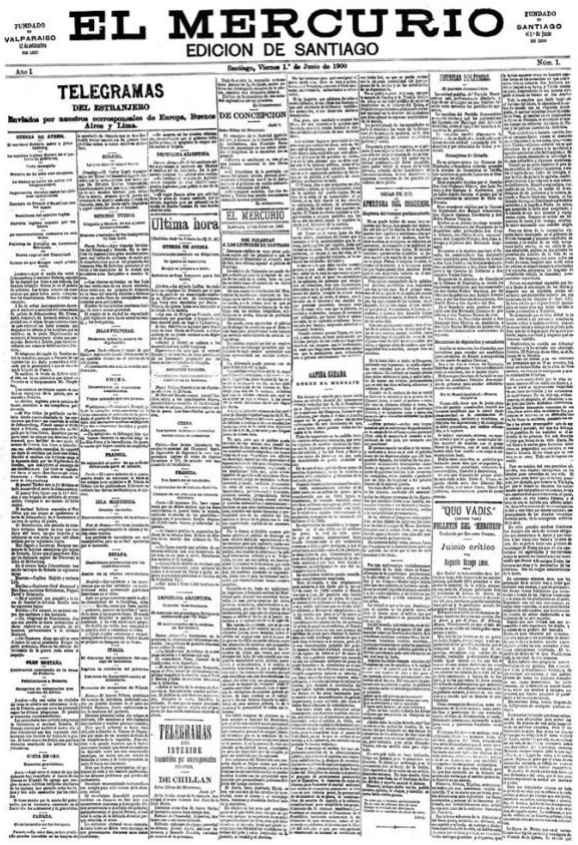
> Terminada a Guerra Civil, Agustín Edwards Ross esteve por cinco meses à frente do ministério de Indústria e Obras Públicas. Morreu em de novembro de 1897, aos quarenta e cinco anos. Seu único filho, Agustín Edwards MacClure, seria o responsável por dar novo impulso aos negócios jornalísticos da família (Santos, 2018, p.33).

Seu filho, Agustín Edwards MacClure, fundou em 1900 o *El Mercurio de Santiago*, que rapidamente se tornou o jornal mais influente do país - sendo até os dias de hoje considerado

[10] HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. Coleção Ensaios Latino-americanos, vol. 10. São Paulo: Edusp, 2011. 176 p. ISBN 8531412943.

"referência" do jornalismo contemporâneo e um dos jornais mais antigos do Chile. Nos anos posteriores à criação de *El Mercurio* em Santiago, Edwards MacClure fundou diversas outras publicações, entre as quais se destacam o jornal *Las Últimas Noticias*, versão vespertina de *El Mercurio*; a revista *Zig-Zag*; o periódico *El Mercurio de Antofagasta*; a revista infantil *El Peneca*; a revista de arte *Selecta*; e a revista *Familia*, voltada especialmente ao público feminino (Santos, 2018).

Imagem 1. Primeira edição do periódico *El Mercurio* de Santiago.



EL MERCURIO

EDICION DE SANTIAGO

TELEGRAMAS

DEL ESTRANJERO

Fonte: El Mercurio, junho de 1900, n.1

Ao longo do século XX, os Edwards expandiram seus negócios para bancos, seguradoras, indústrias e transportes, mantendo estreita ligação com a política nacional. Sob o comando de Agustín Edwards Eastman (1927–2017), a família alinhou-se aos Estados Unidos durante a Guerra Fria, apoiando campanhas anticomunistas e articulando redes de negócios com empresários como David Rockefeller. Foi nesse período que *El Mercurio* se consolidou como

um dos principais porta-vozes da direita chilena, desempenhando papel decisivo contra Salvador Allende e na difusão das ideias neoliberais dos Chicago Boys:

> No começo dos anos 1960, os Rockfeller criaram a IBEC Chilena S. A., cujo sócio no Chile era justamente Agustín Edwards, que detinha 20% das ações da empresa e foi nomeado seu presidente. Em pouco tempo, a IBEC passou a ter investimentos em mais de uma dezena de empresas. Em alguma delas, o próprio Edwards tinha importante participação, como a *Compañía Cerveceras Unidas* (CCU), maior fabricante de bebidas do país, e a Compañía Industrial. Por meio da IBEC, David Rockfeller instalou no Chile, em 1967, a Ralston Purina, maior fabricante de comida animal do mundo e importante produtor de carne de frango. Rockefeller havia sido um grande promotor da Aliança para o Progresso, e contribuíra financeiramente para o apoio clandestino que o governo norte-americano dera ao candidato democrata-cristão na eleição de 1964 (Santos, 2018, p.42).

A partir de 1967, Edwards abriu espaço nas páginas de *El Mercurio* para os *Chicago Boys*, permitindo que diversos economistas ligados ao Centro de Estudos Socioeconômicos (CESEC) publicassem artigos e editoriais com frequência. Nesse mesmo ano, em junho, o diretor do jornal, René Silva Espejo, sugeriu reunir esses textos em um único dia da semana, o que levou à criação da *Página Económica*. A seção passou a ser publicada todos os sábados e teve grande repercussão, marcando a primeira vez que um jornal de grande circulação no Chile destinava um espaço exclusivo para assuntos econômicos.

> Ao mesmo tempo em que estabelecia negócios com Rockfeller, Agustín Edwards aproximou-se e passou a promover as ideias neoliberais da Escola de Economia da Universidade de Chicago. Com essa intenção, suas empresas patrocinaram a criação do Centro de Estudos Socioeconômicos (Cesec), considerado por muitos o primeiro *think tank* chileno. O Cesec foi formado por economistas que, a partir de um convênio firmado entre a Universidade Católica e a Universidade de Chicago, haviam realizado estudos de pós graduação na Faculdade de Economia da universidade norte-americana. Seria a origem do grupo de economistas que mais tarde ficariam conhecidos como Chicago Boys (Santos, 2018, p.43)

Assim, devido a aliança com os Rockfeller e os EUA no contexto geral da Guerra Fria e a contribuição para o nascimento dos Chicago Boys, Eastman marcou sua trajetória jornalística pela dupla dimensão de gestor empresarial e de ator político. Desde a década de 1960, ocupou posições de destaque em organismos internacionais de imprensa, como a presidência da *Associação Interamericana de Imprensa*. Entretanto, sua notoriedade advém, sobretudo, do papel desempenhado na articulação e sustentação midiática da oposição ao governo de Salvador Allende. Documentos desclassificados comprovam que, em 1970, Edwards se reuniu com autoridades norte-americanas e a CIA, fornecendo informações estratégicas e recebendo apoio financeiro para fomentar a desestabilização do processo democrático chileno[11].

[11] Latam Journalism Review. Dono do jornal chileno El Mercurio admite ter feito contato com a CIA antes do golpe contra Allende. Latam Journalism Review: Português, 11 out. 2013. Autor: Guest (Travis Knoll).

Ao longo das décadas posteriores, a família Edwards consolidou um vasto conglomerado de mídia. No início da década de 1970, já detinha o controle de quatro companhias ligadas ao setor comunicacional e entre elas estava a *El Mercurio S.A.P.*, responsável pela circulação nacional dos jornais *El Mercurio*, *Las Últimas Noticias* e *La Segunda*. Além disso, administravam outras três empresas encarregadas da edição de catorze diários regionais distribuídos em diferentes partes do Chile:

> No ramo da imprensa, as empresas de Edwards detinham considerável fatia do mercado. A empresa El Mercurio S. A. P, em Santiago, tinha como propriedade os diários El Mercurio (circulação diária média de 120 mil exemplares), Las Últimas Noticias (67 mil) e La Segunda (25 mil); no interior, a empresa controlava 14 diários regionais, com destaque para El Mercurio de Valparaíso (32 mil exemplares) e El Mercurio de Antofagasta (12 mil). A Editorial Lord Cochrane editava revistas de grande circulação (semanais e quinzenais), de temáticas variadas: femininas, juvenis, cinema, música, quadrinhos (Santos, 2018, p.49; Matellart, 1975, p.43-45).

Durante a ditadura de Augusto Pinochet (1973–1990), os jornais de Edwards atuaram como instrumentos de legitimação do regime, publicando notícias manipuladas, encobrindo violações de direitos humanos e sustentando narrativas alinhadas ao autoritarismo militar. O *El Mercurio* foi descrito por agentes da CIA como uma das frentes mais militantes contra o governo deposto (Santos, 2018). O apoio norte-americano à sua rede jornalística perdurou mesmo após o golpe, reforçando o papel do conglomerado na consolidação da Junta Militar. No seu auge o jornal também enfrentou críticas e resistência, como no episódio de 1967 em que estudantes estenderam uma faixa acusando-o de manipulação - gesto que marcou a percepção pública de *El Mercurio* como instrumento de poder político e econômico:

Imagem 2. Faixa pendurada pelos estudantes da Universidade Católica de Chile no dia 11 de agosto de 1967.

Disponível em:https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/dono-do-jornal-chileno-el-mercurio-admite-ter-feito-contato-com-a-cia-antes-do-golpe-contra-allende/ LatAm Journalism Review. Acesso em: [01.jul.2025].



Fonte: *Edición Cero*, 1967

Conforme aponta Santos (2018) e Herrero (2015):

> O que se revelou foi que os Edwards usavam os fundos da Universidade para uma série de investimentos em suas próprias empresas, sendo acusados em uma investigação no Senado de "haber transformado la fundación de beneficencia Federico Santa María en un verdadero holding de empresas para mover capitales, controlar sociedades y montar un imperio económico" (Santos, p.45; Herrero, p.283).

Em setembro de 1970, às vésperas da confirmação da vitória eleitoral de Salvador Allende, Agustín Edwards Eastman deslocou-se a Washington, onde se reuniu com Henry Kissinger, então assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos, além de Richard Helms (Diretor da CIA) e John N. Mitchell (Procurador-geral). Documentos desclassificados revelam que esse encontro constituiu a primeira reunião formal entre um civil chileno e a cúpula da inteligência norte-americana, na qual Edwards pressionou pela execução de um golpe preventivo que impedisse a posse do presidente eleito. O empresário forneceu informações estratégicas à CIA, identificando aliados potenciais nas Forças Armadas chilenas e nos quadros administrativos do Estado[12]. Posteriormente, permaneceu em Washington compartilhando mais dados sensíveis, sendo provável que tenha se reunido também com Richard Nixon. A partir

[12] HERRERO, Víctor. Edwards informa a la CIA sobre quiénes pueden sacar a Allende. Interferencia, 2 set. 2020. Disponível em: https://interferencia.cl/articulos/edwards-informa-la-cia-sobre-quienes-pueden-sacar-allende. Acesso em: [10.jul.2025].

dessa articulação, o governo norte-americano autorizou repasses financeiros secretos a Edwards - estimados em cerca de dois milhões de dólares - destinados a sustentar a ofensiva midiática de seu conglomerado jornalístico, cuja função central foi fomentar instabilidade política, desacreditar o governo de Allende e preparar o terreno para o golpe de 11 de setembro de 1973 (Santos, 2018).

Apesar de *El Mercurio* ter sido um dos poucos jornais cuja circulação permaneceu autorizada nos dias imediatamente posteriores ao golpe militar - ao lado de *La Segunda* e *Las Últimas Noticias*, pertencentes a Agustín Edwards, e de *La Tercera*, controlado pela família Picó Cañas, opositores da Unidade Popular - o diário enfrentou, ainda que brevemente, a presença de censores militares em sua redação. Essa intervenção, contudo, não resultou em maiores prejuízos ao periódico. Pelo contrário, a suspensão de outros veículos acabou fortalecendo a posição de *El Mercurio*, que passou a concentrar significativa parcela da publicidade estatal, além de beneficiar-se da redução da concorrência: em Santiago, por exemplo, antes do golpe circulavam ao menos nove jornais de grande porte, entre os quais *Clarín* e *La Nación*, que foram extintos (Santos, 2018). A censura direta foi de curta duração, sendo rapidamente substituída por um regime de autocensura definido em reunião entre o governo e os diretores de jornais e revistas, ao qual *El Mercurio* aderiu prontamente. O então vice-diretor do diário, Arturo Fontaine, recorda esse processo destacando que, nos primeiros dias, a inspeção era conduzida por oficiais do Exército de alta patente, com certa rigidez, mas de maneira cortês. Entretanto, segundo ele, "[...] en el caso nuestro la censura total no duró 15 días. Ahí empezó después entregas por partes y después fueron soltando la mano y no tuvimos censores"[13] (Fontaine apud Arancibia Clavel, 2002).

1.2 *El Mercurio* e o regime militar: Entre a informação e a propaganda.

Durante o golpe de 11 de setembro de 1973, marcado pelo bombardeio do Palácio de La Moneda, pela deposição e morte do presidente Salvador Allende e pela ascensão de Augusto Pinochet ao poder por meio de uma junta militar, instaurou-se no Chile um cenário de profunda instabilidade política e social, cujas marcas permaneceriam na memória coletiva por décadas. A tentativa do golpe já vinha sendo forjada pelo exército militar, partidos políticos contrários a Unidad Popular (*UP*) e principalmente, instigada pela Guerra Fria, obteve apoio financeiro da *Central Intelligence Agency* (*CIA*), dos Estados Unidos (Angell, 2015). Não apenas no campo

[13] "[...] no nosso caso, a censura total não durou 15 dias. Aí começaram as entregas por partes e depois foram abrandando e deixamos de ter censores" (Fontaine apud Arancibia Clavel, 2002, tradução nossa).

internacional a ditadura ganhou apoio por simbolizar a possível derrota do “marxismo” no Chile e no Cone Sul, mas sobretudo no âmbito nacional, o regime adquiriu destaque e apoio da grande imprensa, em especial, da empresa jornalística *El Mercurio S.A. P*, *Edwards*, com os diários de *El Mercurio* e *La Segunda* envolvidos com a *CIA* no apoio ao golpe de 1973 (Santos, 2020). Deste modo, *El Mercurio* e *La Segunda* consolidaram em quase duas décadas de regime e frente à opinião pública geral, publicações com características enviesadas, de um nacionalismo político na luta contra o suposto “marxismo”. Um dos objetivos, portanto, nesse contexto, é analisar como os discursos dos “Homens de *Edwards*”, isto é, os filhos do dono *Agustín Edward*s e dos jornais *El Mercurio* e *La Segunda*, tiveram destaque e atuação no amparo à ditadura de modo a influenciar a opinião pública na defesa e continuidade de um sistema antidemocrático e autoritário.

El Mercurio teve uma influência significativa na economia durante a ditadura, tornando-se um modelo para a "imprensa liberal" que as grandes empresas desejavam (Uribe, 2009). É uma "empresa familiar" que, em 1978, já controlava 77% dos gastos publicitários na mídia impressa. Os chamados *Homens de Edwards* demonstram o poder de *El Mercurio* na economia nacional, indicando que os interesses econômicos do grupo se confundiam com os do Estado: "Fernando Léniz, Álvaro Bardón, Joaquín Lavín, entre otros, fueron las mentes detrás de la reforma económica impulsada por la dictadura y que El Mercurio apoyaría a través de su sección de Economía y Negocios, dirigida por los mismos protagonistas[13]" (Uribe, 2009, p.29). *El Mercurio* não apenas expandiu sua presença na economia, mas também alterou o conteúdo e a forma de seu jornal.

Na mesma direção, o jornal *La Segunda*, fundado em 1931 e pertencente à empresa *El Mercurio S.A.P.*, sob controle da família *Edwards*, foi administrado por Agustín Edwards Eastman e seu filho Cristián Edwards del Río, vice-presidente da empresa. Durante a ditadura, muitos integrantes do Conselho Editorial e da Redação de *El Mercurio* ocuparam cargos no governo e tinham acesso às informações sobre o que deveria ou não ser publicado. Um exemplo disso é o colunista Hermógenes Pérez de Arce, conhecido por suas colunas às quartas-feiras em *El Mercurio*, nas quais defendia o regime militar em geral, e Augusto Pinochet em particular (Uribe, 2009). *La Segunda*, em termos de design, frequentemente usava títulos e capas sensacionalistas, com a intenção de causar um impacto nos leitores e garantir que acreditassem nas matérias publicadas e dessa maneira, conseguia atrair a atenção do público em suas edições

[13] "Fernando Léniz, Álvaro Bardón, Joaquín Lavín, entre outros, são as mentes por trás da reforma econômica promovida pela ditadura e que El Mercurio apoiaria por meio de sua seção de Economia e Negócios, dirigida pelos mesmos protagonistas" (Uribe, 2009, p.29, tradução nossa)

vespertinas.

El Mercurio durante o regime propiciou um ideário individualista e de estrutura e conteúdo que fugisse da realidade e abarcasse o espaço de entretenimentos e esportes fazendo com que seus leitores se desviassem de qualquer aspecto que influísse a política (Uribe, 2009). Todavia, quando a esses acontecimentos-notícia não conseguiam escapar, endossava uma cultura extremamente forte ao antimarxismo. Essa percepção fica evidente nos textos opinativos do corpo editorial[14] de *El Mercurio*. Na primeira semana de janeiro de 1974, o editorial intitulado *Realismo y Esperanza* de *El Mercurio*, expressa seu apoio as palavras do general Augusto Pinochet, que ao discursar sobre o *Año Nuevo* - iniciado três meses após o golpe - defende a restauração de uma "democracia" comandada pelos militares e revela que no discurso do presidente da Junta não havia nenhuma concessão à demagogia e que "No hay una sola promesa, como no sea la de aplicar medidas severas a los que pretendan quebrantar la paz o danar a la patria[15]" (Realismo y Esperanza. *El Mercurio*, Santiago, p.3 jan.1974). Aqueles a quem tais medidas severas seriam aplicadas, o jornal se referia aos supostos "comunistas" - também denominado pelo jornal em quase todas as publicações de "terroristas" ou "extremistas" - e a qualquer outro indivíduo que fosse contrário ao regime:

> Las palabras del general Pinochet dejan en claro que el país tendrá que recuperarse con su propio esfuerzo y sacrificio. Ha vuelto la fe a Chile, la convicción de que hay un gobierno que conduce al pueblo y la persuasión de que el triunfo nacional contra el comunismo es el comienzo de mayores pruebas, pero también de mayores glorias. Por eso el saludo de Año Nuevo del Presidente de la Junta, aunque duro y poco halagador, es un mensaje de esperanza[16] (Editorial: Realismo y Esperanza. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974)

No âmbito político-econômico, o editorial em, *Equilibrio Presupuestario,* delega a crise econômica corrente em 1974 no Chile ao governo da UP, destacando um aumento do déficit de 17% no ano de 1970 para 50% no ano de 1973, causado, segundo eles, pela política fiscal marxista e, sem demora, prestigiam o novo orçamento fiscal criado pelo regime de Pinochet:

---

[14]Diretor de El Mercurio: René Silva Espejo; Endereço: Compania 1214; Representante Legal: Benjamin Saavedra Camus; Endereço: Compania 1214; Proprietário: Empresa El Mercurio S.A.P.

[15] "Não há uma única promessa, a não ser a de aplicar medidas severas para "aqueles que tentam quebrar a paz ou prejudicar a pátria" (Editorial: Realismo y Esperanza. El Mercurio, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974, tradução nossa)

[16] "As palavras do General Pinochet deixam claro que o país terá que se recuperar com seu próprio esforço e sacrifício. A fé voltou ao Chile, a convicção de que há um governo que lidera o povo e a persuasão de que o triunfo nacional contra o comunismo é o início de maiores provações, mas também de maiores glórias. Por isso, a saudação de Ano Novo do Presidente da Junta, embora severa e sem lisonjas, é uma mensagem de esperança" (Editorial: *Realismo y Esperanza*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974, tradução nossa).

> Hubo una época, bajo el gobierno marxista bajo en que los apetitos de comodidad de los funcionarios socialistas, comunistas, mapucitas (recuérdese el escándalo automotriz protagonizado por el respectivo mini partido) y radicales condujeron a que el 40 por ciento de la producción interna de automovile fuera adquirido por el Estado. Estas economías en gastos corrientes han permitido que, en el Presupuesto de 1974, la proporción de los gasto de inversión haya subido de una cuarta parte, que era anteriormente, a una tercera parte (de 24,1 por ciento a 34,4 por ciento) con la correspondiente disminución proporcional de los gastos corrientes [...] Al anunciarse el nuevo Presupuesto Fiscal han quedado de manifiesto varios rasgos importantes que permiten observar un rápido retorno a normas que possibilitaran en años próximos el deseable equilibrio presupuestario, sin que por ello se creen problemas sociales derivados de la brusca disminución de los gastos excesivos[17] (Editorial: *Equilibrio Presupuestario*. E*l Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974)

No discurso, *Batalla Legal Contra El Marxismo*, em abril de 1974, mais uma vez o jornal critica o governo anterior e defende a perseguição dos antigos hierárquicos da UP afirmando que: "Perseguidos criminalmente los jerarcas de la ex UP que aún subsisten en el país se restablecerán un equilibrio de justicia que ellos mismos quebraron con sus tropelías[18]" (Editorial: *Batalla Legal Contra El Marxismo*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 20 a 27 jan.1974).

Uma das formas do diário *El Mercurio* abrandar a violência exercida pelos militares aos detidos e exilados, ocorreu com a oposição às denúncias de maus tratos e recorrentes mortes comparadas aos campos de concentração da União Soviética no Chile onde, o jornal argumenta em fevereiro de 1974 no artigo, *Situación de Marxistas Detenidos,* que as autoridades militares estão guiadas por um estrito espírito de justiça e que cada detento desfruta de uma série de cuidados que os visitantes estrangeiros apreciam se forem motivados por um espírito objetivo:

> Mientras se inician los procesos respectivos, en que por cierto habrá pleno derecho a defensa, los privados de su libertad están sujetos a una existencia dinámica en que junto a trabajos manuales figuran jornadas de esparcimiento. Su salud les es controlada en forma periódica, reciben cartas, pueden requerir asistencia jurídica y en general gozan de una serie de franquicias que los visitantes extranjeros valoran si les anima un espíritu objetivo. El reportaje publicado en nuestra edición dominical ha permitido a la opinion pública formarse un cuadro prolijo de las vicisitudes de los recluidos en Chacabuco. La disminución sistemática del número de aquellos, muchos puestos en libertad al comprobarse su falta de méritos, indica que las autoridades

[17] "Houve uma época, sob o regime marxista, em que o apetite por conforto dos funcionários socialistas, comunistas, mapucitas (lembre-se do escândalo automobilístico envolvendo o respectivo mini partido) e radicais fez com que 40% da produção nacional de automóveis fosse comprada pelo Estado. Essas economias nas despesas correntes permitiram que a participação das despesas de investimento no orçamento de 1974 aumentasse de um quarto para um terço (de 24,1% para 34,4%), com uma redução proporcional correspondente nas despesas correntes. [...] Com o anúncio do novo orçamento fiscal, várias características importantes se tornaram evidentes, o que aponta para um rápido retorno às regras que tornarão possível alcançar um orçamento equilibrado desejável nos próximos anos, sem criar problemas sociais decorrentes da redução abrupta dos gastos excessivos" (Editorial: *Equilibrio Presupuestario*. E*l Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974, tradução nossa)

[18] "O processo criminal contra os ex-líderes da UP que ainda permanecem no país restabelecerá o equilíbrio da justiça que eles mesmos romperam com seus ultrajes" (Editorial: *Batalla Legal Contra El Marxismo*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 20 a 27 jan.1974, tradução nossa).

> militares están guiadas por un estricto espíritu de justicia[19] (Editorial: *Situación de Marxistas Detenidos*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 18 a 24 fev.1974).

Esse espírito objetivo de justiça, que deve ser rigorosamente motivado e absorvido pelos chilenos, é idealmente explicado e reivindicado por *El Mercurio*, em *Modo de Vida Chileno*. O editorial apresenta um discurso e defesa de um modo de vida nacional chileno, após os comentários do comandante em chefe da marinha, almirante José Toribio Merino, na representação da Junta do Governo e inauguração da sala *Andrés Bello*, pertencente a Editorial Jurídica, que declarou que a grande missão do país, após o golpe, consistia em criar uma juridicidade nova, própria, estável e que canalizasse sem desvios a marcha do povo (*Nueva Juridicidade*. El Mercurio, Santiago, p.3. 1 a 6 de jan. 1974):

> Hay un modo de ser y de vivir chileno que está lejos de ser considerado un ejemplo para los demás y que tal vez merezca una rectificación; pero es nuestro modo de vida, nuestro estilo, en el que hay valores genuinos. La democracia chilena deriva de esta forma de ser nacional. El país necesita disciplinarse y aprender los requisitos para sobrevivir en el mundo de hoy. Los perezosos, blandos y sin imaginación se pierden en la feroz competencia y, aparte de avances aislados y esporádicos de uno u otro país, una apatía común era el carácter dominante de la política y la economía de la región.
>
> Eso ha cambiado: Brasil es ya una gran potencia; México y Argentina siguen su estela; Perú lleva a cabo su propio experimento político y social; Bolivia, el suyo; y, en fin, la emulación y la constatación de que hay que superar un futuro difícil sacuden el continente de un extremo a otro.
>
> Chile debe recuperarse moral y materialmente, recobrar su fortaleza y la seguridad de sus fuerzas. Este es el objetivo del trabajo de reconstrucción que llevan a cabo las Fuerzas Armadas y Carabineros. Pero la recuperación será auténtica si se respeta el espíritu o modo de ser nacional en sus contornos esenciales. Las tendencias estatistas, centralistas y controladoras han deteriorado el modo de vida chileno.
>
> El país necesita un Estado fuerte, pero éste es lo opuesto a un Estado burocrático, enredado en su propia sobreabundancia de servicios y personal, vacilante pero no menos opresor cuando atropella la justicia. Un Estado fuerte y musculoso, liberado de su fofa grasa burocrática, desvinculado de intereses mezquinos y puesto al servicio de la causa permanente del país. Este es el concepto portaliano, el mismo que sin duda inspira a la Junta de Gobierno.
>
> [...] Una necesaria libertad en las decisiones económicas de los individuos es garantía de la existencia de una libertad real a todos los niveles, aunque no se exprese

[19] "Enquanto os respectivos processos estão em andamento, nos quais haverá, é claro, plenos direitos de defesa, as pessoas privadas de liberdade estão sujeitas a uma existência dinâmica na qual, além do trabalho manual, há dias de recreação. Sua saúde é verificada regularmente, eles recebem cartas, podem solicitar assistência jurídica e, em geral, desfrutam de uma série de facilidades que os visitantes estrangeiros apreciam se forem motivados por um espírito objetivo. [...] A reportagem publicada em nossa edição de domingo permitiu que a opinião pública formasse um quadro detalhado das vicissitudes dos detentos de Chacabuco. A diminuição sistemática do número de prisioneiros, muitos dos quais foram libertados quando sua falta de mérito foi comprovada, indica que as autoridades militares são guiadas por um rigoroso espírito de justiça. Os culpados, por outro lado, enfrentarão as consequências de suas ações equivocadas que levaram o Chile à beira do abismo" (Editorial: *Situación de Marxistas Detenidos*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 18 a 24 fev.1974, tradução nossa).

> formalmente. La libertad de trabajo, de empresa, de industria, de iniciativa intelectual o económica y la libertad de conservar los frutos del propio trabajo y de poseerlos constituyen la base de un sistema político libre. [...] El trabajo político duradero surge de la conciliación de la autoridad y la libertad, una conciliación que a su vez depende del trabajo de interpretación del sentido interno del pueblo, lo que llamamos su modo de vida[20] (Editorial: *Modo de Vida Chileno*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974)

Esse discurso proferido por *El Mercurio*, apresenta considerações importantes. Num primeiro ponto, fica evidente a posição política do jornal em apoio ao regime de Pinochet e a forte oposição ao marxismo, tendências estatistas, centralistas e controladoras, que segundo eles, simbolizavam o governo de Salvador Allende e a UP e deterioravam o modo de vida chileno. Num segundo plano, o editorial cita os países da América do Sul nesta ordem: Brasil, México, Argentina, Peru e Bolívia, enfatizando que cada nação no âmbito político e econômico, estava vivendo suas próprias experiências políticas e sociais (Peru e Bolívia), se tornando uma grande ou futura potência (Brasil, Argentina e México) e que todos eles deveriam olhar para o seu futuro difícil - advindos dos governos anteriores - como algo a ser superado pelas ditaduras que se instalaram quase que simultaneamente na América do Sul, neste momento.

É importante ressaltar que o Brasil em 1974, estava sob o comando de um regime militar na figura do presidente militar, Ernesto Geisel, que governou o país de 1974 a 1979. Esse período foi marcado pela repressão política, censura e autoritarismo e pela promessa de uma transição lenta e controlada à abertura política, que ele chamava de "distensão". No entanto, essa abertura se deu de forma gradual, mantendo uma repressão contra os opositores,

---

[20] "Há um modo de ser e de viver chileno que está longe de ser considerado um exemplo para os outros e que talvez mereça retificações; mas é nosso modo de vida, nosso estilo, no qual há valores genuínos. A democracia chilena deriva desse modo de ser nacional. O país precisa se disciplinar e aprender as exigências para sobreviver no mundo de hoje. Pessoas preguiçosas, moles e sem imaginação se perdem na competição acirrada e, exceto por avanços isolados e esporádicos de um país ou de outro, uma apatia comum era o caráter dominante da política e da economia na região. Isso mudou: o Brasil já é uma grande potência; o México e a Argentina o seguem apressadamente; o Peru está fazendo sua própria experiência política e social; a Bolívia está fazendo a sua própria; e, no final, a emulação e a consciência de que um futuro difícil deve ser superado estão sacudindo o continente de uma ponta à outra.O Chile deve se recuperar moral e materialmente, recuperando sua força e a segurança de suas forças. Esse é o objetivo do trabalho de reconstrução realizado pelas Forças Armadas e pelos Carabineros. Mas a recuperação será genuína se o espírito nacional ou o modo de ser for respeitado em seus contornos essenciais. As tendências estatistas, centralistas e controladoras deterioraram o modo de vida chileno.
O país precisa de um Estado forte, mas isso é o oposto de um Estado burocrático, enredado em sua própria superabundância de serviços e pessoal, que é hesitante, mas não menos opressivo quando atropela a justiça. Um Estado forte e musculoso, aliviado da gordura burocrática flácida, desvinculado de interesses mesquinhos e colocado a serviço da causa permanente do país. Esse é o conceito Portaliano, o mesmo que, sem dúvida, inspira a Junta de Governo. [...] Uma liberdade necessária nas decisões econômicas dos indivíduos é uma garantia da existência de uma liberdade real em todos os níveis, mesmo que não seja formalmente expressa. A liberdade de trabalho, de empreendimento, de indústria, de iniciativa intelectual ou econômica e a liberdade de guardar os frutos do trabalho e de possuí-los formam a base de um sistema político livre. [...] O trabalho político duradouro surge da conciliação entre autoridade e liberdade, uma conciliação que depende, por sua vez, do trabalho de interpretação do sentido íntimo do povo, o que chamamos de modo de vida" (Editorial: *Modo de Vida Chileno*. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974, tradução nossa).

especialmente os movimentos de esquerda e guerrilhas urbanas e rurais. Em 1974, o México estava sob o governo de Luis Echeverría Álvarez, que foi presidente de 1970 a 1976. Seu governo também foi marcado por políticas de tensão, tentativas de reformas sociais e econômicas e repressão contra opositores. Já a Argentina, em 1974, vivia um momento crítico com a morte de Juan Domingo Perón e a ascensão de Isabel Perón ao poder. O governo enfrentou violência política de ambos os lados do espectro ideológico e uma crise econômica crescente, o que gradualmente levou ao colapso da ordem política e à instalação da ditadura militar dois anos depois. O Peru, por sua vez, esteve sob o comando do general Juan Velasco Alvarado, que governou o país desde o golpe militar de 1968 e fez parte de um processo de reformas, caracterizado por políticas nacionalistas e de esquerda, buscando transformar a economia e a sociedade peruana. A Bolívia, por último, foi governada pelo general Hugo Banzer, assumindo o poder em 1971 através de um golpe de Estado que derrubou o governo de esquerda de Juan José Torres. Banzer estabeleceu uma ditadura militar que durou até 1978 e que foi marcada por repressão política, alianças com setores empresariais e apoio dos Estados Unidos.

Os discursos proferidos, sobre esses países por *El Mercurio*, contudo, se conectam muito mais pelo cenário político do que econômico. Na política, pelas instalações das ditaduras e os ideais de patriotismo, autoritarismo, militarismo e a repressão como formas de se combater os governos anteriores de "esquerda", acusados de serem marxistas sob pretextos da Guerra Fria. Na economia, pela contramão, o jornal defendeu a autoridade e a liberdade econômica, o que demonstra particularmente aquilo que Saidel, denominou de *neoliberalismo autoritário*, ou seja, temos presente as próprias reflexões, preferências e intervenções daqueles que pensavam a si mesmos como defensores da liberdade, principalmente econômica, frente ao socialismo, o *keynesianismo* e o *Estado de Bem Estar* e que para eles não tinham dúvida em colocar limites à soberania popular (Saidel, 2021, p.266). Essa posição ao longo da ditadura foi amplamente defendida pelos "Homens de Edwards", colocando os referidos jornais como veículos de comunicação que apoiaram o regime e ecoaram frente a opinião pública discursos neoliberais autoritários e um nacionalismo político amplamente amparado a figura de antigos militares, como é referido no artigo ao militar e político Diego Portales e o próprio, general Augusto Pinochet. Desse modo, a análise dos editoriais publicados pelos diários *El Mercurio* durante a ditadura, revelam como ele estava politicamente alinhado com a ordem vigente. Ao compactuar com as ideias neoliberais, ele endossava discursos de viés autoritário e nacionalista, influenciando significativamente a opinião pública da época e moldando a realidade política do país.

A história da família Edwards e de *El Mercurio* revela como imprensa, política e capital se entrelaçaram na formação de um verdadeiro império que influenciou decisivamente os rumos do Chile contemporâneo. O grupo editorial El Mercurio SAP, controlado pela família Edwards, deve ser compreendido como um dos maiores oligopólios midiáticos da América Latina no século XX, cujo poder ultrapassava a esfera econômica e empresarial para se configurar como ator político central no Chile. Ao monopolizar parte significativa da circulação de notícias e deter a capacidade de pautar a opinião pública, esse conglomerado exerceu influência decisiva na legitimação do regime de Augusto Pinochet, oferecendo apoio contínuo e incondicional durante os dezessete anos da ditadura. Mais do que difusor de informação, o grupo funcionou como instrumento de hegemonia ideológica, articulando interesses da elite econômica local com estratégias geopolíticas norte-americanas, e contribuindo ativamente para silenciar dissidências, deslegitimar opositores e naturalizar as práticas repressivas do regime autoritário.

1.3 Imprensa, Sensacionalismo e Autoritarismo: O jornal *La Segunda*

Partindo da compreensão e relevância sobre a centralidade de *El Mercurio* no conglomerado midiático da família Edwards, é necessário voltar-se para outro periódico que desempenhou papel igualmente significativo durante a ditadura chilena: o vespertino *La Segunda*. O jornal *La Segunda* ocupa um espaço singular na história da imprensa chilena, fundado em Santiago em 26 de julho de 1931, o jornal foi incorporado ao grupo empresarial de Edwards e, nas décadas de 1970 e 1980, consolidou-se como parte de uma engrenagem comunicacional que controlava, de forma concentrada, grande parcela da imprensa chilena (Matellart et al., 1975, p. 43-45). Seu surgimento esteve diretamente relacionado ao contexto político conturbado vivido na década de 1930, marcado pela queda do governo de Carlos Ibáñez del Campo onde o excesso de informações e a necessidade de atualizações rápidas sobre os acontecimentos levaram à criação de uma segunda edição do vespertino *Las Últimas Noticias*, que se transformaria em um novo periódico, inicialmente denominado *La Segunda de Las Últimas Noticias*.

O primeiro exemplar foi publicado em caráter extraordinário, trazendo em sua manchete a renúncia de Ibáñez e o clima de euforia popular que se seguiu ao anúncio. Esse modelo de publicação respondia a uma prática recorrente da época: a emissão de edições especiais ou “extras” sempre que eventos políticos de grande impacto mobilizavam a população. A fundação do jornal consolidou, assim, um espaço específico para informações de atualização vespertina, característica que seria mantida ao longo das décadas seguintes. Com o passar dos anos, *La*

Segunda consolidou-se como o principal jornal vespertino de Santiago, sobretudo após o fechamento de concorrentes como *La Tarde*, em 1971, e *Las Noticias de Última Hora*, logo após o golpe militar de 1973.

A trajetória editorial do jornal também foi marcada por diferentes direções. Entre 1977 e 1981, esteve sob a responsabilidade de Hermógenes Pérez de Arce Ibieta, período no qual se manteve com forte caráter noticioso e de linguagem senacionalista. Em 1981, contudo, com a ascensão de Cristián Zegers à direção, iniciou-se uma transformação editorial quando o periódico passou a priorizar notícias políticas e econômicas, construindo uma imagem mais sólida e de maior credibilidade junto ao público. Esse reposicionamento foi acompanhado de permanências gráficas que reforçaram sua identidade, como o logotipo verde e a utilização de letras vermelhas em destaque para a manchete principal da primeira página. Até dezembro de 1983, o jornal era publicado de segunda a sábado, porém com a redefinição da semana laboral no Chile – devido a crise econômica do cobre -, a edição de sábado foi eliminada, e a de sexta-feira ganhou maior robustez, incorporando suplementos e análises aprofundadas. Às sextas-feiras, *La Segunda* chegou a ultrapassar cem páginas, sinalizando a importância estratégica desse dia para o mercado leitor (Santos, 2018).

Ao longo de sua história, o diário contou com a colaboração de jornalistas que dirigiram diferentes seções, reforçando sua especialização em áreas como política, economia, sociedade, esportes e cultura. A diversidade editorial permitiu que *La Segunda* desempenhasse não apenas um papel informativo, mas também interpretativo, aproximando-se de debates centrais da vida pública chilena. No período posterior ao golpe de 1973, o jornal, ao lado de outros veículos do grupo, tornou-se uma das poucas publicações autorizadas a circular. Esse privilégio não apenas fortaleceu a posição empresarial de Edwards, mas também possibilitou que o vespertino funcionasse como uma vitrine de sustentação ao regime. Como aponta o *Informe Rettig*, "[...] los medios de comunicación, en general, ya por control o autocontrol, ya en forma espontánea, siguieron adhiriendo en forma relativamente incondicional al régimen, sin formular críticas a su gestión por la situación de los derechos humanos en Chile[21]" (Informe de la Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación, 1991, p. 610).

[21] "[...] os meios de comunicação, em geral, seja por controle ou autocontrole, seja de forma espontânea, continuaram aderindo de forma relativamente incondicional ao regime, sem formular críticas à sua gestão pela situação dos direitos humanos no Chile" (Relatório da Comissão Nacional da Verdade e Reconciliação, 1991, p. 610, tradução nossa).

Nesse contexto, a atuação de figuras como Hermógenes Pérez de Arce, que exerceu a função de editor do *La Segunda* durante os anos da ditadura, reforça a proximidade entre o periódico e a elite política que sustentava o regime. Sua linha editorial seguiu a mesma lógica de silenciamento e distorção de informações que caracterizou a grande imprensa chilena no período, reduzindo desaparecimentos forçados a "supuestos desaparecidos" e classificando execuções sumárias como mortes em "enfrentamientos" (Mönckberg, 1991). Assim, *La Segunda* se firmou não apenas como complemento ao protagonismo de *El Mercurio*, mas como um espaço estratégico de reafirmação cotidiana do discurso oficial.

Constanza Martínez[22] (2017), destaca que, embora *El Mercurio* e *La Segunda* pertencessem ao mesmo grupo empresarial e compartilhassem até mesmo a infraestrutura de recepção de notícias internacionais, adotaram estratégias distintas na seleção e no enquadramento da informação. O *El Mercurio*, com vínculos conhecidos com a CIA e direcionado às elites e ao público internacional, priorizava matérias que justificassem a repressão no Cone Sul, como a divulgação de telegramas sobre a Junta de Coordenação Revolucionária, usados para legitimar a Operação Condor. Já o *La Segunda*, voltado às camadas populares e à antiga base eleitoral de Allende, dava ênfase às denúncias de torturas e assassinatos promovidos por grupos paramilitares argentinos, utilizando esses relatos tanto para evidenciar a brutalidade repressiva quanto para manipular sua interpretação, em alguns casos responsabilizando as próprias vítimas. Assim, como observa Martínez, as diferenças entre os dois jornais evidenciam não apenas suas linhas editoriais, mas sobretudo suas funções complementares na sustentação discursiva da ditadura chilena.

> El rol de La Segunda en el sistema de terror puede ejemplificarse de modo escalofriante en el momento de la publicación de las listas de los 119 en Chile, cuando algunos de los familiares de los detenidos desaparecidos se encontraban reunidos en la sede del Comité Propaz y uno de ellos llegó con la infame publicación y comenzó la lectura de los nombres en voz alta. Para ese grupo específico que se ubicaba en el entorno de lo que hemos llamado la zona del terror, la publicación de las listas de los 119 habrá tenido la connotación de convertirlos en testigos directos del asesinato de sus seres amados. Para quienes se encontraban situados un poco más lejos, las listas, con su estructura perfecta y ordenada, habrán sido como escuchar amplificado un grito desde el interior de los altos muros de la zona de terror[23] (Martínez, 2017, p.5)

[22] Professora do Departamento de Filosofia e Humanidades da Universidad de Chile.

[23] O papel da *La Segunda* no sistema de terror pode ser exemplificado de forma arrepiante no momento da publicação das listas dos 119 no Chile, quando alguns familiares dos detidos desaparecidos estavam reunidos na sede do Comitê Propaz e um deles chegou com a infame publicação e começou a ler os nomes em voz alta. Para esse grupo específico que se encontrava no entorno do que chamamos de zona do terror, a publicação das listas dos 119 terá tido a conotação de transformá-los em testemunhas diretas do assassinato de seus entes queridos. Para aqueles que estavam um pouco mais distantes, as listas, com sua estrutura perfeita e ordenada, terão sido como

Alguns casos reverberam na atuação política desse jornal no contexto de transição dos regimes. A exemplo de *El Mercurio*, outros jornais da época como *La Segunda*, *La Tercera*[24], *Las Últimas Noticias*[25] e *La Nación*[26] optaram por se filiar ao governo, encobrindo relatos e notícias das atrocidades que o governo praticava à população. Dentre esses acontecimentos, esteve o assassinato de 119 membros do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria (*MIR)[27] pela DINA na Operação Condor que ocorreu no Chile entre os anos de 1974 e 1975. Jornais como o *El Mercurio*, *La Segunda*, *La Tercera*, *La Nación* e *Las Últimas Noticias,* lançaram os seguintes títulos em sequência: "*Guerra entre miristas*"; "*Exterminados como ratones*"; "*El MIR ha asesinado a 60 de sus hombres*"; "*Purga mirista en Argentina*"; "*Purga en el MIR*". A justificativa dada por esses jornais ao desaparecimento de homens e mulheres do MIR, que eram os opositores da ditadura de Pinochet, se dava por um suposto enfrentamento entre os próprios membros fora do país.

Puga era assessor de comunicação do general Augusto Pinochet, membro da polícia secreta da DINA e colunista noturno do diário *La Segunda*. Nesse meio tempo em que a sociedade buscava saber quem eram os tais culpados, Puga contatou outros jornais estrangeiros envolvidos na Operação, e tornou a reproduzir notícias falsas de que os membros do MIR foram mortos no enfrentamento com as forças de segurança argentina ou haviam se matado. O jornal argentino *Lea* publicou em uma terça-feira de 15 de julho de 1975: "*Salieron de Guatemala y cayeron en Guatepeor*"[28] destacando que ao "Alrededor de sesenta extremistas chilenos han sido eliminados en los ultimos tres meses por sus propios compañeros de lucha, en un vasto e

ouvir amplificado um grito vindo de dentro das altas muralhas da zona do terror (Martínez, 2017, p. 5, tradução nossa).

[24] Inicialmente, *La Tercera* esteve vinculado ao Partido Radical, mas, em 1965, desvinculou-se do partido, tornando-se um jornal independente de qualquer partido político, governo ou religião. Em 1970, o jornal foi um dos mais ferrenhos opositores ao governo Salvador Allende e, em 1973, apoiou o golpe militar de 11 de setembro e, depois, o regime militar do general Augusto Pinochet, com *El Mercurio* e *La Nacion*".

[25] O jornal foi fundado em 15 de novembro de 1902 pelo proprietário do *El Mercurio*, Agustín Edwards Mac Clure , depois de ter feito uma viagem aos Estados Unidos para acompanhar o andamento da imprensa. A partir dessa viagem, Edwards implementaria uma série de reformas em sua empresa, começando com a transformação do *El Mercurio* em jornal matutino, e criando *Las Últimas Noticias de El Mercurio* 'The Latest News of El Mercurio' (postado à tarde). O primeiro diretor de *Las Últimas Noticias* foi o escritor Joaquín Diaz Garcés.

[26]"Durante a década de 1980, o La Nación se tornou o meio oficial do governo Augusto Pinochet, em várias ocasiões, incluindo vários relatórios governamentais e publicações propagandísticas. Além disso, e seguindo a exemplo do modelo imposto pela revista Ercilla, começou a entregar livros gratuitos de escritores consagrados".

[27] O Movimento Esquerda Revolucionário nasceu em 1965 como uma organização política de viés marxista-leninista e guevarista chileno. Atuou como um movimento de tipo vanguardista dos setores operários e camponeses até a década de 1970.

[28] "Deixaram a Guatemala e caíram em Guatepeor" (tradução nossa)

implacable programa de venganza y depuración política"[29]. Assim também, o jornal brasileiro *Novo O'Día* reportava: "*Terroristas chilenos no interior da Argentina*" publicando os nomes e a história fabricada de uma rixa sangrenta dentro do MIR.

La Segunda, em conjunto a Álvaro Puga, mostrava-se numa tendência conservadora apoiando a Operação Condor com a disseminação de notícias que conduzissem a opinião pública a acreditar em tais narrativas. Em diversos editoriais deste período, *La Segunda* se mantinha firme na defesa contra o comunismo e na personificação da imagem de Pinochet como o "salvador da democracia em Chile", ressaltando suas convicções políticas e a intenção jornalística de mostrar a sociedade que o novo regime não significava uma 'tiranía arbitrária' como era falado, e sim, de um novo conceito de 'democracia autoritária', protegida, integradora e tecnificada que "reorganizaria o país novamente eliminando seus comunistas".

A Revista *Análisis*, contudo, cuja editora ainda não era ativa nesse período, publicou anos depois um artigo sob título "*Detenidos-Desaparecidos: El general Pinochet debe más de 119 explicaciones*"[30] para interpor tais narrativas "falsas" construídas por aqueles jornais. Neste artigo, a revista deixa claro o sentimento de inquietude e desespero dos familiares das vítimas que saíram às ruas com cartazes pedindo ao presidente Pinochet respostas sobre o acontecido. Depois de dez anos sem uma resposta afirmativa sobre o caso, *Análisis* atacou o jornal *La Nación* – que havia registrado em seu diário o caso enquanto "*un expurgo mirista en Argentina*" – e defendeu que em 1975, o regime intentou ocultar o problema dos "detidos desaparecidos", para o qual desenhou um elaborado plano, em que contou com o apoio da imprensa uniforme e do Poder Judicial.

Imagem 3. Manchete de *La Segunda* sobre os membros do MIR

[29] "Cerca de sessenta extremistas chilenos foram eliminados nos últimos três meses pelos seus próprios camaradas num vasto e implacável programa de vingança e de limpeza política" (tradução nossa).
[30] "Detido-Desaparecido: General Pinochet deve mais de 119 explicações" (tradução nossa)



Fonte: *La Segunda,* 24 de julho de 1975.

1.4 Violência e Imprensa: O Caso Marta Ugarte em *El Mercurio*, *Las Últimas Noticias* e *La Segunda*

O caso da jovem militante Marta Lidia Ugarte Román, não foi diferente. A professora e membro do *Comité Central del Partido Comunista de Chile*, foi em 9 de agosto de 1976 detida por agentes da DINA e, posteriormente, permaneceu confinada no setor denominado La Torre, em Villa Grimaldi. A *Cruz Vermelha Internacional* solicitou à *Secretaria Nacional de Detentos* (SENDET), informações sobre a detenção e, na ocasião, o presidente da Suprema Corte sustentou que o serviço de inteligência não tinha presos com esse nome.

Em 12 de setembro de 1976, saiu a notícia no diário *El Mercurio* sobre a descoberta do corpo de uma mulher desconhecida, que havia sido encontrada por um pescador na praia de La Ballena, em Los Molles. Na notícia, *El Mercurio* presume a causa da morte por estrangulamento: "Con un pañuelo y este alambre el misterioso asesino ultimó a la desconocida"[31]. O artigo do jornal também faz uso de adjetivos como "*atractiva mujer*" e "*hermosa joven*" para atribuir "justificativa" devassa do suposto estrangulamento à mulher. De

[31]"Com um lenço e este fio, o misterioso assassino matou a desconhecida" (tradução nossa).

acordo com as informações, a mulher teria sido assassinada por vários criminosos, bem como, falava-se em crime passional. Presumivelmente, ela teria morrido dias antes de ser encontrada.

No jornal *Las Últimas Noticias*, também porta-voz do governo, o título dizia: "*Bestial Crimen en La Playa: Estrangulan a hermosa joven*"[32]. Ele complementa a notícia do jornal *El Mercurio*, dizendo que a jovem havia sido encontrada despida e com sinais de brutal violência no corpo. Dias depois, o jornal publicou uma nova notícia dizendo que a vítima seria uma turista estrangeira. Na revista *Análisis*, não há uma menção específica sobre o caso já que a revista passou a circular somente nos finais dos anos 70, mas posteriormente a esse período são recorrentes as menções ao nome de Marta Ugarte – enquanto membra e importante militante do Partido Comunista. Em março de 1991, a publicação do Relatório da *Comissão da Verdade e Reconciliação*[33], o Relatório *Rettig*, referia-se ao caso de Marta Ugarte, indicando que seu corpo:

> Su cadáver fue arrojado por sus captores al mar, pero no obstante las precauciones que éstos tomaron para evitarlo, fue encontrado semidesnudo dentro de un saco amarrado a su cuello con un alambre, el 9 de septiembre de ese mismo año en la plaza La Ballena, ubicada en Los Molles. Según el informe de la autopsia, la afectada sufrió en vida una luxo fractura de columna, traumatismo toraco abdominal con fracturas costales múltiples, ruptura y estallido del hígado y del bazo, luxación de ambos hombros y cadera, y una fractura doble en el antebrazo derecho, habiendo fallecido el 9 de septiembre de 1976.
> La Comisión llegó a la convicción de que Marta Ugarte fue detenida y hecha desaparecer forzosamente por agentes del Estado, quienes violaron así sus derechos humanos, lo que se confirma por el hecho de que fortuitamente haya aparecido su cadáver que sus captores intentaron ocultar arrojándolo al mar[34] (Rettig, 1991, p.2).

[32]"Crime Bestial em La Playa: Jovem Linda Mulher Estrangulada" (tradução nossa).

[33]Ainda em 1990, ano em que chegou ao fim a ditadura comandada pelo general Augusto Pinochet, foi instituída no Chile, pelo então presidente Patricio Aylwin, a Comissão Nacional da Verdade e Reconciliação. Entre seus objetivos, estava prestar esclarecimentos a respeito das violações de direitos humanos cometidas entre 11 de setembro de 1973 e 11 de março de 1990, período em que o governo ditatorial esteve à frente do país.

[34] "Seu cadáver foi jogado ao mar por seus captores, mas, apesar das precauções que estes tomaram para evitar que fosse encontrado, ele foi encontrado seminu dentro de um saco amarrado ao pescoço com um arame, em 9 de setembro daquele mesmo ano, na praça La Ballena, localizada em Los Molles. De acordo com o relatório da autópsia, a vítima sofreu em vida uma luxação da coluna vertebral, traumatismo toracoabdominal com múltiplas fraturas costais, ruptura e explosão do fígado e do baço, luxação de ambos os ombros e quadril e uma fratura dupla no antebraço direito, tendo falecido em 9 de setembro de 1976. A Comissão chegou à conclusão de que Marta Ugarte foi detida e forçada a desaparecer por agentes do Estado, que violaram seus direitos humanos, o que é confirmado pelo fato de que seu cadáver apareceu fortuitamente, depois que seus captores tentaram escondê-lo jogando-o no mar (Rettig, 1991, p. 2, tradução nossa)".Ver caso completo em: https://memoriaviva.com/nuevaweb/ejecutados-politicos/ejecutados-politicos-u/ugarte-roman-marta-lidia.

A Comissão concluiu com a convicção de que Marta Ugarte foi detida e desapareceu à força por agentes violadores do Estado, o que é confirmado pelo fato de que seu corpo foi encontrado e seus captores tentaram escondê-lo jogando-a no mar.

1.5 O assassinato de Tucapel Jiménez em (25 de fevereiro de 1982)

Imagem 4. Manchete de *La Segunda* sobre a morte de Tucapel Jiménez



LA SEGUNDA
Viernes 26 de Febrero de 1982

POLITICA 3

Presidente Pinochet repudió enérgicamente asesinato de Jiménez

◆ Desde Coyhaique, dispuso que el Ministro del Interior viajara inmediatamente a Santiago. ◆ Reuniones de emergencia en La Moneda y edificio Diego Portales.

El Presidente de la República condenó esta mañana enérgicamente el asesinato del dirigente sindical Tucapel Jiménez, expresando su más absoluto repudio ante ese acto.

La información fue entregada hoy por la Secretaría de Prensa de la Presidencia de la República, indicando que el Primer Mandatario fue informado sobre el particular esta mañana en la ciudad de Coyhaique, donde permanece ahora.

El diputo además se el Ministro del Interior, Sergio Fernández, que lo acompaña en esta gira, se trasladó de inmediato a la capital para informarse personalmente del curso de las investigaciones que se realizan para dar con los autores de este crimen.

El Secretario de Estado llegará a las 15 horas de hoy al aeropuerto de Los Cerrillos, en un avión del Ejército, luego de haber iniciado el viaje de retorno poco después de este mediodía, cumpliendo las instrucciones de S.E.

Asimismo, S.E. dispuso que se le mantenga permanentemente informado sobre las novedades que vayan surgiendo en el curso de las investigaciones que realiza la policía civil.

Reacciones de sindicalistas

◆ Dirigentes estaban reunidos en la CNT. ◆ Pedirán rápido esclarecimiento de los hechos.

Numerosos dirigentes sindicales, de todos los matices, se encontraban esta mañana, reunidos en la sede central de la ANEF, motivados por la tragedia que enlutó a este organismo gremial.

Todos los líderes manifestaron su congoja ante el asesinato del presidente de la entidad, Tucapel Jiménez (informaciones en páginas 14 y 15) y expresaron sus condolencias a la familia. Asimismo se determinó inmediatamente su reemplazo, en el cargo del directorio por el primer vicepresidente de la entidad, Bernol Flores.

UNIDAD

Federico Mujica, director de la Confederación de Empleados Particulares, declaró: "Es difícil destacar un rasgo predominante en los 30 años de vida sindical compartí con el. El hombre, responsable y solidario con los trabajadores. Ningún trabajador quedará satisfecho si no se determinan claramente los hechos, la calidad que el maniático y a que llamó, la producción con su asesinato.

NOS ATEMORIZA

"Era un líder que nos ha sido asesinado, pero espiritualmente sigue presente. A los que nos corresponde reemplazarlo, comprendemos la gran responsabilidad moral que se nos viene encima," manifestó por su parte **Bernol Flores.**

Agregó que "el asesinato a nosotros no nos atemoriza. Pediremos al gobierno un inmediato esclarecimiento de los hechos y un Ministro en visita."

Para el octogenario dirigente **Clotario Blest**: "El mandato permanente, que es la unidad de la clase trabajadora, debe solucionarse lo antes posible. Era su deseo y es lo que conviene a los trabajadores".

COORDINADORA

Manuel Bustos, presidente de la Coordinadora Nacional Sindical, manifestó visiblemente dolido: "Todos los trabajadores de Chile deben salir a despedir a Tucapel, y, quienes no puedan hacerlo, detener por un momento su trabajo, parar sus máquinas, en honor al dirigente que luchó por todos los trabajadores siempre, y que dio su vida por ellos".

Agregó que "esto es un crimen y para esclarecerlo, recurriría a todas las organizaciones sindicales nacionales e internacionales para

REUNION

En el edificio Diego Portales y al tenerse conocimiento de la muerte de Jiménez, se inició de inmediato una reunión en el despacho del Ministro Secretaria General de Gobierno. En ella participaron el titular de esa cartera, Brigadier General Julio Brava Valdés; el sub secretario general de gobierno, Jovino Novoa; el Director de Organizaciones Civiles, Coronel Fernando Hormazabal; el Director de DINACOS, Jorge Fernández y el Secretario Nacional de los Gremios, Misael Gallegullos.

La reunión se prolongó por más de una hora y al término de ella, cerca de las once horas, los participantes no hicieron declaraciones.

El Ministro, el subsecretario y el Director de Dinacos se trasladaron de inmediato al Palacio de la Moneda, con objeto de celebrar una segunda reunión, esta vez, con el Ministro Subsecretario del Interior, General Enrique Montero.

El Ministro Bravo señaló a "La Segunda" que una vez finalizado el encuentro con el General Montero se entregaría un informe a los medios de comunicación social.

GRAN AMIGO

"Soy el primero en lamentar este suceso porque Tucapel fue un gran amigo y dio una lucha por el bienestar de los trabajadores. La muerte de este líder enluta a nuestra organización".

Así opinó el dirigente de la Confederación de Trabajadores Metalúrgicos, **Manuel Contreras**, al conocer la noticia de la muerte del dirigente de la ANEF.

Agregó que piden en forma clara y categórica que se investigue esta muerte por el dolor que produce en todos los trabajadores chilenos". Añadió que "fuimos amigos. En la muerte se agrandan las personas. Fue un gran dirigente y conductor de masas."

COBRE

Una investigación rigurosa del asesinato de Tucapel Jiménez solicitaron los trabajadores del cobre, en declaración pública, pidiendo que no quede ninguna duda sobre los responsables y las causas que provocaron su muerte.

"Nuestro repudio a los cobardes criminales que privan a una familia de su jefe de hogar y a los trabajadores de un guía que con sabiduría y serenidad supo conducirlos por años."

BRUNO CASANOVA

El Presidente de la Sociedad de Fomento Fabril, Bruno Casanova, calificó de "crimen realmente atroz, horrible", la muerte del dirigente sindical Tucapel Jiménez.

Casanova señaló que "repudiamos enérgicamente este luctuoso suceso, indigno de suceder en un país civilizado. Confiamos en que las autoridades sabrán encontrar y castigar a los culpables de este crimen deleznable. No nos queda sino expresar nuestras más sentidas condolencias a sus familiares, a quienes acompañamos solidariamente en su dolor".

RIOS

Eduardo Ríos, dirigente de la UDT, manifestó, "Esto es un crimen frío y premeditado. Tucapel salió ayer a las 9 horas de su casa, vestido a la ANEF a reuniones. Tenía programados esa tarde, en el curso del día. No apareció en ninguna. Todos los buscábamos. El tenía un taxi, pero no lo trabajaba cuando tenía deberes sindicales que cumplir. Este asesinato pretende atemorizar a los dirigentes que luchamos por volver a los fundamentos de nuestra patria. No lo van a conseguir."

PENSIONADOS

Lautaro Ojeda, presidente de la Unión Nacional de Pensionados de Chile, manifestó su congoja por tan doloroso suceso "que enluta a todos los trabajadores chilenos. Recordamos que siempre la ANEF, con Tucapel, acogió nuestras inquietudes".

Manuel caro, dirigente de los trabajadores gastronómicos, señaló que todos los trabajadores del gremio dan el pésame a la familia y a la ANEF.

◆ Tucapel Jiménez.

Ministro del Trabajo, Miguel Kast

Máximo esfuerzo para castigar a culpables

El Ministro del Trabajo, Miguel Kast, condenó enérgicamente el crimen cometido contra Tucapel Jiménez, señalando que había que desplegar el máximo esfuerzo para ubicar y castigar a los culpables. Textualmente señaló:

"Acabo de recibir la información del asalto y asesinato, del dirigente sindical don Tucapel Jiménez, mientras conducía un taxi en la localidad de Lampa.

Como todo chileno repudio con vehemencia este crimen cobarde de que fue víctima el señor Jiménez. Quiero expresar mis más sinceras condolencias a la familia del señor Jiménez. Creo que sólo nos queda orar por el eterno descanso de su alma y hacer los máximo esfuerzos por ubicar y castigar en forma ejemplarizadora a los culpables de este alevoso crimen".

Cómo informaron las agencias extranjeras

URGENTE. — Sindicalista asesinado en Chile — Por GERI SMITH SANTIAGO, Feb. 26 (UPI) — Un dirigente sindical que la semana pasada había exigido la formación de "un frente común" para oponerse a la "desastrosa" política económica del gobierno, fue hallado muerto casi desnudo en un taxi abandonado, informó hoy la policía.

AP

SANTIAGO DE CHILE, 26 (AP)-Tucapel Jiménez, uno de los principales líderes sindicalistas de oposición, fue encontrado asesinado anoche en un suburbio de esta capital, informó la policía.

Jiménez, que era presidente de la Asociación Nacional de Empleados Fiscales y Vicepresidente de la Unión de Trabajadores Democráticos (UTD) disidente, fue encontrado en el interior de su automóvil con heridas cortantes en el cuello, añadió la policía.

Fonte: *La Segunda*, 26 de fevereiro de 1982. Galeria de Imprensa. *Los casos de la Vicaría*.

O assassinato de Jiménez, ocorreu em 25 de fevereiro de 1982, durante a ditadura de Augusto Pinochet no Chile. Ele era um destacado líder sindical, conhecido por sua defesa dos direitos dos trabalhadores públicos e sua oposição às políticas repressivas do regime militar. Jiménez foi sequestrado e assassinado por agentes da CNI e foi brutalmente assassinado com golpes de faca e um tiro na cabeça. Seu corpo foi encontrado em um carro abandonado nos arredores de Santiago e o crime ficou conhecido como parte da repressão estatal contra líderes sociais e sindicais que se opunham à ditadura. O assassinato de Tucapel causou grande comoção, e durante anos o caso ficou impune, sendo oficialmente tratado como um incidente comum. *La Segunda*, em 26 de fevereiro de 1982, noticiou o caso demonstrando a indignação

de Pinochet a morte de Tucapel "*Presidente Pinochet repudió enérgicamente asesinato de Jiménez*". Através da *Secretaria de Prensa,* da Presidência, o general Augusto Pinochet deu a conhecer seu "mais absoluto repúdio" ao crime de Tucapel Jiménez. O regime comunicou que solicitou à Corte de Apelações de Santiago a designação de um ministro em visita. *El Mercurio*, em 28 de fevereiro de 1982 noticiou: "*Gobierno no tolerará utilizacion politica"*. Em seu principal título do dia, o jornal recorre a declarações do ministro do Interior, Sergio Fernández, a quem adverte que o governo não tolerará que o crime seja utilizado "com outros fins, violando com eles o recesso político e as normas vigentes relativas à ordem pública".

Imagem 5. Manchete de *El Mercurio* sobre a morte de Tucapel Jiménez


EL MERCURIO

Asesinato de Jiménez:
Gobierno No Tolerará Utilización Política

Pesar en Funerales De Jiménez

MISA EN LA CATEDRAL

Venta puso Término a Intervención:
Banco de Santander Tomó el Control del Banco Español

Columna De Pelé en "El Mercurio"

ENTRADA A LA CATEDRAL

JUAN PABLO II CON JESUITAS

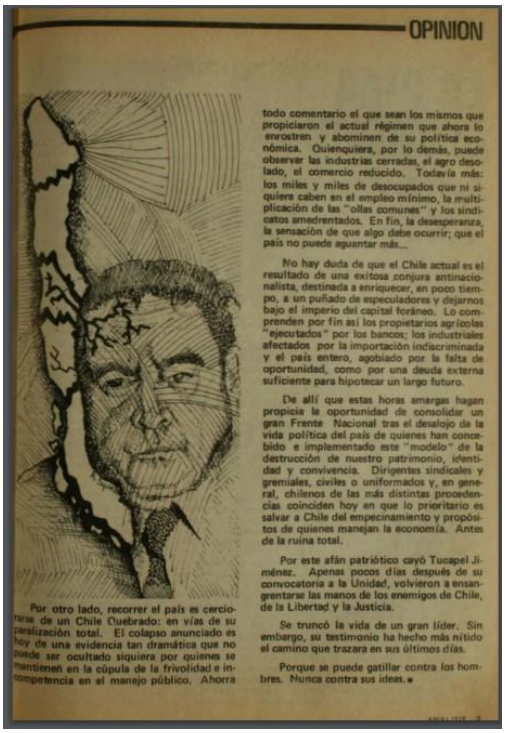
centenario
televisión
fida
lear
universidades
frutillar
ruta 41
terrorismo
espionaje
fenómeno
gira
asalto

Fonte: *El Mercurio*, 26 de fevereiro de 1982. Galeria de Imprensa. *Los casos de Vicaría*.

Em abril de 1982, *Análisis* publicou a opinião de seu diretor, Juan Pablo Cárdenas, sobre a morte de Tucapel, onde ele expõe que apenas a poucos dias depois de sua convocatória a Unidade, voltaram a ensanguentar-se as mãos dos inimigos de Chile, da Liberdade e Justiça e que com isso se ceifou a vida de um grande líder que sem dúvida deixou um testemunho que há feito mais nítido o caminho que traçaram seus últimos dias. Ressaltou o descaso que o Tribunal fez para desvendar seu assassino e ressaltou que o Estado poderia agir contra os homens, mas nunca contra suas ideias, se referindo a vida de Tucapel.

Dada a essas variedades de relatos pela imprensa, somente após o retorno à democracia, investigações foram reabertas, e vários membros da CNI foram processados e condenados pelo crime, tendo entre esses condenados o ex-chefe da CNI, Alvaro Corbalán (Matus, 2024).

Imagem 6. Opinião do diretor de *Análisis* repudia Estado e homenageia Tucapel



OPINION

todo comentario el que sean los mismos que propiciaron el actual régimen que ahora lo enrostren y abominen de su política económica. Quienquiera, por lo demás, puede observar las industrias cerradas, el agro desolado, el comercio reducido. Todavía más: los miles y miles de desocupados que ni siquiera caben en el empleo mínimo, la multiplicación de las "ollas comunes" y los sindicatos amedrentados. En fin, la desesperanza, la sensación de que algo debe ocurrir; que el país no puede aguantar más...

No hay duda de que el Chile actual es el resultado de una exitosa conjura antinacionalista, destinada a enriquecer, en poco tiempo, a un puñado de especuladores y dejarnos bajo el imperio del capital foráneo. Lo comprenden por fin así los propietarios agrícolas "ejecutados" por los bancos; los industriales afectados por la importación indiscriminada y el país entero, agobiado por la falta de oportunidad, como por una deuda externa suficiente para hipotecar un largo futuro.

De allí que estas horas amargas hagan propicia la oportunidad de consolidar un gran Frente Nacional tras el desalojo de la vida política del país de quienes han concebido e implementado este "modelo" de la destrucción de nuestro patrimonio, identidad y convivencia. Dirigentes sindicales y gremiales, civiles o uniformados y, en general, chilenos de las más distintas procedencias coinciden hoy en que lo prioritario es salvar a Chile del empecinamiento y propósitos de quienes manejan la economía. Antes de la ruina total.

Por este afán patriótico cayó Tucapel Jiménez. Apenas pocos días después de su convocatoria a la Unidad, volvieron a ensangrentarse las manos de los enemigos de Chile, de la Libertad y la Justicia.

Se truncó la vida de un gran líder. Sin embargo, su testimonio ha hecho más nítido el camino que trazara en sus últimos días.

Porque se puede gatillar contra los hombres. Nunca contra sus ideas. ■

Por otro lado, recorrer el país es cerciorarse de un Chile Quebrado: en vías de su paralización total. El colapso anunciado es hoy de una evidencia tan dramática que no puede ser ocultado siquiera por quienes se mantienen en la cúpula de la frivolidad e incompetencia en el manejo público. Ahorra

Fonte: *Análisis*, abril de 1982, n.42

Além desses casos mencionados, é importante destacar que no amálgama das manifestações sociais ocorridas a partir de 1983 no Chile, em especial, as nomeadas pela imprensa como *Las protestas nacionales sociales*, *La Segunda* no artigo de opinião, *Terrorismo, dureza y eficacia*[35], assegura a ideia de autoridade e dureza das forças armadas acerca das manifestações, partindo tal como *El Mercurio*, do pressuposto ideológico que foi alimentado desde o início do regime, o de extirpar qualquer ameaça marxista do país:

[35] Entre 1980 e 2006, Cristián Zegers esteve à frente da direção de La Segunda. Durante esse período, Pilar Vergara Tagle assumiu a vice-direção e, em 2006, passou a ocupar o cargo de diretora, posição que manteve até 2011. Ambos foram laureados com o Prêmio Nacional de Jornalismo. Enquanto Zegers dirigia o jornal vespertino, alguns dos jornalistas que atuaram como editores foram Marta Sánchez (Política e Sociedade), María Eugenia de la Jara (Sinais Econômicos), Catalina Larraguibel (Mundo), Mariluz Contardo e Lilian Olivares (Crónica de Hoy), Víctor Hugo Albornoz (Polícia e Justiça), Verónica Detmer (Pessoas), Ítalo Passalacqua e Ana Josefa Silva (Espetáculos) e Víctor Eduardo Alonso (Esportes).

> Lo que verdaderamente importa es enfrentar la violencia de manera sistemática, coherente y global. Ello supone un proyecto socio-politico en marcha que cuente con la solidariedad de la mayoría y reste así apoyos o benevolencias a los extremistas. Pero además exige - como en cualquier democracia occidental - la existencia de cuerpos policiales suficientes en número, bien dotados en equipos, debidamente entrenados y poseedores de un alto sentido ético y de comprensión de sua tarea y de su subordinación a la autoridad legítima[36] (Editorial: *Terrorismo, dureza y eficacia*. *La Segunda*, Santiago, p.6 3 abr.1984).

Dessa forma, compreendemos que, desde o golpe de 1973, *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* se apresentam em registros contraditórios, estabelecendo uma disputa de narrativas sobre aquele tempo-presente. Esse cenário torna-se ainda mais expressivo nos anos 1980, quando o nascimento e a consolidação de revistas independentes - em especial *Análisis* - passam a ganhar destaque no registro das tensões sociais. A revista, ao lado de outras experiências editoriais alternativas, representou um espaço de resistência ao regime e desempenhou papel central na difusão de vozes críticas. Essa emergência editorial intensificou-se com o ciclo das *Protestas Nacionales y Sociales* (1983-1986), momento em que amplos setores populares se mobilizaram contra o governo de Augusto Pinochet. Nessa conjuntura, a imprensa porta voz e as revistas alternativas se tornaram arenas privilegiadas de disputa de sentidos. Se *El Mercurio* e *La Segunda* ligados aos grandes conglomerados buscavam legitimar a ordem estabelecida, as publicações críticas ofereciam visibilidade às mobilizações e denúncias de violações de direitos humanos. É nesse contexto de efervescência política e comunicacional que se insere a revista *Análisis e* que abordaremos nas páginas seguintes.

1.6 Entre resistência e contestação: A Constituição de 1980, a revista Análisis e as *Protestas Nacionales Sociales*

O golpe militar ocorrido no Chile em 11 de setembro de 1973 não representou apenas a derrubada de Salvador Allende, mas configurou-se como o marco de uma mudança estrutural no sistema político e econômico chileno. Ao romper com a trajetória democrática, a Junta Militar instaurou um regime que combinava repressão sistemática e um projeto de modernização autoritária (Fredrigo (1997). Esse processo foi justificado por meio de um discurso de salvação nacional, que vinculava a experiência da Unidade Popular ao caos institucional e à ameaça marxista, ao mesmo tempo em que abria espaço para a construção de

[36] "O que realmente importa é enfrentar a violência de forma sistemática, coerente e abrangente. Isso pressupõe um projeto sociopolítico contínuo que conte com a solidariedade da maioria e, portanto, reduza o apoio ou a benevolência dos extremistas. Mas também requer - como em qualquer democracia ocidental - a existência de forças policiais em número suficiente, bem equipadas, adequadamente treinadas e com um alto senso de ética e compreensão de sua tarefa e de sua subordinação à autoridade legítima" (Editorial: *Terrorismo, dureza y eficacia*. *La Segunda*, Santiago, p.6 3 abr.1984, tradução nossa).

uma nova ordem pautada na exclusão da participação política e na centralidade do neoliberalismo.

A disputa entre a tendência restauradora e a fundacional marcou os primeiros anos do regime. Contudo, prevaleceu a concepção de que seria necessário reconstruir o Chile a partir de uma "nova ordem", desvinculada das tradições políticas anteriores. Nesse contexto, a aliança com os economistas conhecidos como *Chicago Boys* foi decisiva. Esses técnicos implementaram, a partir de 1975, um conjunto de medidas de choque de caráter neoliberal, que incluíram a abertura econômica, a privatização de empresas estatais e severos cortes nos gastos públicos. Tais transformações inseriram o Chile em um inédito processo de modernização autoritária, transformando o país em laboratório de políticas de mercado:

> Foi assim que se apelou para o tecnicismo dos Chicago Boys. Novamente, o Chile foi utilizado como laboratório, desta vez, para a aplicação de um neoliberalismo radical. A característica refundadora do golpe fez das transformações econômicas um instrumento para a criação de um alicerce sobre o qual a política "revolucionária" de uma ditadura pudesse se afirmar. Portanto, o neoliberalismo no Chile transcendeu o ineditismo à medida que consolidou-se como parte importante da política praticada pelo regime ditatorial (Fredrigo, 1997, p. 19).

A dimensão política dessa refundação manifestou-se na promulgação da Constituição de 1980 e na aprovação do *Plan Laboral* em 1979[37], que enfraqueceu historicamente a organização sindical ao flexibilizar contratos e limitar o alcance da negociação coletiva. Essas medidas consolidaram o que Pinochet denominou de "democracia protegida", uma ordem marcada por enclaves autoritários que restringiam a participação popular e garantiam a perpetuação das conquistas neoliberais dentro de um quadro institucional controlado: "Esta última, resultante do desejo de eternidade da ditadura, teve na institucionalização a alavanca indispensável para efetivar-se através dos enclaves autoritários que dificultariam a prática democrática" (Fredrigo, 1997, p.26).

Entretanto, a crise internacional de 1981-1982 expôs as contradições do modelo. O colapso econômico obrigou o regime a recorrer ao intervencionismo estatal, contrariando o discurso da autorregulação do mercado. Ainda assim, a crise funcionou como catalisadora da reorganização social subterrânea, estimulada pela atuação da Igreja Católica, de movimentos

[37] LA IZQUIERDA DIARIO. 1979: Plan Laboral, golpe a la organización sindical y precarización que hoy se busca profundizar. La Izquierda Diario, 19 maio 2019. Disponível em: https://www.laizquierdadiario.cl/1979-Plan-Laboral-golpe-a-la-organizacion-sindical-y-precarizacion-que-hoy-se-busca-profundizar-130183. Acesso em: [15.jun.2025].

de direitos humanos e de setores estudantis e populares. Esse processo culminaria nas massivas mobilizações conhecidas como Protestas Nacionais de 1983-1984, que desafiaram a legitimidade do regime e revelaram a persistência das demandas por democracia:

> O importante é acrescentar que a crise econômica foi, sem dúvida, um fator catalisador das protestas. Mas, de modo algum, estas mobilizações foram consequência direta e única da crise econômica desencadeada em 1981. Inicialmente, porque o ano do shock neoliberal foi 1975, momento em que a sociedade chilena sofreu a primeira crise decorrente do modelo implantado. Por certo que o apoio dos empresários e da classe média (que nunca deixaram de aprovar o governo) era mais forte e coerente neste início em virtude das lembranças de um passado ainda recente que não queriam ter de volta. No entanto, os efeitos da reestruturação empreendida não deixaram de atuar sobre os lucros do empresariado e o padrão de vida da classe média. (Fredrigo, 1997, p.30, grifo da autora)

A década de 1980 marcou também uma inflexão na resistência ao regime militar chileno. Após anos de repressão e desmobilização social, a sociedade civil reencontrou, nas jornadas de protesto conhecidas como *Protestas Nacionales Sociales*, um espaço de expressão coletiva. Esses movimentos, que ocorreram principalmente entre 1983 a 1986, desafiaram o projeto de despolitização empreendido pela ditadura de Augusto Pinochet e evidenciaram tanto a vitalidade quanto os limites da ação popular. A primeira grande mobilização ocorreu em 11º de maio de 1983, convocada pela Confederação dos Trabalhadores do Cobre (CTC). Mais do que uma reivindicação setorial, tratava-se de um chamado político, cujo objetivo era unificar descontentamentos em torno da rejeição ao regime militar. Conforme observa Fredrigo (1997), o caráter abrangente da convocatória garantiu ampla adesão:

> A Confederação dos Trabalhadores de Cobre ratifica o chamado para converter o dia 11º de maio no dia da Grande Protesta Nacional. Chamamos todas as organizações sindicais, os pobladores, os estudantes, os profissionais, os empresários para expressarem seu descontentamento contra um sistema econômico, social e político que tem envolvido nosso país na crise mais profunda de sua história. Chamamos para expressarem a grande desconfiança pública existente pelo fracasso de um regime que tem nos submetido à miséria, à injustiça, à falta de liberdade. (Panfleto confeccionado e distribuído antes das protestas (Declaración de 11 de Mayo. Confederação dos Trabalhadores de Cobre: Santiago, maio 1983).

As formas de resistência foram variadas: panelaços, buzinaços, assembleias universitárias e barricadas nas periferias. Esse repertório criativo de ação mostrou a capacidade da sociedade civil de reinventar estratégias políticas em um contexto de forte repressão. Ao mesmo tempo, revelou a dificuldade de estruturar um projeto alternativo ao modelo autoritário. O grande dilema das mobilizações residia justamente em sua força simbólica e expressiva, que,

embora eficaz para romper o silêncio imposto pelo regime, não se traduziu em uma proposta de reorganização democrática coerente (Fredrigo,1997),

A reação governamental oscilou entre a indiferença inicial e a repressão aberta, apoiada na militarização dos espaços públicos, na detenção em massa de suspeitos e no uso da imprensa para deslegitimar os atos. O jornal *El Mercurio*, como mostraremos, caracterizou sistematicamente as manifestações como atos de vandalismo, reforçando a narrativa oficial de que a ordem estava ameaçada. Paralelamente, o regime buscou controlar politicamente a crise por meio de concessões seletivas, como a nomeação de Sérgio Onofre Jarpa no Ministério do Interior, sem, no entanto, questionar a institucionalidade consagrada pela Constituição de 1980.

Nesse cenário, a oposição fragmentou-se. A Aliança Democrática, liderada pela Democracia Cristã, defendia a combinação entre mobilização social e negociação política. Já o Movimento Democrático Popular, articulado pelo Partido Comunista, apostava na radicalização e na insurreição. Essa cisão refletiu-se na dinâmica das protestas: enquanto nas *poblaciones* a luta assumia contornos cada vez mais violentos, setores médios e empresariais passaram a se afastar, reforçando a associação entre mobilização e desordem:

> A estréia pouco auspiciosa de Jarpa, a magnitude da quarta protesta com seu trágico saldo de mortos e feridos, a inútil presença militar, a certeza de que um país está sob o governo da violência e a incapacidade do regime em oferecer soluções reais à crise deveriam levar a Direita a velha dama da vida nacional a convencer-se de que, também para ela, chegava a hora de voltar aos seus quartéis de inverno. Ainda mais agora que se aproxima a primavera (Greis, Irene. El Regreso de la Vieja Dama. Análisis, v.6, n.62, ago.1983)

O ápice das mobilizações ocorreu em agosto de 1983, quando a repressão deixou dezenas de mortos e feridos, inclusive crianças, evidenciando a brutalidade estatal. A partir de então, as manifestações começaram a perder força, culminando no decreto do Estado de Sítio em novembro de 1984, que encerrou o ciclo inicial de protestos. Ainda assim, sua principal contribuição foi mostrar que a sociedade chilena não havia se rendido ao projeto de despolitização da ditadura, recuperando a capacidade de ação coletiva (Fredrigo, 1997).

As protestas de 1983–1986 representaram um marco na luta contra a ditadura chilena e seu maior alcance esteve na superação do medo, no resgate da política como prática social e na demonstração de que a repressão não fora suficiente para paralisar a sociedade civil. Entretanto, seus limites foram igualmente claros: a falta de unidade entre as forças opositoras, a radicalização localizada nas periferias e a incapacidade de propor um projeto político alternativo enfraqueceram sua continuidade.

Assim, as protestas constituíram um momento inaugural do processo de transição, mas não se consolidaram como paradigma duradouro de ação política. A redemocratização chilena, como se verificou posteriormente, resultou menos da radicalização popular e mais da negociação político-institucional conduzida pelos partidos, especialmente no plebiscito de 1988. Ainda assim, o legado das protestas permanece como testemunho da resistência social e da persistência da ação coletiva em contextos de autoritarismo (Fredrigo, 1997).

A ditadura de Augusto Pinochet havia promovido a consolidação de um modelo neoliberal e inscrito, na Constituição de 1980, dispositivos que asseguravam a centralidade das Forças Armadas e limitavam a capacidade de transformação institucional. A tradição político-cultural chilena demonstrava apego ao ideal de "Estado forte e ordenado", o que favoreceu a prevalência do legalismo e de um "realismo político" (Lechner, 1986) que privilegiava soluções pactuadas em detrimento de rupturas. Nesse contexto, a oposição compreendeu que a sobrevivência democrática dependeria de sua capacidade de operar dentro da institucionalidade vigente, ainda que imposta pela ditadura.

Os movimentos sociais desempenharam papel decisivo na mobilização popular contra o regime, sobretudo entre 1983 e 1986, contudo, a repressão militar e a ausência de canais institucionais efetivos limitaram seu alcance transformador. Como lembra Fredrigo (1997), o temor ao caos social prevaleceu sobre o medo do Estado, levando a classe política a adotar uma postura de contenção frente à radicalização das ruas. Esse deslocamento da ação social para o terreno institucional traduziu-se na defesa da transição pactada, solução que, embora limitada, tornou-se a via possível para desarticular o autoritarismo.

A direita, até então base de sustentação do regime, também passou por reconfigurações. O Partido Nacional e setores autodenominados de "direita democrática" passaram a advogar uma abertura controlada, preservando as conquistas neoliberais. Essa mudança, embora oportunista, indicava a necessidade de adaptação ao cenário latino-americano de redemocratização (Riesco, 1985). Já a esquerda fragmentou-se entre o Partido Comunista, que manteve por longo tempo a defesa da luta armada, e os socialistas renovados, que, em diálogo com a Democracia Cristã, aceitaram a via institucional como estratégia possível, sobretudo diante da realização do plebiscito de 5 de outubro de 1988.

O plebiscito foi um marco da transição, pois com a vitória da oposição no "No" (54,68%), a sociedade chilena demonstrou sua disposição de derrotar o regime dentro das regras

estabelecidas pela própria ditadura. Otaño (1995) aponta que esse momento foi revestido de "alegria e esperança", mas também de prudência, pois a oposição preferiu não radicalizar e aceitou a permanência de Pinochet até 1990, em cumprimento ao calendário constitucional. Essa opção refletia o temor de represálias militares e a busca por estabilidade, mesmo ao custo de preservar enclaves autoritários (Ortega, 1985; Troncoso, 1985). Neste caminhar, a transição chilena configurou-se como um processo de continuidade e conservação, em que a vitória eleitoral representou mais um redirecionamento da ordem do que sua ruptura efetiva (Fredrigo, 1997). A redemocratização no Chile, portanto, não pode ser compreendida apenas como a derrota de Pinochet, mas como a imposição de limites que marcaram a prática política posterior. O peso do realismo e do legalismo impediu transformações profundas, consolidando uma democracia restrita, moldada por pactos e concessões.

Mesmo diante de condições extremamente adversas - ausência de democracia, inexistência de liberdade de expressão, falta de garantias básicas e sob constante ameaça de prisão, tortura, exílio ou fechamento -, durante a década de 1980 floresceu no Chile uma geração de revistas sem paralelo nos anos posteriores. Segundo Araya Jofré, o destaque dessas publicações residia tanto na ousadia de suas reportagens quanto na forte recepção entre os leitores. Nesse cenário, afirmar que *APSI*, *Análisis*, *Cauce* e *Hoy* desempenharam um papel fundamental na resistência à ditadura "aparece como um lugar comum" (Araya Jofré, p.177).

A revista *Análisis* nesse contexto de transição, surgiu no final da década de 1970, em meio à repressão e às severas limitações à liberdade de expressão impostas pela ditadura de Augusto Pinochet. Seu primeiro número foi publicado em dezembro de 1977 sob o título *Academia*, vinculado à *Academia de Humanismo Cristiano* (AHC)[38], instituição fundada pelo cardeal Raúl Silva Henríquez e integrada por intelectuais e acadêmicos como Fernando Castillo Velasco[39]. A atuação de Velasco esteve profundamente vinculada ao espaço de resistência

[38] A Academia do Humanismo Cristão, criada em 1975 e liderada pelo Cardeal Raúl Silva Henríquez (SDB) teve como objetivo reunir um grupo de intelectuais para discutir a política, a sociedade, a economia e a cultura do Chile.

[39] Fernando Castillo Velasco (Santiago, 15 de agosto de 1918 – 18 de julho de 2013) foi arquiteto e político chileno que marcou profundamente a vida acadêmica, social e urbana do país. Formado em arquitetura pela Pontificia Universidad Católica de Chile em 1947, destacou-se desde cedo no escritório Bresciani Valdés Castillo Huidobro (BVCH), responsável por alguns dos marcos mais expressivos do modernismo chileno, como as Torres de Tajamar e a Unidade Vecinal Portales. Seu trabalho, no entanto, ultrapassou os limites da estética e da técnica: Castillo Velasco concebia a arquitetura como um instrumento de transformação social, capaz de promover inclusão e fortalecer laços comunitários. Projetos como a Villa La Reina, construída no final dos anos 1960, demonstram essa perspectiva ao envolver diretamente os moradores na autoconstrução de suas casas, criando não apenas moradias, mas também uma rede de solidariedade e cidadania. Essa postura se articulou igualmente na esfera acadêmica, quando se tornou o primeiro reitor leigo eleito da Pontificia Universidad Católica, entre 1967 e 1973, momento em que impulsionou processos de democratização e abertura da instituição em meio a um cenário político marcado

intelectual e política que se consolidou na revista *Análisis*, instituição da qual foi um dos principais idealizadores. A revista constituiu-se como voz crítica frente à ditadura de Augusto Pinochet, reunindo acadêmicos, jornalistas e intelectuais comprometidos com a denúncia das violações de direitos humanos e com a defesa da democracia. Nesse contexto, a participação de Castillo Velasco não se limitou à esfera institucional: sua posição política ganhou contornos pessoais, uma vez que seus filhos estiveram envolvidos em atividades de oposição ao regime, fator que resultou em perseguições e, inclusive, em seu exílio entre 1974 e 1978. Tal entrelaçamento entre vida familiar, engajamento político e ação acadêmica revelou a coerência de um projeto intelectual que, ao mesmo tempo em que buscava consolidar espaços de reflexão crítica, reafirmava o compromisso ético de resistência frente ao autoritarismo e que era protegida pela igreja Católica.

Com a direção de Juan Pablo Cárdenas[40], o segundo número da publicação passou a denominar-se *Análisis*. Cárdenas obteve uma atuação crítica na revista que o tornou alvo de constante perseguição política, formas de assédio físico e jurídico, sendo detido em várias ocasiões. Em 1987, chegou a ser condenado a dezoito meses de prisão noturna, regime em que permanecia encarcerado durante a noite e mantinha suas atividades profissionais durante o dia. Essa situação peculiar ganhou ampla repercussão internacional, atraindo a solidariedade de colegas, intelectuais e veículos de imprensa. Em um desses episódios, o dramaturgo norte-

por tensões sociais. Sua trajetória foi também atravessada pela repressão da ditadura de Augusto Pinochet, o que o levou ao exílio entre 1974 e 1978, período em que atuou como professor em Cambridge e na Universidade Central da Venezuela. Ao retornar ao Chile, manteve uma postura crítica ao regime e esteve entre os fundadores da Universidade ARCIS, reafirmando seu compromisso com a educação voltada à reflexão crítica e à justiça social. No campo político, destacou-se ainda como intendente da Região Metropolitana, cargo do qual renunciou em 1994 por se recusar a assinar um decreto que impediria uma manifestação do Partido Comunista, gesto que revela sua integridade ética. Seu legado foi reconhecido com o Prêmio Nacional de Arquitectura em 1983 e o Premio América em 1989, e perpetuado simbolicamente com a nomeação de uma avenida central de La Reina e de uma estação de metrô em sua homenagem em 2014. Mais do que edifícios, Castillo Velasco deixou como herança uma visão humanista da arquitetura, entendida como prática de resistência e de construção de cidadania, que fez de seus projetos não apenas espaços físicos, mas agentes de transformação social e cultural no Chile.

[40] O professor Juan Pablo Cárdenas foi diretor da revista "Debate Universitario" e fundador e editor das revistas "Análisis" e "Los Tiempos", bem como do jornal online "Primera Línea". Foi colunista dos jornais "El País", na Espanha, e "Helsinki Sannomat", na Finlândia, bem como dos jornais nacionais "La Epoca", "La Nación" e "MTG". É também autor de vários livros de opinião e crônicas: "Por um Chile Livre"; "NÃO a Pinochet"; "Crônicas Impertinentes"; "América Latina: Democracias na Sombra"; "Contigo à Distância"; e os recentes "Debaixo d'água" e "Desobediência Devida". Entre 1994 e 2000, atuou como Adido de Imprensa na Embaixada do Chile no México. Seu trabalho foi reconhecido internacionalmente com o Prêmio Heróis da Liberdade de Imprensa da Federação Internacional de Jornalistas (Viena); o Prêmio Caneta de Ouro da Liberdade da Federação Mundial de Imprensa (Paris); o Prêmio Latino-Americano de Jornalismo da Federação Latino-Americana de Jornalistas (Cidade do México); o Prêmio Valenciano de Jornalismo da Federação Valenciana de Jornalistas (Espanha); o Prêmio Heuten Camera da Associação Holandesa de Jornalistas; e o Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos (Brasil), o Prêmio Monsenhor Loenidas Proaño (Equador) e um prêmio da Organização Latino-Americana de Militares Democráticos.

americano Arthur Miller acompanhou pessoalmente o trajeto de Cárdenas até a prisão. A hostilidade contra sua atuação também se manifestou em atentados, como o incêndio parcial de sua residência em novembro de 1989, não esclarecido pelas autoridades. Apesar disso, Cárdenas permaneceu na direção da *Análisis* até 1991, quando a revista encerrou suas atividades em virtude do declínio de sua circulação após a restauração da liberdade de imprensa com o governo de Patricio Aylwin.

Concebida inicialmente como uma publicação mensal – e posteriormente quinzenal - voltada ao debate intelectual, oferecia espaço a políticos, muitos deles ligados ao então proscrito Partido Democrata Cristão. Nos primeiros anos, entre dezembro de 1977 e janeiro de 1979, os exemplares mantinham-se em formato reduzido, com textos de caráter analítico que raramente ultrapassavam trinta páginas. Contudo, em março de 1979, a estrutura editorial foi ampliada: além de priorizar os artigos de cunho intelectual, passou a incorporar imagens relacionadas aos temas abordados e a aumentar significativamente sua extensão, alcançando cerca de sessenta páginas ou mais (Alarcón; Araneda, 2019). Na década de 1980, *Análisis* destacou-se pelo apoio às manifestações sociais que emergiam frente à ditadura. Essa postura crítica, somada às tensões com setores da Igreja, distanciou a revista de parte das autoridades eclesiásticas. Paralelamente, a crise econômica desencadeada a partir de 1982 levou a publicação a dedicar maior espaço à cobertura de questões econômicas ausentes da televisão estatal, divulgando índices de desemprego e informações sobre falências empresariais (Alarcón; Araneda, 2019).

Entre os editores que colaboraram com a revista *Análisis* destacam-se figuras no cenário político e intelectual chileno, como Edgardo Boeninger, Ricardo Lagos, Fernando Castillo, José J. Brunner, William Thayer, Andrés Aylwin, Máximo Pacheco, María Olivia Monckeberg, Manuel Antonio Garretón, Eugênio Tironi, Tomás Moulian, Jaime Castillo, Gustavo Rayo, Fernando Paulsen, Monsenhor Jorge Hourton e Hernán Montealegre. Além disso, a publicação contou também com a participação de nomes internacionais, como Luís Maira e Joan Garcés (Alarcón; Araneda, 2019).

Algumas seções da revista *Análisis* eram permanentes, entre elas o editorial, em que o responsável apresentava uma leitura crítica sobre determinado contexto; as crônicas políticas; as seções de economia; cultura e arte; cartas de opinião; além de espaços destinados a questões nacionais e internacionais. No que se refere aos responsáveis por cada área, a seção nacional esteve a cargo de Mario Planet e Felipe Pozo, enquanto a internacional foi coordenada por Hernán Montealegre e Juan Somavia. A editoria de educação ficou sob a responsabilidade de

M. Teresa Lladser e Hernán Quezada, ao passo que a seção de ciência e tecnologia foi dirigida por Sergio Prenafeta. Já a área de arte e cultura contou com a contribuição de Sérgio Palácio, e a de economia foi conduzida por Humberto Vega e Juan Cavada (Alarcón; Araneda, 2019).

A revista assumiu papel pioneiro ao publicar cartas de exilados políticos e ao dar espaço a representantes da Unidade Popular, o que levou seus diretores a responderem processos com base na Lei de Segurança Interna do Estado. Nos últimos anos da ditadura, a repressão jurídica se estendeu a diversos jornalistas ligados ao periódico, como Fernando Paulsen, Mónica González e Patricia Collyer, evidenciando o caráter persecutório da política de censura e controle da informação. A distribuição, inicialmente restrita a assinantes de Santiago, expandiu-se gradualmente a leitores nacionais e estrangeiros, alcançando, a partir do terceiro ano, circulação em províncias e bancas de jornal. Essa expansão foi acompanhada por intensas fiscalizações, mecanismos de censura e tentativas de cerceamento por parte das autoridades militares, que viam a revista como uma ameaça à narrativa oficial do governo.

Em setembro de 1983, *Análisis* perdeu o patrocínio da Academia de Humanismo Cristiano devido à sua explícita adesão às mobilizações sociais contrárias ao regime. Esse rompimento obrigou a revista a enfrentar novos obstáculos: a recusa de grandes gráficas em imprimir seus números levou à organização de uma rede de pequenas oficinas editoriais. Além disso, os Estados de Sítio decretados na década de 1980 paralisaram temporariamente sua circulação, forçando a equipe editorial a criar o boletim *Prensa Libre*, distribuído manualmente a assinantes e que chegou a contabilizar 150 edições (Memória Chilena, 2023). Um dos episódios mais emblemáticos para *Análisis* ocorreu em 1986, após o atentado contra Pinochet. Nesse contexto, o jornalista e editor internacional José Carrasco Tapia foi brutalmente assassinado, fato que simbolizou a vulnerabilidade e o risco constante enfrentado pelos profissionais que se opunham ao regime. Ainda assim, a revista continuou a publicar suas edições, sustentando seu compromisso em denunciar violações de direitos humanos e refletir criticamente sobre a conjuntura política chilena.

Para além da denúncia de abusos e repressões, *Análisis* desempenhou um papel central ao introduzir análises críticas de ordem política, econômica e social. A revista tornou-se um espaço de formação da opinião pública e de circulação de ideias que se contrapunham ao discurso estatal, tornando-se um dos principais meios de resistência cultural e intelectual durante a ditadura. Na transição democrática, a revista manteve-se fiel a sua postura crítica e independente. Todavia, as dificuldades financeiras, a queda nas vendas e a ausência de

publicidade oficial contribuíram para o seu enfraquecimento progressivo. Em 1993, após mais de quinze anos de atuação, *Análisis* encerrou definitivamente suas atividades, deixando como legado uma das experiências mais marcantes do jornalismo crítico no Chile contemporâneo (Memória Chilena, 2023).

O ciclo de mobilizações sociais que se intensificou no Chile nos anos 1980, sobretudo entre 1983 e 1986, tornou-se objeto privilegiado de reflexão para diversos intelectuais. Esses movimentos, surgidos em meio à crise econômica e à saturação da repressão ditatorial, expressaram não apenas reivindicações políticas imediatas, mas também dimensões afetivas e simbólicas da vida coletiva. Nesse sentido, como observa Norbert Lechner (1990, p. 82), "a ação política, como toda ação humana, não obedece só a uma lógica cognitiva; exerce influência sobre ela, igualmente, uma lógica afetiva e simbólica". As protestas, portanto, não podem ser compreendidas apenas em sua racionalidade estratégica, mas como expressão de sentimentos coletivos de indignação e de desejo de mudança.

Tomás Moulian[41] (1993) interpretou essas mobilizações como parte de um processo social tensionado entre a memória democrática e a força repressiva do regime militar. Para ele, o entusiasmo que animava os protestos estava impregnado de mitos e ilusões, sobretudo a crença de que a crise econômica conduziria automaticamente à derrocada do autoritarismo. Em sua análise, "[...] nunca se aceitou plenamente que o pinochetismo tinha uma base popular, mesmo sendo (como era) uma ditadura bárbara; porque aceitá-lo significava reconstruir radicalmente nossa própria imagem como sociedade" (Moulian, 1994, p. 5). As jornadas de protesto, assim, teriam sido derrotadas politicamente, pois não lograram impor uma alternativa capaz de desestabilizar o projeto neoliberal consolidado pela ditadura.

Em contraponto, Manuel Antonio Garretón[42] (1987) propôs uma interpretação que relativiza a noção de derrota. Para o sociólogo, ainda que as protestas não tenham criado novos atores autônomos nem originado uma ruptura direta, foram fundamentais para aquilo que denomina transição invisível. Essa categoria remete ao impacto simbólico e relacional das mobilizações, as quais possibilitaram a recomposição do tecido social, revitalizando práticas de associação e de contestação que haviam sido fragmentadas pela violência estatal. Desse modo,

[41] MOULIAN, Tomás. "El Gobierno Militar: Modernización y Revolución". In: La Forja de las Ilusiones: Sistema de Partidos. Santiago: Flacso, 1993.
[42] GARRETÓN, Manuel Antonio. Reconstruír la Politica: Transición y Consolidación Democratica en Chile. Santiago: Editorial Andante, 1987.

mais do que falhar em alcançar objetivos institucionais imediatos, os protestos cumpriram um papel estruturante na reconstrução da esfera pública.

Embora as interpretações de Tomás Moulian e Manuel Antonio Garretón ajudem a compreender os significados das mobilizações sociais, é no campo da imprensa que essas disputas de sentido se tornaram mais visíveis e concretas para a sociedade chilena. Se, de acordo com Moulian, os protestos careciam de capacidade estratégica e foram sufocados por uma cultura política marcada pelo possibilismo, a cobertura jornalística de *El Mercurio* e *La Segunda* reforçou esse diagnóstico ao insistir na deslegitimação das manifestações, retratando-as como desordem ou ameaça à estabilidade nacional. Por outro lado, a análise de Garretón, que valorizava as protestas como forma de recomposição da esfera pública, encontra ressonância na atuação da revista *Análisis,* que buscou denunciar os abusos do regime e dar visibilidade às vozes silenciadas, recriando um espaço de debate crítico. Nesse sentido, o capítulo dois dedicará atenção à imprensa como arena privilegiada de disputa narrativa, examinando de que maneira jornais e revistas construíram imagens antagônicas sobre as mobilizações, ora tentando sufocá-las, ora buscando amplificá-las.

Capítulo 2

Las Protestas Nacionales Sociales: *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis* nas disputas pela esfera pública chilena (1983-1986)

As primeiras mobilizações sociais no Chile, aconteceram em maio de 1983, sob controle inicial dos membros da *Confederación de Trabajadores del Cobre* (CTC), cujo objetivo era protestar contra a situação econômica do país, em particular, a crise do cobre que levou a altas taxas de desemprego para os trabalhadores das minas e sociedade em geral, o aumento da inflação e da dívida externa no Chile. Em poucos meses, esse movimento cresceu e ganhou novos adeptos e pautas, com integrantes da coligação política de centro-esquerda, *Alianza Democrática*, formada em 6 de agosto de 1983 e membros do *Movimento Popular Democrático* (MDP) criado em 20 de setembro. Ambos protestavam contra a Constituição criada em 1980 e solicitavam a saída de Pinochet do poder por meio da convocação de novas eleições gerais.

2.1 A opinião pública durante o 1º de Maio de 1983 em *El Mercurio*

Em uma tentativa inicial do Governo e da Imprensa para descobrir os motivos por trás dessas primeiras mobilizações, *El Mercurio*[43] trouxe em suas páginas um texto-opinativo intitulado "*La Crisis Económica Afectó el Apoyo Político al Gobierno*", assinado pelo Ministro do Interior, nessa época, Enrique Montero Marx. Montero, considera que o regime militar tem perdido parte do apoio político da cidadania como consequência da aguda recessão econômica que tem vivido o país durante os últimos anos e que sem dúvida, seria possível recuperar a coesão em torno do Governo mediante a claridade da ação, gerando confiança e utilizando elementos que reafirmam o conceito de autoridade. Também destacou o desenvolvimento do regime, enfatizando que até 1980, pese a crise de 1973 e 1976, primou-se pelo Governo o critério político sobre o econômico, situação que se reverteu ao se iniciar a atual recessão. Observou que já antes de 1980, quando o país havia entrado em um franco "trem de progresso", se foi abandonando a preocupação pelas instituições e grupos intermediários que poderiam apoiar politicamente o governo, preferindo o bem estar pessoal que ia gradualmente incorporando a sociedade chilena.

> Con ello - dijo- la opinión pública que apoyaba al Gobierno fue perdiendo su cohesión y su entusiasmo; pérdida que se agravó para convertirse en crítica con motivo de la fuerte recesión de los años 1981 y 1982 y que aún se mantiene vigente. La política como instrumento requiere una capacidad de acción acorde con la situación contingente que permita liberar a la opinión pública de problemas ajenos al manejo del Gobierno y, por ende, que ella se pliegue a elementos críticos que pretenden subordinar las decisiones a factores coyunturales, puntuales o meramente interesados.

[43] Diretor: Agustín Edwards Eastman; Domicílio: Compañía 1214; Representante Legal: Carlos Felt C; Proprietário: Empresa El Mercurio S.A.P.

> En toda consideración pragmática no hay que olvidar que el pueblo esencialmente veleidoso, fácil de atraer por el gobernante a veces con su sola presencia, pero al que abandona con más rapidez que la esperaban cuando la crisis les afectan sin razonar las causas que las originaron[44] (*La Crisis Económica Afectó el Apoyo Político al Gobierno. El Mercurio, Santiago,* 30 de abril a 6 de maio de 1983, p.1).

Nos protestos de 1º de maio, *El Mercurio* relata tais ações como "*Desórdenes Callejeros En Día del Trabajo: Seteinta y seis detenidos, cinco de ellos a disposición del Juzgado de Polícia Local*[45]*. Uma decena de heridos*". Aponta, portanto, que houve 76 detidos, uma dezena de feridos e vários lesionados. O jornal classificou esse protesto como resultado de "diversos distúrbios" ocorridos no setor central da capital, quando manifestantes opositores ao Governo se reuniram na Plaza Artesanos, nas ruas Ismael Valdés Vergara e 21 de Mayo e em outros pontos, como o interior da *Catedral Metropolitana*, la Plaza de Armas e Paseo Ahumada. As "desordens" começaram minutos depois das 11 da manhã, na Plaza Artesanos, e ali centenas de manifestantes gritaram lemas contrários à autoridade, agitando seus punhos ao alto e marchando em direção ao oriente sem que encontrassem maiores problemas, sendo estreitamente vigiados por *Carabineros*[46].

Surpreendentemente, o diário relata que irrompeu em um lugar um grupo de civis armados de "laques" - objetos de goma e ferro - e começaram a dispersar os grupos agredindo a vários transeuntes e jornalistas. Segundo o diário, o comando estava formado por uns 30 homens jovens vestidos de roupas esportivas e a maioria extraíram suas armas desde suas botas e espessas vestimentas. Logo para atacar um pequeno grupo de manifestantes, saíram em perseguição a jornalistas, entre eles, o ajudante de camarógrafo do *Canal 13* da *Televisión*, Ricardo Esquivel, e o fotógrafo do diário, *Las Ultimas Noticias*, Victor Orellana, que sofreu uma lesão em seu pulso direito, golpes de "laque" no pescoço e danos em sua máquina fotográfica da marca *Nikon*. Também um fotógrafo sueco perdeu sua máquina fotográfica e

---

[44]"Como resultado, disse, a opinião pública de apoio ao governo perdeu a sua coesão e entusiasmo, perda que se agravou e se tornou crítica durante a grave recessão de 1981 e 1982, e que ainda continua. A política como instrumento exige uma capacidade de ação de acordo com a situação contingente que permita libertar a opinião pública de problemas estranhos à gestão do governo e, consequentemente, que ceda a elementos críticos que procuram subordinar as decisões a fatores específicos, pontuais ou meramente interesseiros. Em qualquer consideração pragmática, não se deve esquecer que o povo é essencialmente inconstante, facilmente atraído pelo governante, por vezes com a sua simples presença, mas abandonado mais rapidamente do que o esperado quando as crises o afetam sem raciocinar sobre as causas que as originaram" (La Crisis Económica Afectó el Apoyo Político al Gobierno. *El Mercurio*, Santiago, 30 de abril a 6 de maio de 1983, p.1, tradução nossa).

[45] "Desordem na rua no "Dia do Trabalhador": Sessenta e seis detidos, cinco dos quais à disposição do Tribunal da Polícia Local. Uma dezena de feridos" (tradução nossa)

[46] Os *Carabineros* são uma força policial nacional do Chile, criada em 1927 como uma instituição militarizada encarregada de manter a ordem pública. Durante a ditadura militar de Augusto Pinochet (1973–1990), os Carabineros desempenharam um papel na repressão política e social. Eles foram um dos principais instrumentos de controle do regime, envolvidos em ações de vigilância, repressão a protestos e prisões.

recebeu golpes de linchamento. O diário ressalta ainda que o camarógrafo noruego, Erick Selmer e seu ajudante foram também agredidos. Entre os feridos nos "distúrbios" de Plaza Artesanos e que concorreram até a Assistência Pública está o médico, Manuel Almeyda, que recebeu golpes que lhe provocaram feridas cortantes na cabeça e hematomas no corpo.

No interior da *Catedral Metropolitana, El Mercurio* diz que as desordens e manifestações se alastraram e centenas de pessoas se refugiaram para protestar contra o Governo. Lá, homens e mulheres teriam levantado os punhos, convocado greve e davam louvor ao Cardeal, Raúl Silva Henríquez, chamando ao mesmo tempo representantes do regime da Unidade Popular. Houve ainda na descrição outras dezesseis pessoas, 11 homens e 5 mulheres que foram presas um dia antes do protesto, quando realizavam ato celebratório do 1 de Mayo na rua Franklin 1492 sem contar com a permissão das autoridades.

No dia seguinte ao protesto, *El Mercurio* narra e revela imagens dos protestos, ressaltando que o Ministro do Interior informou que cinco pessoas - Iván Rodrigo Rojas Núñez, Francisco Estévez Valencia, Ana Squicciarini Navarro e as irmãs Marcela e Tatiana Jerez Arellano - foram dispostas ao Tribunal da Polícia Local e acusadas de promover desordens na via pública durante a celebração do Dia do Trabalho, enquanto as outras 71 pessoas tiveram suas liberdades logo que comprovou-se seus antecedentes. O Ministro interpretou este protesto de forma "normal" e disse que não havia nenhuma pendência nacional:

> No es que quiera minimizar las cosas - agregó - pero quiero colocarlas en su categoría. Incluso, pienso que la misma actitud serena de Carabineros impidió que se fuera más allá. Pero las cosas se conocen por los resultados y por ellos les puedo decir enfáticamente que no hubo ningún compromiso grave del orden público[47] (*El Mercurio*, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2)

Imagem 7. Protestos de 1º de Maio no jornal *El Mercurio*

[47] "Não quero minimizar as coisas, acrescentou, mas quero colocá-las na sua categoria. Penso mesmo que a atitude muito calma dos Carabineros impediu que a situação fosse mais longe. Mas as coisas conhecem-se pelos resultados e posso dizer-vos com toda a convicção que não houve qualquer comprometimento grave da ordem pública" (*El Mercurio*, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2, tradução nossa)



Luego de los incidentes de Plaza Artesanos y otros lugares cercanos a la Estación Mapocho numerosas personas se trasladaron hasta la Plaza de Armas. Ingresaron a la Catedral desde donde profirieron consignas en recuerdo del Día del Trabajo y en contra del actual Gobierno. En el grabado algunos manifestantes vociferan desde una de las puertas del templo metropolitano.

Fonte: *El Mercurio*, 1 º maio de 1983. Sem registro do fotógrafo em questão.

Segundo o jornal, diante dos ataques realizados aos jornalistas nacionais e estrangeiros, o *Consejo Nacional del Colegio de Periodistas* de Chile, fez uma declaração pública em tons de protestos: "[...] todo ha quedado respuestas evasivas, pues jamás se han logrado resultados concretos respecto de quienes han sido, en la práctica, los autores materiales de estas agresiones y detenciones injustas[48]" (*El Mercurio*, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2). No âmbito da Igreja, o periódico relatou que o cardeal Arcebispo de Santiago, Raúl Silva Henríquez, defendeu os trabalhadores e seus direitos pois "[...] el trabajo nos es una mercancía, sino que tiene valor del hombre, del Hijo de Dios[49]" (*El Mercurio*, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2) e desta forma convocou uma missa na Paróquia de San José Obrero localizada na Plaza Garin em Quinta Normal. Ali, Henriquez em discurso ao feriado do dia do trabalho e as manifestações que aconteceram apoiou os atos declarando que "[...] las luchas, a veces sangrientas, que los trabajadores han debido sostener para hacer valer sus derechos, especialmente para que los hombres de esta época entiendan que estos no provienen de la voluntad de las personas ni de

[48] "[...] tudo não passou de respostas evasivas, pois nunca se obtiveram resultados concretos em relação àqueles que foram, na prática, os autores materiais destas agressões e detenções injustas" (El Mercurio, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2, tradução nossa)

[49] "[...] o trabalho não é uma mercadoria, mas tem valor a partir do homem, a partir do Filho de Deus" (El Mercurio, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2, tradução nossa)

los gobiernos, sino de sua naturaleza[50]" (*El Mercurio*, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2) e ao despedir-se do seu mandato que levava 22 anos desde 1961 quando foi coroado pelo Papa XXIII, reafirmava seu apoio aos trabalhadores, sendo, Rodolfo Seguel, um dos líderes da CTC homenageado por essa manifestação. *El Mercurio* relatou que logo após a primeira manifestação em Santiago, outras manifestações motivadas pela primeira e pelos ofícios católicos contra o Governo, por "*Pan, trabajo y justicia*[51]", ocorreram nas províncias de Concepción e Osorno.

Na quarta-feira, 11 de Maio, com a incidência de novos protestos, *El Mercurio* novamente os denomina como "*Graves Disturbios en Santiago*" e "*Vandalismo*", apontando a incidência de dois mortos e 350 detidos que foram o resultado de violentas desordens que se desencadearam em distintos pontos da capital, logo de uma jornada tensa, mas tranquila, devido à greve nacional que convocou a CTC e que "não teve êxito". O jornal assinala que durante o dia, só houve incidentes isolados nos campos universitários e no *Palacio de los Tribunales* e que novamente soaram as 'cacerolas'[52] nos bairros santiaguinos. Dentre os mortos, estava um adolescente de 15 anos chamado Víctor René Rodríguez Celis, e um empregado de 22 anos que morreu entre os enfrentamentos de piquetes de moradores com os carabineros no Valledor, esquina de Valparaíso e Población La Victoria de San Miguel:

> Los actos de vandalismo en los distintos puntos de la cidade fueron la culminación de un día tenso que se había caracterizado por la normalidad en las actividades productivas del país con cierto ausentismo de los estudiantes a los establecimientos educacionales y protesta pacíficas consistentes en "ruido de cacerolas"y persistentes bocinazos de los automovilistas[53] (El Mercurio, 7 a 13 de Mayo de 1983, p.1)

No editorial publicado pelo jornal na sexta-feira, dia 13, intitulado "*Llamado de Atención*", *El Mercurio* considera que as manifestações do dia 11 tiveram consistência em uma prova de força dos grupos opositores ante um Governo que tem a sua disposição amplas faculdades de caráter repressivo. O jornal acredita que provavelmente os protestos irão se repetir com mais intensidade e que por isso as autoridades devem tomar nota delas e de seu

---

[50] "[...] as lutas, por vezes sangrentas, que os trabalhadores tiveram de travar para fazer valer os seus direitos, sobretudo para fazer compreender aos homens desta época que esses direitos não provêm da vontade dos indivíduos ou dos governos, mas da sua natureza" (El Mercurio, Santiago, 1 a 6 de maio de 1983, p. 2, tradução nossa)

[51] "Pão, Trabalho e Justiça" (tradução nossa)

[52] Panelas

[53] "Os atos de vandalismo em diferentes pontos da cidade foram o culminar de um dia tenso que se tinha caracterizado pela normalidade das atividades produtivas do país, com algum absentismo estudantil nas escolas e protestos pacíficos que consistiam no “barulho de tachos e panelas” e no buzinar persistente dos carros" (El Mercurio, 7 a 13 de Mayo de 1983, p.1, tradução nossa)

significado. O periódico também enfatiza que a opinião pública voltou a reviver as desordens e o vandalismo que se acreditavam definitivamente ter sido eliminados da vida cidadã:

> Parece haber llegado el momento, pues, para que un Gobierno desafiado, una oposicion que se arriesga a salir a la calle y una mayoría silenciosa y desalentada hagan un esfuerzo para lograr el indispensable concierto. Aquí, una sola de las partes, el Gobierno, puede tener iniciativa. Y éste debe desde ya dar muestras de su ánimo de rectificación con medidas que está en sus manos adoptar y que, fundamentalmente, son las que se orientan a definir en forma más precisa las características próprias del actual período[54] (*Llamado de Atención*, *El Mercurio*, 7 a 13 de Mayo de 1983, p.2).

Fornecida essas considerações, o jornal finaliza o artigo demonstrando certa preocupação com os próximos meses para o regime militar e diz que uma análise fria do 11 de maio mostrou que elas irão fortificar-se mediante o isolamento, se não, com o expediente de voltar a ganhar a confiança dos mesmo que há 10 anos exigiram, majoritariamente, a intervenção das Forças Armadas.

No diário *La Segunda*, observa-se na manchete do jornal destacada em caixa alta e cor azul a frase "*EFECTOS DEL 1 º DE MAYO*". Na seção *Politica*, o jornal intitula o protesto como "*1 de Maio: cinco detenidos; laques em manos de civiles*". Semelhante a *El Mercurio*, *La Segunda* recupera as informações do protesto, número de mortos, feridos e o local, mas reserva um grande espaço de destaque para os *laques* com várias fotografias e acrescenta detalhes da manifestação realizada pela Agrupación Nacional de Empleados Fiscales (ANEF)[55] e as declarações efetuadas pelos sindicatos frente às detenções das manifestações na Plaza Artesanos. Federico Mujica, um dos sindicatos, declarou que foi uma demonstração de falta de autoridade por parte das forças policiais que permaneceram impassíveis ante a agressão de civis e que "El fecho de que el acto organizado por la Coordinadora Nacional Sindical no haya sido autorizado no justifica la represión[56]" (*La Segunda,* 1º de maio de 1986, p.1). Hernol Flores, presidente de ANEF, opinou que "[...] en el día de ayer, quedó demostrada la violencia innecesaria de este gobierno y es paradójico que solamente en dos países del mundo se haya

---

[54] Parece, pois, ter chegado o momento de um governo desafiado, de uma oposição que se arrisca a sair à rua e de uma maioria silenciosa e desanimada fazerem um esforço para chegar ao acordo necessário. Neste caso, só uma das partes, o governo, pode tomar a iniciativa. E deve agora mostrar a sua vontade de corrigir a situação com medidas que está em seu poder adotar e que, fundamentalmente, visam definir com maior precisão as características do período atual (*Llamado de Atención*, *El Mercurio*, 7-13 de maio de 1983, p.2, tradução nossa).

[55] É uma organização sindical chilena que representa os trabalhadores civis do governo. Foi fundada em maio de 1943, com o objetivo de proteger os direitos dos funcionários públicos. Seu fundador foi Clotario Blest Riffo, um importante ativista social chileno, que liderou uma organização durante os primeiros 15 anos. Desde então, a ANEF tem desempenhado um papel ativo nas lutas sindicais e sociais do Chile, promovendo a defesa dos direitos trabalhistas e sociais, como o direito à sindicalização e melhores condições de trabalho.

[56] "O fato de a manifestação organizada pela Comissão Nacional de Coordenação Sindical não ter sido autorizada não justifica a repressão" (*La Segunda*, 1º de maio de 1986, p.1, tradução nossa)

conocido esta violencia contra los trabajadores en este 1º de mayo: en Polonia y en Chile[57]" (*La Segunda,* 1º de maio de 1986, p.1).

Flores também reforça que os atos proferidos pela ANEF são de organizações representativas como a *Unión Democrática de Trabajadores* (UDT), a *Frente Unitario de Trabajadores* (FUT) e a *Confederación de Empleados Particulares*, que expressam o pensamento com clareza e franqueza e garantem que a maneira em que se organizaram os sindicalistas democráticos, foi de forma pacífica e respeitosa a tudo e por todos: "No podemos compartir - dijo Flores - los conceptos del Ministro del Trabajo cuando expresa que la legislación laboral chilena es la más avanzada del mundo[58]" (*La Segunda,* 1º de maio de 1986, p.1).

Imagem 8. Protestos de 1º de Maio no jornal *La Segunda*



Fonte: *La Segunda*, 2 maio de 1983. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 9. Manifestantes em Plaza Artesanos

[57] "Ontem demonstrou a violência desnecessária deste governo e é paradoxal que apenas dois países no mundo tenham experimentado esta violência contra os trabalhadores no dia 1º de maio: a Polónia e o Chile" (*La Segunda*, 1º de maio de 1986, p.1, tradução nossa)

[58] Não podemos partilhar - disse Flores - os conceitos do Ministro do Trabalho quando diz que a legislação laboral chilena é a mais avançada do mundo" (*La Segunda*, 1º de maio de 1986, p.1, tradução nossa)



Grupos de manifestantes avanzan hacia la Plaza Artesanos, al comenzar la manifestación no autorizada ayer al mediodía.

Fonte: *La Segunda*, 2 maio de 1983. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 10. *Laques* nas manifestações



Fonte: *La Segunda*, 2 maio de 1983. Foto por Guillermo Arthur, subsecretário do Trabalho.

Dada a situação de possível greve no dia 11, prevista pelo diário, surgiram algumas hipóteses pelo governo e o subsecretário do Trabalho, Guillermo Arthur, de que tais atos acerca do 1º de maio e os que viriam estavam ocorrendo por um problema muito mais econômico do que dos desacordos com a legislação:

> [...] estuvo caracterizada por una **participación bastante activa de amplios sectores del sindicalismo nacional**, en la cual se expusieron con **especial franqueza** la situación que afecta a los trabajadores, tanto en el discurso de Pedro Briceño como en un seminario realizado en el estadio "La Perla". Hay que destacar que muchos de **los**

> **problemas que se plantean provienen mucho más de una situación económica que nos afecta, más que de legislación, y en la medida que superemos la crisis, vamos a superar los problemas[59]"**(La Segunda, 4 de Mayo de 1983, p. 4, grifo do jornal).

Ou seja, para o jornal e os ministros entendia-se que o desemprego e a recessão eram a chave dos "distúrbios" que estavam acontecendo e por esse motivo o governo precisava fortalecer a rede social e sanar essa situação econômica. O jornal também reiterou no dia 4 de maio, detalhes com imagens dos homens que supostamente haviam golpeados os jornalistas em 1 º de Maio e suas características físicas, idade, veículo, laques, etc:

> Al igual que la vez anterior, los miembros del grupo actúan coordenadamente, cumpliendo órdenes de mando que les imparte un sujeto joven, delgado, de alta estatura y abundante barba, que se desplaza en un automóvil marca Chevette, de color blanco. Los integrantes del grupo alcanzan - según los testigos - entre 30 y 50 personas, que llegan y se retiran ordenadamente. Jamás se separan.
> El individuo joven que oficia de jefe tiene un lugarteniente descrito como un sujeto bajo, gordo, de unos 50 años. Este último fue visto en la tarea de aprisionar a un manifestante y trasladarlos a viva fuerza hasta un carro.
> Los componentes son, en general, personas jóvenes con edades que oscilan entre los 25 y los 35 años. No usan distintivo especial. Visten sport, más bien con apariencia modesta: jeans, parkas, preferentemente de color azul, y gorros o chaquetas de la similares a las chilotas. Algunos usaron pasamontañas[60] (*La Segunda,* 4 de Maio de 1983, p. 4)

Imagem 11. Como são os civis armados que atuaram no 1º de maio segundo *La Segunda*

[59] [...] caracterizou-se por uma **participação bastante ativa de amplos setores do sindicalismo nacional**, em que a situação dos trabalhadores foi apresentada com **particular franqueza**, tanto no discurso de Pedro Briceño como num seminário realizado no estádio "La Perla". É preciso sublinhar que muitos **dos problemas que se colocam resultam muito mais de uma situação econômica que nos afeta do que da legislação, e na medida em que ultrapassarmos a crise, ultrapassaremos os problemas**" (*La Segunda*, 4 de Mayo de 1983, p. 4, tradução nossa, grifo do jornal).

[60] Tal como na ocasião anterior, os membros do grupo atuaram de forma coordenada, seguindo as ordens que lhes eram dadas por um homem jovem, magro, alto, de barba rala, num Chevette branco. Segundo as testemunhas, os membros do grupo são entre 30 e 50 pessoas, que chegam e saem de forma ordenada. Nunca se separam. O jovem que lidera o grupo tem um tenente, descrito como um homem baixo e gordo, na casa dos 50 anos. Este último foi visto na tarefa de prender um manifestante e de o transferir à força para um carro. Os membros são geralmente jovens entre os 25 e os 35 anos. Não usam insígnias especiais. Vestem roupas informais, de aspecto bastante modesto: calças de ganga, parkas, de preferência azuis, e chapéus ou casacos semelhantes aos usados pelos Chilotas. Alguns usavam balaclavas (*La Segunda*, 4 de maio de 1983, p. 4, tradução nossa).



Fonte: *La Segund*a, 4 de maio de 1983, p. 4. Sem registro do fotógrafo em questão.

Nos protestos de 11 de maio, *La Segunda* destacou na capa do jornal a frase sublinhada "El retiro de Seguel y sus efectos" e em vermelho "EL COBRE Y EL PARO". Essa greve segundo o diário estava confirmada por Seguel - trabalhador da empresa de eletricidade ENDESA (Empresa Nacional de Eletricidade) e tornou-se conhecido nacionalmente ao liderar a CTC - no entanto, *La Segunda* aponta que diversos dirigentes[61] estavam rejeitando a realização da greve por explicarem que primeiro se deveria esgotar todas as instâncias de diálogo com o Governo para que ela acontecesse e que a greve não estava dentro dos marcos jurídicos legais do país.

Imagem 12. Capa do jornal *La Segunda* em 9 de maio 1983

[61] "Manuel Contreras, presidente da Confederación de los Trabajadores y del Sector Privado; Andrés Acevedo, presidente de la Confederación Bancaria; Pedro Briceño, dirigente de los Trabajadores de CAP sede Huachipato; Carlos López Cornejo, presidente de la Asociación de Trabajadores Provincia Agrarias Unidas; Juan Chacón, dirigente de campesinos; Guillermo Medina, sindicato de El Teniente; las dos confederaciones del salitre; ANAECH, Asociación Nacional de Auxiliares Paramédicos y Margarita lópez, representante de los suplementeros, entre otros" (*La Segunda*, 11 maio de 1983, p. 3)



EL 'DESGASTE' Y SUS RAZONES

◆ Escribe Hernán Larraín Fernández.

La Segunda

El retiro de Seguel y sus efectos

EL COBRE Y EL PARO

◆ Insistencia de la Coordinadora. ◆ Seguel y Ricardo Hormazábal forman Comité de Protesta. ◆ UDT y FUT no han firmado nueva declaración de 'cupríferos.' ◆ Reunión larga en La Moneda. ◆ Organizaciones sindicales rechazan el paro y el movimiento.

CACERES A TOKIO

EL INFORME MANCINI

PRONOSTICOS PARA MISS CHILE

NUEVOS ARZOBISPOS: REUNION Y ALMUERZO CON PINOCHET

Fonte: *La Segund*a, 9 de maio de 1983, p. 1.

Imagem 13. Capa do jornal *La Segunda* em 11 de maio 1983



La Segunda

Focos localizados, coordinados, pero parciales

LA PROTESTA: 1.er BALANCE

◆ "Miguelitos", el mayor problema. ◆ Asistencia al cobre, normal. ◆ PEM y POJH. ◆ "Sitting" y desórdenes en algunas sedes universitarias. ◆ Comercio abrió como siempre. ◆ Aisladas protestas en poblaciones y sectores industriales. ◆ Variadas situaciones en asistencia escolar. ◆ Fábricas: personal completo. ◆ Suárez y Seguel hablaron.

DESTACAN EN ARGENTINA POSICION DE EE.UU. SOBRE DIFERENDO AUSTRAL

Fonte: *La Segund*a, 11 de maio de 1983, p. 1.

Pablo Baraona, ex-ministro da Economia, opina no jornal em "*Partidarios y críticos*" indicando que a atitude das pessoas frente aos governos tende a ser crítica, especialmente nas comunidades dominadas por uma mentalidade socialista, como ele identifica os manifestantes. Esta mentalidade, segundo ele, manifesta a culpa de todo mal que sucede no governo de turno e pondera que nesse conceito, talvez tenham razão, pois é um preço que um governo deve pagar pelo estatismo. No entanto, nessa linha não há senão uma alternativa de que "[...] la inmensa mayoría de la población esté, a corto plazo, en contra del gobierno, como ha sucedido, por lo demás, en los últimos cincuentas años[62]" (Partidario y críticos, *La Segunda*, 11 de maio de 1983, p.2)

Baraona considera também que o regime militar foi uma exceção entre todos os outros, uma vez que por cima de toda "dúvida", governou por mais de seis anos um período "normal", onde teve apoio entusiasta ou silencioso da maioria. Sente que nesta situação estranha para seu meio, os protestos se explicavam pela política econômica e social, na descentralização administrativa que criava oportunidades que cada um poderia utilizar, fazendo uso de sua liberdade responsavelmente. Mesmo assim, o ministro acredita que a opinião pública ainda esteja apoiando o regime por considerarem que este fenômeno era externo, afetando todos os países e explica:

> La crisis económica afectó sin duda el apoyo popular del gobierno, pero estaba siendo comprendido por buena parte de los ciudadanos que este era un fenómeno externo que estaba golpeando a todos los países y frente al cual el gobierno hacía honestos esfuerzos para paliar sus efectos, especialmente en los más débiles. **Igualmente**, **la opinion pública** comprendió que hubo personas que fueron demasiado lejos en su entusiasmo, imprudencia y afán especulativo y que estos problemas estaban también siendo abordados con honestidad y fuerza. En suma, como lo dijo con tanta claridad y brillantez un columnista de este diario el pasado lunes, la aceptación - entusiasta o no - de este gobierno, pudo haber superado los efectos de la crisis económica[63] (*Partidarios y críticos, La Segunda*, 11º de maio de 1983, p.2, grifo do jornal)

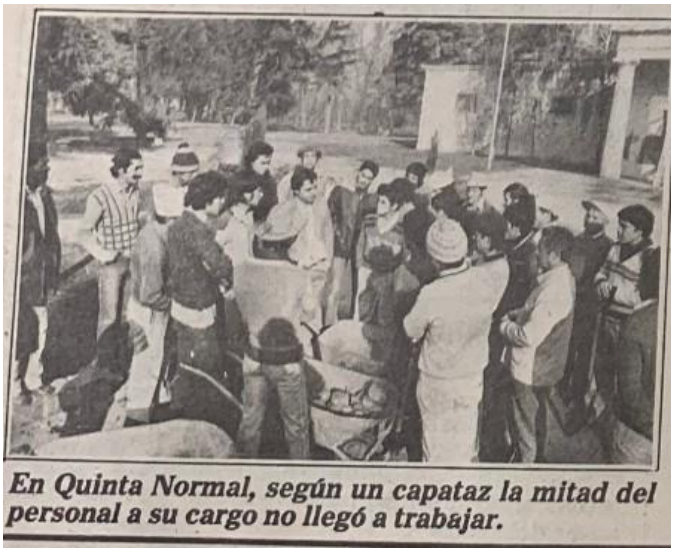
---

[62] "[...] a grande maioria da população está, a curto prazo, contra o governo, como aconteceu, aliás, nos últimos cinquenta anos" (*Partidario y críticos*, *La Segunda*, 11º de maio de 1983, p.2, tradução nossa).

[63] "É certo que a crise econômica afetou o apoio popular ao governo, mas muitos cidadãos compreenderam que se tratava de um fenômeno externo que afetava todos os países e que o governo estava a fazer esforços honestos para atenuar os seus efeitos, especialmente nos mais fracos. **Do mesmo modo, o público** compreendeu que havia pessoas que tinham ido longe demais no seu entusiasmo, imprudência e zelo especulativo, e que esses problemas também estavam a ser enfrentados com honestidade e firmeza. Em suma, como disse de forma tão clara e brilhante um colunista deste jornal na passada segunda-feira, a aceitação - entusiástica ou não - deste Governo pode ter superado os efeitos da crise econômica" (*Partidarios y críticos, La Segunda*, 11º de maio de 1983, p.2, tradução nossa, grifo do jornal).

La Segunda, nestes protestos de maio de 1983, apresenta uma declaração de Seguel denunciando uma série de intervenções na linha telefônica em distintas zonas do cobre para atrapalhar os protestos e gerar desinformação. O líder reitera que o chamado a esta data para protestar era pacífico e que uma primeira evolução de como se havia desenvolvido o movimento na capital lhe permitia assegurar de forma positiva que tudo estava sendo bastante pacífico. Dados e imagens trazidos pelo jornal, mostraram que muitas fábricas permaneceram funcionando normalmente e Seguel apontava que umas cinco estavam dispostas a paralisar suas tarefas. Posterior aos protestos do dia 11, o jornal publica "*Contradictorias situaciones en proyectos laborales de los diversos municipales*" relatando diversos absentismos nas zonas norte e sul da capital, em Quinta Normal e outros municípios que apresentavam um movimento menor que o acostumado. No *Museo Tecnológico,* apresentou-se cerca de 50% de absenteísmo de 80 trabalhadores.

Imagem 14. Absenteísmo de trabalhadores em Quinta Normal



En Quinta Normal, según un capataz la mitad del personal a su cargo no llegó a trabajar.

Fonte: *La Segunda*, 12 de maio de 1983. Sem registro do fotógrafo em questão.

Em *Análisis,* vemos as situações dos protestos de 1 e 11º de maio destoantes das publicadas por *El Mercurio* e *La Segunda*. A opinião do jornal mensalmente publicada por Juan Pablo Cárdenas - diretor da revista - mostrava o primeiro de maio como uma surpresa e uma saudosa coragem do *Movimento Sindical Chileno* na evolução política do país. Ele confessa que era difícil prever que o *Congresso dos Trabajadores del Cobre*, realizado em Punta de Tralca, derivaria na convocação de uma *Greve Nacional* e que sem dúvida se considerarmos o

estado caótico que os chilenos vivem há mais de 10 anos de Administração Militar, tal atitude mas que audaz, resultou numa reação plenamente de acordo com o abrumador desencanto civil e o propósito popular de conciliar Chile com o sentido comum e a Justiça. Cárdenas ressalta que tal proposta de Greve está para além de resolver os problemas econômicos, é dizer "[...] em la plena comprensión de que se trata de un "**sistema completo"** el que tiene "**envuelto y oprimidos"** a los trabajadores y chilenos[64]" (*Análisis*, n. 57, p.3, 1983, grifo da revista)

> Por su gestación y derivaciones, este Paro será considerado como el hecho político de mayor magnitud en los últimos meses o años. Porque más allá de toda la represión que se ejerce contra su plena realización, sólo su acuerdo es demostrativo ya de una rebeldía popular y de una concertación estratégica que supera con creces otras manifestacione y acuerdos tendientes a cambiar el orden vigente[65] (Cárdenas, *Análisis*, n.57, p.3, 1983)

Cárdenas também reforça outra característica importante da manifestação que deriva da reflexão e compromisso dos dirigentes das mais genuínas representatividade, de maneira que cada um foi escolhido muito recentemente para exercer seu trabalho sindical e argumenta, com toda a segurança, que este feito é difícil mentir contra a propaganda oficial ou uniformada tendente a identificar o descontentamento e a resistência popular com expressões isoladas ou pré fabricadas pelos inimigos "tradicionais" do Regime e por último, considera que o 11º de maio será visto como início de um itinerário unitário e resolvido que pelo mesmo não deve comprometer as organizações sindicais se não a todos os partidários de uma ordem democrática e libertária.

Ainda em um outro texto opinativo trazido pela revista e escrito por Fernando Castillo Velasco, o mesmo acusa a CNI de matar os "verdadeiros" ou supostos "extremistas" sem entregar uma mínima prova de que esses atos tiveram justificativa. Esse relato traduz uma certa importância, pois coloca em cheque as ressalvas que *El Mercurio* e *La Segunda* deram sobre trazer "justiça" para os inimigos da nação, chamados por eles de extremistas, terroristas, etc:

> Basta que los ejecutores declaren que los muertos eran extremistas, recién llegados a Chile, después de un sofisticado adiestramiento en Cuba, y que éstos dispararon sus armas antes que ellos, **para que el hecho quede aceptado por la autoridad y por la opinión pública (a través de los medios de comunicación)** como simple acto de purificación de la sociedad chilena.

---

[64] "[...] com a plena consciência de que se trata de um **"sistema completo"** que **"envolveu e oprimiu"** os trabalhadores e os chilenos" (Análisis, n. 57, p.3, 1983, tradução nossa, grifo da revista).

[65] "Pela sua gestação e derivações, esta greve será considerada como o maior acontecimento político dos últimos meses ou anos. Porque, para além de toda a repressão exercida contra a sua plena realização, o seu acordo demonstra, por si só, uma rebelião popular e um acordo estratégico que ultrapassa em muito outras manifestações e acordos destinados a alterar a ordem vigente" (Cárdenas, *Análisis*, n.57, p.3, 1983).

> Pero ¿qué pensaríamos si esos supuestos extremistas no hubiesen llevado consigo tales armas cuando fueron acribillados? Y ¿qué pensaríamos si esos supuestos extremistas no poseían realmente los arsenales que la televisión exhibe orgullosamente, mostrando pistolas, revólveres y balas ordenadamente dispuestos sobre una amplia mesa, apenas minutos después del enfrentamiento?
> Pensaríamos que se habría cometido un horroroso crimen y pensaríamos que el pueblo chileno debiera por fim levantar sua voz para clamar justiça.
> Nuestras dudas, que nos hieren y entristecen profundamente, vienen de que en el último supuesto enfrentamiento, al igual que en otras anteriores, son los "extremistas" los únicos que caen acribillados por mil balas, mientras que las fuerzas del CNI quedan en pie, prontas a repeler el próximo "ataque"[66]. (Velasco, Análisis, n.57, p. 3, 1983, grifo da revista)

Como posto, *Análisis* condena as diversas notícias e manchetes exibidas pelo meios de comunicação e a própria Televisão, que segundo ela estaria colocando aqueles que protestam enquanto "verdadeiros criminosos portadores de grandes armas" e que essa "realidade" não se apresentava assim, pelo contrário, cada vez mais morriam os manifestantes pelos carabineros e a CNI se mantinha de pé. As notícias que se seguem sobres esses protestos e seus desdobramentos nas próximas páginas da revista, reforçam as lutas pelos trabalhadores do cobre na reivindicação de melhores condições de trabalho e democracia, ao mesmo tempo em que expõe o descaso do governo com a situação deles e com as crises econômicas, e aponta a renegociação da dívida externa privada de mais de US$2.100 milhões de dólares a serem pagos pelos próximos 8 anos e que exigem do país o máximo de "ordem e paz social" como garantia de estabilidade para o ganancioso banco privado.

Imagem 15. Congresso dos Trabalhadores do Cobre (CTC), em Punta de Tralca: convocação à Greve Nacional de 11º de maio de 1983

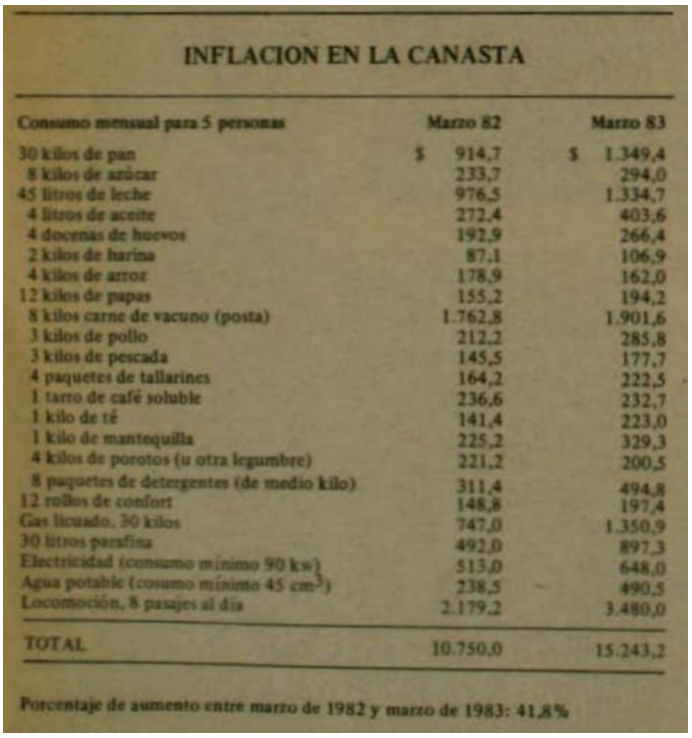
[66] "Basta que os autores do crime declarem que os mortos eram extremistas, recém-chegados ao Chile depois de um treino sofisticado em Cuba, e que estes últimos dispararam as suas armas antes deles, **para que o ato seja aceito pelas autoridades e pela opinião pública (através dos meios de comunicação social)** como um simples ato de purificação da sociedade chilena. Mas o que pensaríamos se esses supostos extremistas não estivessem armados quando foram abatidos? E o que pensaríamos se esses supostos extremistas não possuíssem, de fato, os arsenais que a televisão orgulhosamente exibe, mostrando pistolas, revólveres e balas ordenadamente dispostos sobre uma grande mesa, poucos minutos após o confronto? Pensaríamos que tinha sido cometido um crime horrendo e que o povo chileno deveria finalmente levantar a voz para clamar por justiça. As nossas dúvidas, que nos magoam e entristecem profundamente, provêm do fato de que no último suposto confronto, como nos anteriores, só caem os "extremistas", crivados de mil balas, enquanto as forças do CNI permanecem de pé, prontas para repelir o próximo "ataque"" (Velasco, *Análisis*, n.57, p. 3, 1983, grifo da revista).


Congreso de Trabajadores del Cobre, CTC, en Punta de Tralca: convocatoria a Paro Nacional el 11 de mayo.

Fonte: *Análisis*, 9 de maio de 1983. Sem registro do fotógrafo em questão.

A revista também ressalta nesse momento como a inflação atingiu o setor de alimentos, sendo o preço do pão, por exemplo, aumentado em 47,2% entre março de 1982 e março de 1983, além das crescentes demissões que chegam a 35% - quase sete vezes a taxa histórica - e o prolongamento da dívida externa no qual por todos esses motivos, muitos se sentiram representados com o chamado à Greve Nacional da CTC.

Imagem 16. Inflação na compra de alimentos pela população chilena



INFLACION EN LA CANASTA

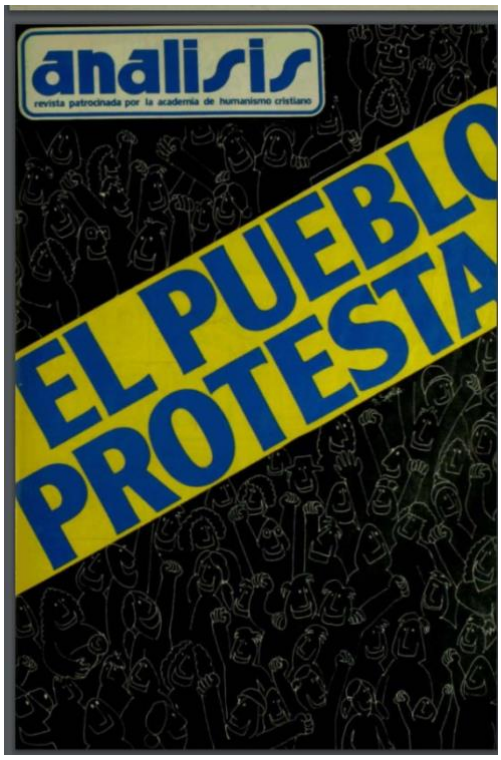
Consumo mensual para 5 personas	Marzo 82	Marzo 83
30 kilos de pan	$ 914,7	$ 1.349,4
8 kilos de azúcar	233,7	294,0
45 litros de leche	976,5	1.334,7
4 litros de aceite	272,4	403,6
4 docenas de huevos	192,9	266,4
2 kilos de harina	87,1	106,9
4 kilos de arroz	178,9	162,0
12 kilos de papas	155,2	194,2
8 kilos carne de vacuno (posta)	1.762,8	1.901,6
3 kilos de pollo	212,2	285,8
3 kilos de pescada	145,5	177,7
4 paquetes de tallarines	164,2	222,5
1 tarro de café soluble	236,6	232,7
1 kilo de té	141,4	223,0
1 kilo de mantequilla	225,2	329,3
4 kilos de porotos (u otra legumbre)	221,2	200,5
8 paquetes de detergentes (de medio kilo)	311,4	494,8
12 rollos de confort	148,8	197,4
Gas licuado, 30 kilos	747,0	1.350,9
30 litros parafina	492,0	897,3
Electricidad (consumo mínimo 90 kw)	513,0	648,0
Agua potable (consumo mínimo 45 cm^3)	238,5	490,5
Locomoción, 8 pasajes al día	2.179,2	3.480,0
TOTAL	10.750,0	15.243,2

Porcentaje de aumento entre marzo de 1982 y marzo de 1983: 41,8%

Fonte: *Análisis*, 1983, n. 57, p.10. Tabela elaborada por *Análisis* sobre a base de pesquisa periodística considerando um consumo mínimo. Os preços consultados são do *Instituto Nacional de Estatísticas* (INE).

A revista, além disso, abordou o tema da crise na perspectiva do jornalista chileno exilado durante a ditadura de Augusto Pinochet, Juan Soto Pérez - muitas vezes referido como Juan Soto desde Bruxelas (Bruselas) - destacando que ela se converteu em motivo obrigatório de conversação cotidiana no Chile. Já a fins de 1981, quando o "milagre econômico" do neoliberalismo dos *Chicago Boys* começou a demonstrar sua inconsistência e a "realidade" se impôs sobre uma publicidade ainda otimista, o vocábulo "crise" adquiriu notoriedade. Inicialmente, se disfarçou em termos menos dramático - "*menor ritmo de crescimento*", "*transtornos transitórios*" "*recesión importada*"- e sem dúvida em 1982, o termo "crisis" deslocou-se aos eufemismos como quem disfarçava a tragédia da economia e da sociedade nacional (Pérez, *Análisis*, n. 57, 1983, p.39)

Imagem 17. Capa da revista n.58 de *Análisis, El Pueblo Protesta*



Fonte: *Análisis*, 1983, n. 58, p.1

> Con su Protesta, el pueblo se libera del engaño y del temor. En su marcha, prueba a sus nuevos líderes y conductores. Con su audacia, reúne la energía que tendrá que ofrecerle a la reconstrucción de Chile. En su imaginación se templa el ideario que modelará su porvenir[67] (Cárdenas, 1983, n. 58, p.3)

Assim contempla as palavras de Cárdenas no artigo de opinião do novo número da revista que centraliza o assunto do mês "*El Pueblo Protesta*". Todo o discurso é verbalizado em imagens com o fervor dos protestos, a urgência de mudança e o estabelecimento com a ordem vigente. Sem transições, tão pouco que impeça, segundo Cárdenas, a sanção histórica que merecem as ideias e os responsáveis de tantos e tão graves episódios contra a convivência nacional, como o drama dos desaparecidos, a desativação de suas indústrias e a fuga de milhões de dólares até as contas estrangeiras dos mestres da economia. O Chile, segundo Cárdenas, protesta e se encara com a "Verdade" e sem ela jamais poderá conquistar a justiça e viver em paz (Cárdenas, 1983, n. 58, p.3).

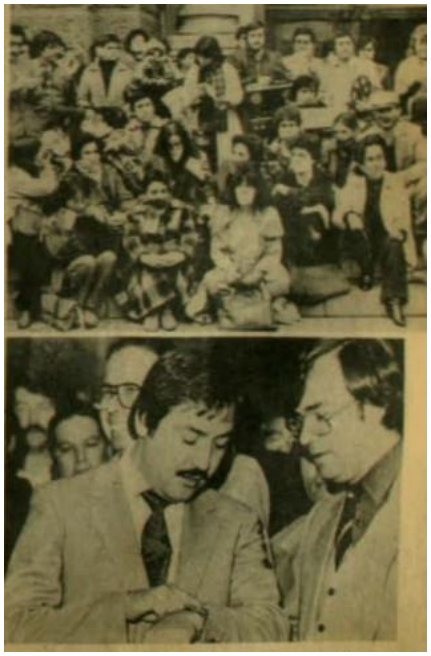
[67] "Com o seu protesto, o povo liberta-se do engano e do medo. Na sua marcha, põe à prova os seus novos líderes e condutores. Com a sua audácia, reúne a energia que terá de oferecer para a reconstrução do Chile. Na sua imaginação, tempera-se a ideologia que moldará o seu futuro" (Cárdenas, 1983, n. 58, p.3, tradução nossa).

Imagem 18. Protestos de 1º de Maio pela Democracia na revista *Análisis*



Fonte: *Análisis*, 1º de maio de 1983, p.3. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 19. Seguel nos protestos de 1º de maio de 1983



Fonte: *Análisis*, 1º de maio de 1983, p.3. Sem registro do fotógrafo em questão.

Na Reportagem, *"el pueblo protesta"*, escrita por María Olivia Mõnckeberg, - jornalista e escritora chilena, reconhecida por suas investigações sobre a relação entre política, poder econômico e a influência de grandes corporações no Chile e crítica ao neoliberalismo instaurado

durante a ditadura de Augusto Pinochet[68] - a autora mostra o percurso do CTC até a chegada do protesto do 11º de maio, esclarecendo que o movimento ganhou bastante visibilidade nessa *Primera Gran Protesta Nacional* por ser a principal organização sindical de base do país, chegando a 22 mil membros e por pertencer ao setor chave da economia. Além disso, seus membros são eleitos democraticamente e são movidos por um espírito de unidade: "[...] se convive en pluralismo teniendo conciencia de lo que significa la organización[69]" (*El pueblo protesta*, *Análisis*, n. 58, 1983, p. 18). Ela sustenta que a chegada de Emilio Torres na condução da CTC, reforçou esse selo e sob sua presidência - de janeiro de 1982 a janeiro de 1983 - se projetou com passo decidido e unitário dentro do movimento sindical. Todavia, nesse caminho, quando começou a se falar em greves ou quando se viu que a figura de Torres poderia transcender a CTC e perfilar-se na linha unitária, concretizou-se o assasinato do presidente da ANEF Tucapel Jiménez - abordado no tópico anterior.

Mõnckeberg acrescenta ainda que, em julho de 1982, houve o primeiro *Congresso de Puntas Arenas* para a promoção de um protesto, onde o Governo fez o que podia para barrar. Com a ajuda da legislação de trabalho vigente, o regime fez com que Emílio perdesse a presidência. Além disso, o presidente da *Coordinadora Nacional Sindical*, Manuel Bustos, e o presidente da construtora Héctor Cuevas foram expulsos do país em dezembro. Torres foi então substituído por Rodolfo Seguel que coordenou os protestos de 1 e 11º de maio. Por fim, *Análisis*, no final da reportagem ressalta a presença neste grande protesto, de diversas organizações sociais de grêmios, profissionais e - particularmente - de jovens universitários, cuja linha de ação ativa, pacífica e unitária determinada por esse chamado, conquistou despertar um entusiasmo que em poucos dias infundiu uma nova dinâmica as mais diversas organizações sociais e a diferentes pessoas: "Al final el mismo 11, ese ánimo "contagió" a los chilenos no organizados y en general a los distintos sectores del país que soportaban desde hace tiempo el descontento y permitió expresarse a las "mayorías silenciosas"[70] (*El pueblo protesta*, *Análisis*, n. 58, 1983, p. 18).

É interessante notar que a revista rebate de um modo irônico e sútil os diversos termos utilizados por *El Mercurio* e *La Segunda*: "*extremistas*","*mayorías silenciosas*" e depois acusa

---

[68] Entre suas obras estão, *El Saqueo de los Grupos Económicos al Estado Chileno* e, *La Privatización de las Universidades*, que detalham o desmantelamento do setor público e o fortalecimento do setor privado no país.

[69] "[...] vive-se em conjunto no pluralismo, tendo consciência do que significa organização" (*El pueblo protesta*, *Análisis*, n. 58, 1983, p. 18, tradução nossa).

[70] "No final, no dia 11, este estado de espírito "contagiou" os chilenos desorganizados e, em geral, os diferentes setores do país que sofriam de descontentamento há algum tempo, e permitiu que as "maiorias silenciosas" se exprimissem" (*El pueblo protesta*, *Análisis*, n. 58, 1983, p. 18, tradução nossa).

os meios de comunicação controlados pelo Estado de levarem desinformação ou diretamente a deturpação informativa. Essa situação é clara, em uma das falas dos dirigentes da CTC, registrado pela revista, como "armadilhas" deixadas nos protestos:

> A pesar de nuestra definida posición pacífica para reivindicar nuestros legítimos derechos y libertadores, el Gobierno ha dejado caer sobre los dirigentes y sus organizaciones todo el peso de sus aparatos y a través de los medios de comunicación social ha desvirtuado y distorsionado sistemáticamente la rectitud de nuestra intenciones y la justicia de nuestras demandas[71] (*Análisis*, maio de 1983, p.21,)

A revista sustenta ainda que essa declaração feita em mais de 2 páginas pelos membros da CTC foi proibida e não foi publicada no Chile antes do dia 11, como tão-pouco a denúncia completa sobre os canhões, morteiros, e outros armamentos "dirigidos sobre la población" em Chuquicamata, os destacamentos militares localizados atrás das minas em El Salvador, o deslocamento de veículos militares em El Teniente e Andina. Essa incomum presença militar foi talvez a principal causa que levou à suspensão do protesto no cobre. Contribui, ademais, o feito de que em Chuquicamata havia funcionado também a estratégia do Governo - através de Codelco - de adiantar negociações com os trabalhadores e outorgar um "chocolate" de 36 mil pesos enquanto se ameaçava com o "garrote". Ante a debilidade que podia mostrar a manifestação en Chuqui - não assim em outras minas - e ante as informações e pressões em torno dos dirigentes, ao final estes optaram pela postergação.

Análisis cita *La Segunda* neste momento ao mostrar que por volta do dia 4 de maio, o *Comando Multigremial* tinha acordado que no dia 9, se reuniriam com a organização sindical de base no *Comitê da Primeira Protesta,* e quando chegaram lá, não concorreram a chapa e fizeram uma declaração acusando a CTC de contínuas transgressões dos acordos, assinalando que não concorriam ao comitê "**[...] principalmente por la presencia de elementos extraños a los trabajadores que parecen tener más influencia que los dirigentes sindicais[72]**" (*Análisis*, n.58, 1983, p.22, grifo da revista). *Análisis* aponta que *La Segunda* indicou que o "elemento extraño" seria o advogado Ricardo Hormazábal - deputado da Democracia Cristã (DC) - que figurava como um dos representantes do Comitê. Contudo, Rodolfo Seguel disse a

[71] "Apesar da nossa posição pacífica definida para reivindicar os nossos direitos legítimos e libertadores, o Governo permitiu que os dirigentes e as suas organizações suportassem todo o peso do seu aparelho e, através dos meios de comunicação social, distorceu e falseou sistematicamente a retidão das nossas intenções e a justiça das nossas reivindicações" (*Análisis*, maio de 1983, p.21, tradução nossa)

[72] "[...] **principalmente devido à presença de elementos estranhos aos trabalhadores que parecem ter mais influência do que os dirigentes sindicais**" (*Análisis*, n.58, 1983, p.22, grifo da revista).

própria revista: "[...] **nada tiene Hormazábal de 'elemento extraño' al sindicalismo; muy por el contrario, es presidente del sindicato del Banco del Desarrollo, elegido democráticamente y dirigente sindical hace dos años y medio[73]"** (*Análisis*, n.58, 1983, p.22, grifo da revista). *Análisis*, ressalta que após esses protestos Pinochet deu um aumento de 5% de salário mas que isso não trouxe mudança significativa para a população "*Era como correr agua en tus dedos*" e assim os protestos continuaram nos meses seguintes sendo o protesto de 14 de junho de 1983, bastante criticado pelos jornais *El Mercurio* e *La Segunda* de supostas violências dos membros aos policiais.

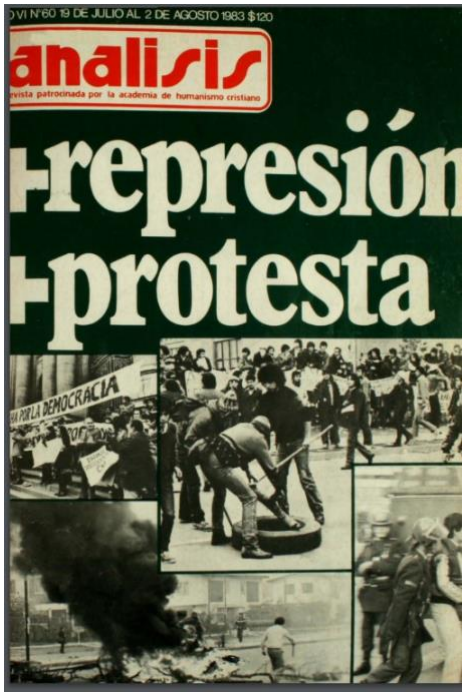
Imagem 20. Massivos protestos estudantis na UC



Fonte: *Análisis*, 11 de maio de 1983, p.3. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 21. Capa da revista *Análisis* n. 60 "+ *represión - protesta*"

[73] "**Hormazábal não tem nada de "estranho" ao sindicalismo; pelo contrário, é o presidente democraticamente eleito do sindicato do Banco del Desarrollo e é dirigente sindical há dois anos e meio"** (*Análisis*, n.58, 1983, p.22, grifo da revista)



Fonte: *Análisis*, 1983 n.60. Sem registro do fotógrafo em questão.

Com a pressão de dirigentes internos que questionavam o cronograma de transição estabelecido pela Constituição em 1980[74], o Estado anunciou um plano de abertura que garantiria a legalização dos partidos políticos e a instalação do Congresso, cujo rumo dessa implementação ficou designado ao cargo do novo Ministro do Interior, Sergio Onofre Jarpa[75]. Esse período ficou conhecido como o *Diálogo de Jarpa,* onde a *Alianza Democrática* e Jarpa

[74] O cronograma de transição incluía os seguintes marcos importantes: Período de Governo de Pinochet (1981-1989): Pinochet permaneceu como presidente até 1989, conforme previsto na Constituição. O documento estabeleceu que ele governaria por um mandato inicial de oito anos, começando oficialmente em 11 de março de 1981; Plebiscito de 1988: A Constituição previa a realização de um plebiscito em 1988, no qual os cidadãos deveriam votar "sim" ou "não" sobre a continuidade de Pinochet por mais oito anos (até 1997). O regime militar nomearia um único candidato para a presidência, e, se aprovado, ele continuaria a governar. Se rejeitado, haveria eleições presidenciais e parlamentares.

[75] Jarpa foi um membro destacado do Partido Conservador, que posteriormente se tornou parte do Partido Nacional, uma coalizão de direita. Ele ocupou diversos cargos públicos e foi eleito senador em várias ocasiões, começando sua carreira política na década de 1950. Sua atuação foi alinhada com a direita política chilena. Após o golpe de Estado de 1973, que derrubou o governo de Salvador Allende e instalou a ditadura militar de Pinochet, Jarpa foi nomeado embaixador do Chile na Colômbia (1976-1978) e na Argentina (1978-1983). Nessas posições, ele ajudou a promover as políticas do regime militar e a melhorar a imagem internacional do Chile, em meio à repressão interna e críticas externas. Em 1983, em meio a uma crescente agitação social e manifestações contra o regime de Pinochet, Jarpa foi nomeado ministro do Interior. Sua nomeação foi vista como uma tentativa do governo de negociar com a oposição e abrir algum espaço para diálogo político. Esse período ficou conhecido como o *Diálogo de Jarpa*, quando o regime fez algumas concessões aos movimentos oposicionistas, embora a repressão aos protestos tenha continuado.

tentavam negociar as novas mudanças para a constituição em 25 de agosto. O MDP, contudo, reprovou dialogar com Jarpa pois considerava tal relação como mais uma aspiração do governo em retardar a ditadura. Não demorou muito para que em outubro desse mesmo ano, Pinochet cessasse qualquer possibilidade de diálogo com a oposição e quaisquer alterações à Constituição e ao calendário já estabelecido.

2.2 Protestos de 27 de Março de 1984

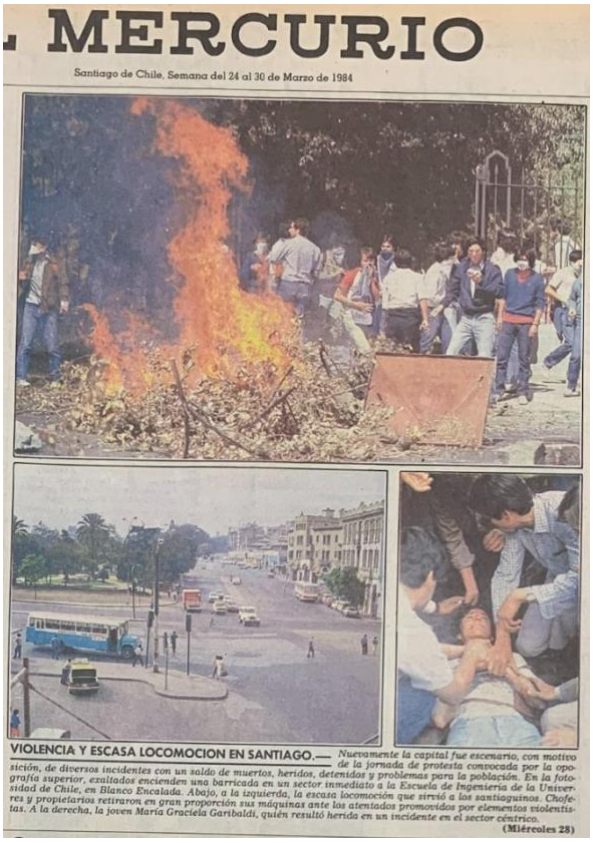
Em mais um grande protesto ocorrido no dia 27 de março de 1984, o jornal *El Mercurio*, lança em sua *Edicion Internacional* a seguinte notícia: "*Santiago, Valparaíso y Concepción: 5 Muertos por Disturbios en La "Protesta"'*. Nesta notícia, o diário aponta e anuncia a morte de 5 pessoas, - Francisco Antonio Fuenzalida Morales, de 13 anos; Victor Manuel Quezada Oviedo, 48 anos; a pequena Erika Sandoval; Juan Cristián Zamora Meléndez de 19 anos e Caupolicán Inostroza Lama de 26 anos - 36 civis feridos e duzentos detidos sendo que 20 ficaram presos por possuírem antecedentes de agitadores. O jornal explica sobre a situação dos lesionados "[...] hay personas que fueron alcanzadas por proyectiles que no corresponden al calibre del armamento que usan las fuerzas de Orden y Seguridad, es decir Carabineros, Investigaciones y organismo especializados de Seguridad[76]" (*El Mercurio*, 24 a 30 de março de 1984, p. 1)

O diário também relata que durante o dia em Santiago, a jornada de protesta convocada pelo *Comando Nacional de Trabajadores*[77] registrou feitos isolados de violência, 50% de absentismo escolar, distúrbios em alguns câmpus universitários e no centro da cidade, ostensivas diminuição da locomoção coletiva e encerramento prematuro especial do comércio. Os organizadores do protesto afirmaram que ela foi um êxito, enquanto o Ministro do Interior, Sérgio Jarpa, assinalou que nada se obtinha com estas manifestações e que, ao contrário, se arriscava muito. O diário também declarou que o 'Presidente da República', poucas horas da noite sobrevoou a cidade e apontou que havia observado incidentes isolados.

Imagem 22. Protestos de 27 de março de 1984 no jornal *El Mercurio*

[76] "[...] há pessoas que foram atingidas por projéteis que não correspondem ao calibre das armas utilizadas pelas forças de Ordem e Segurança, ou seja, Carabineros, Investigações e organismos especializados de Segurança" (*El Mercurio*, 24-30 de março de 1984, p. 1, tradução nossa).

[77] Organização sindical que reúne trabalhadores da indústria do cobre, especialmente aqueles empregados nas grandes mineradoras, como a Codelco (*Corporación Nacional del Cobre de Chile*).



Fonte: *El Mercurio*, 1984, p.1. Sem registro do fotógrafo em questão.

O ministro Jarpa, diante desses protestos, disse que os responsáveis poderiam receber processos judiciais, pois tais atos de violência são de inteira responsabilidade deles, no entanto, insistiu que o governo "[...] "como siempre", está dispuesto a dialogar, en conjunto o individualmente, con todos los sectores democráticos que deseen la solución de los problemas y el progreso de Chile[78]" (*El Mercurio*, 24 a 30 de março de 1984, p. 1). Questionado sobre a imagem do Chile no exterior diante dessas manifestações, Jarpa diz que não se importa sobre o que se fale sobre o Chile porque "[...] de todas as maneiras a imagem do país resultava prejudicada pelos efeitos das propagandas e não pelo que tenham feito" (*El Mercurio*, 24 a 30 de março de 1984, p. 1, tradução nossa). Posteriormente, o ministro no jornal, reprovou as atitudes de Seguel e Gabriel Valdés que teriam liderado os protestos, refletindo que elas não

[88] "[...] "como sempre", está disposto a dialogar, conjunta ou individualmente, com todos os sectores democráticos que desejem resolver os problemas e progredir no Chile" (*El Mercurio*, 24 a 30 de março de 1984, p. 1, tradução nossa)

demonstram absolutamente nada, perdem o ritmo de vida normal e demonstram à opinião pública um estado de crise absolutamente artificial.

O presidente da República, general Augusto Pinochet, para o jornal *El Mercurio*, declara a extensão do toque de recolher à noite, e justifica que ela se deve ao fato de que existe um "planejamento comunista de perturbação" e que irá continuar pelos próximos dias. Também precisou que o Governo não "atuou ponderadamente" e que a cidadania se deu conta de que as chamadas "protestas pacíficas" só provocaram destruição e não conduzem a nada. Ressalta que os trabalhadores também já advertiram os dirigentes que se dizem sindicais e não são tais, "apenas elementos políticos e gastados na parte gremial". Em outra matéria, *El Mercurio* cita que no ano de 1984 até o mes de março foram identificados mais de 130 atentados de "terroristas" com bombas de distinto tipo e poder de destruição, segundo informaram os serviços policiais e que a maioria destas ações "extremistas" se registraram em Santiago, contra instalações de serviços de utilidade pública e em particular, torres de altas tensões e subestações elétricas.

No editorial do jornal, no dia 29 de março, intitulado "*Protesta y Polarización*", *El Mercurio* afirma que o protesto do dia 27 já era previsível e que uma proporção considerável das atividades nacionais se viu perturbada, ainda que se resulte impossível determinar em que grau ele obedeceu a adesão ao chamado opositor. Aponta que em comparação com outras manifestações, essa se caracteriza por menos atos de violência e menor número de vítimas, o que fez com que somente as *Fuerzas de Orden* impedissem os atos de "vandalismos". O diário acredita que a ausência de uma precisa posição da *Alianza Democrática* que se postula como não marxista, mas que não evita diversos mecanismos de entendimento com o MDP e rejeita as oportunidade de debate útil com o Governo, os condiciona a requisitos carente de "realismo" e se situa em uma posição fraca que a priva de possibilidade de converter-se em uma opção que ofereça garantias de enfrentar o marxismo com perspectivas de êxito.

> El Gobierno debe adoptar medidas suficientes para evitar desbordes. Sin embargo, la paz interna exige no sólo que reaccione con mesura, sino también que actúe con mira a la pacificación. Contribuirá a ello que las medidas ordenadores vayan acompañadas de pasos claros de progreso hacia la plena normalidad institucional. La oposicion democrática, entretanto, deberá meditar acerca de la responsabilidad en que incurre cuando actúa en conjunto con sectores marxistas[79] (*El Mercurio*, 1984, 29 de março, p. 2)

[79] "O governo deve tomar medidas suficientes para evitar explosões. No entanto, a paz interna exige não só que reaja com contenção, mas também que actue com vista à pacificação. Será útil se as medidas de autorização forem acompanhadas de passos claros no sentido da plena normalidade institucional. A oposição democrática, por seu turno, deve meditar sobre a responsabilidade em que incorre quando atua em conjunto com setores marxistas" (*El Mercurio*, 1984, 29 de março, p. 2, tradução nossa).

Neste período, ademais, *El Mercurio* lançou uma nota sobre as declarações do *Colegio de Periodistas* e dos diretores de publicação afetados pela censura do Estado. Neles, as revistas *Análisis*, *Hoy*, *APSI* e *Cauce* solicitam um chamado às autoridades do país para que venham a abolir o *Decreto 320* e o Bando *N.2* da sede da Zona de Estado de Emergência. O *Decreto Lei 320* foi emitido pela Junta Militar liderada por Augusto Pinochet em 11 de março de 1974. Este decreto reorganizou aspectos da administração pública e do governo militar, centralizando o poder nas mãos da Junta e do comando militar. O Bando Militar nº 2 foi emitido logo após o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973. Este bando, assim como outros emitidos nos primeiros dias da ditadura, estabelecia medidas de controle restritas, como toque de recolher, proibição de reuniões, controle da imprensa e comunicação, além de estabelecer repressão a qualquer resistência ao novo regime. Esse bando foi parte da série de medidas repressivas que visavam consolidar o controle militar no Chile nos dias seguintes ao golpe. As revistas e os jornais tinham que pedir permissão para circular suas respectivas publicações, mas neste momento, as revistas foram as mais prejudicadas por serem acusadas de motivar os protestos que estavam ocorrendo no país.

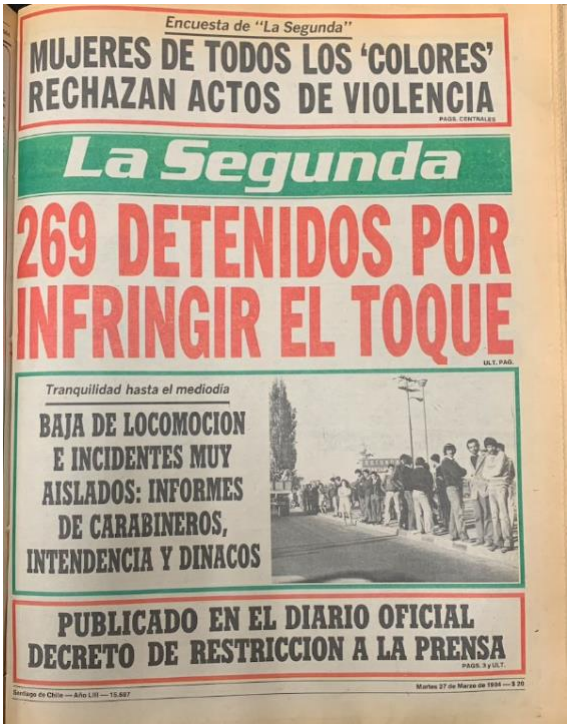
A respeito da restrição informativa, a empresa *El Mercurio* fez uma nota no dia 28, justificando que o Governo acabava de adotar disposições restritivas de função de imprensa: "Más allá del juicio que la adopción de tales medidas merezcan en este caso concreto, creemos necesario, como empresa periodística, que la opinión pública muestre nuestro criterio sobre la influencia que ellas tendrán en el contenido diarios[80]" (*El Mercurio*, 1984, 28 de março, p. 2). Os 4 critérios estabelecidos por *El Mercurio* a *opinião pública* baseiam-se na: limitação informativa que só pode ser aceitável em casos de verdadeira emergência nacional, devidamente justificada; esses casos justificados sejam leves ou graves tem de ser eminentemente transitórios; é indispensável a colaboração da imprensa ao bom destino do país e por último, que as razões expressadas fazem desejar que a autoridade não prolongue necessariamente as restrições ainda quando elas sejam adotadas em uso de suas faculdades legais (*El Mercurio*, 1984, 28 de março, p. 2)

Em *La segunda,* as situações de protesto ocorridos em 27 de março de 1987, foram estampadas na capa do jornal em quase todas as partes: "*269 Detenidos por infringir el toque*",

[80] "Para além do juízo que a adoção de tais medidas possa merecer neste caso concreto, cremos que é necessário, como empresa jornalística, que a opinião pública mostre os nossos critérios sobre a influência que terão nos conteúdos diários" (*El Mercurio*, 1984, 28 de março, p. 2, tradução nossa).

"*Baja de locomoción e incidentes muy aislados: informes de Carabineros, Intendencia y Dinacos*".

Imagem 23. Capa do jornal *La Segunda*, 27 de março de 1984



Fonte: *La Segunda*, 1984, p.1. Sem registro do fotógrafo em questão.

La Segunda registrou diferentes acontecimentos durante esse dia e principalmente ao toque de recolher que deixou alguns mortos. Estima-se pelos *Carabineros*, duas pessoas mortas, 38 feridos, oito deles por balas, 200 detidos, oito atentados com bombas, dois saqueios e dois incêndios "intencionais" pelos excesso e distúrbios ocorridos a noite na Região Metropolitana, aponta *La Segunda*. Dessas mortes apresentam-se Francisco de 12 anos e Victor Quezada de 48 anos, também citados pelo diário *El Mercurio*. O diário narrou bombardeios aos postes de luz público na rua Apostol Santiago, de Renca, Recoleta 5610, Antonio Varas con Pinares, assim como de saques de 300 pessoas a um supermercado "Lá Africana", da rua Lago Bargello 1560, município de Pudahuel e por fim, incêndios provocados por 50 pessoas que derrubaram um poste de luz no distrito municipal de José Joaquín Prieto com Callejón Lo Ovalle e saquearam a uma caminhonete de marca *Chevrolet*.

Imagem 24. Pedras na rua de "*La Bandera*"



Fonte: *La Segunda*, março de 1984, p.1. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 25. Mario Antonio, um dos feridos a bala nos protestos



Fonte: *La Segunda*, março de 1984, p.1. Sem registro do fotógrafo em questão.

Na opinião do jornal *La Segunda* nesse dia, quem escreve o editorial *Responsables* é Mario Fernandez, e diferente do que vemos nos outros artigos temos um discurso apoiando ao Cardeal Juan Francisco Fresno - Arcebispo de Santiago em 1983 - que desempenhou um papel na promoção da reconciliação nacional durante a ditadura militar. Fresno foi fundamental na organização do *Acordo Nacional* para a *Transição à Plena Democracia* em 1985, que buscava criar um caminho pacífico para a governança democrática por meio do diálogo entre diversos grupos políticos e sociais. Sua liderança enfatizou a busca por um consenso e a diminuição da violência em um ambiente altamente polarizado. Fernandez reivindica as pautas de Fresno onde diz: "Rehagamos este país como lo ha pedido moseñor Fresno: entendiéndonos. No claudican nem exterminando. Conversando, o sea, discutiendo y coincidindo. "En paz, como corresponde entre hermanos[81]"' (*Responsables*, *La Segunda*, 1984, p.2).

La Segunda, também notou em suas páginas a censura que estava sendo estabelecida nas revistas de oposição, frisando que os diretores dela acharam a medida "arbitrária e discriminatória", "um grave retrocesso à liberdade de imprensa que se havia vindo" e que estavam estudando a medida desde sua perspectiva jurídica e solicitando um recurso de proteção:

> Al mediodía de hoy se reunirá el directorio de la revista **Análisis** con el fin de acordar "una defensa" a la medida estipulada en el bando N2. Los directivos de esta revista han iniciado gestiones con los representantes de las otras revistas afectadas, para presentar un recurso de protección ante los tribunales de justicia[82]. (*La Segunda*, 1984, p.3, grifo do jornal)

Os efeitos, contudo, dessa censura não foram tão atingidos em *La Segunda* e *El Mercurio*. *La Segunda* refrisou as mesmas ponderações sobre os 4 critérios do jornal de mesma família em suas páginas e em nenhum momento tomou um discurso que apoiasse os atos das revistas, da mesma forma que *El Mercurio*. Ao analisarmos a revista *Análisis* nos protestoss ocorridos em 27 de março 1984, percebemos logo de início na sua capa de jornal uma imagem

---

[81] "Vamos refazer este país como o Sr. Fresno pediu: compreendendo-nos uns aos outros. Não desistimos exterminando. Conversando, isto é, discutindo e concordando. "Em paz, como deve ser entre irmãos"' (*Responsables*, *La Segunda*, 1984, p.2, tradução nossa)

[82] Ao meio-dia de hoje, a direção da revista **Análisis** reunir-se-á para acordar "uma defesa" da medida estipulada no bando N2. Os diretores desta revista, em conjunto com os representantes das outras revistas afetadas, iniciaram diligências para apresentar um pedido de proteção perante os tribunais de justiça. (*La Segunda*, março de 1984, p.3, tradução nossa, grifo do jornal)

de grande protesto escrito em caixa alta na cor branca "CLAMOR NACIONAL" e "DEMOCRACIA" e em seguida uma opinião do jornal assinado em nome da diretoria da Revista e não mais do editor-chefe Juan Pablo Cárdenas, a quem tinha sido preso pela segunda vez no ano[83]. No texto, a revista deixa claro o sentimento de indignação da prisão de Cárdenas e a virtual proibição de circulação do número 80 da Revista que estava prevista para sair um dia antes. Tal proibição se identifica com o atual momento da censura imposta as revistas que os jornais relataram e sob estas circunstâncias declararam ao país:

> a) Nuestro total rechazo a la censura los medios de comunicación y al encarcelamiento a Juan Pablo Cárdenas; y nuestra activa protesta por el recrudecimiento de la represión en contra del pueblo, manifestado en los encarcelamientos, relegaciones y expulsiones de las últimas semanas, que contradicen, negando el llamado a la paz y a gestos positivos conducentes a obtenerla hecho por las más altas autoridades morales y espirituales del país.
> b) Nuestra decisión de continuar siendo un medio pluralista y veraz, al servicio de los intereses del pueblo - nuestro único censor válido en su expresión democrática - y perseverar en la lucha por el pronto retorno a la democracia en Chile.
> c) La decisión de convocar a todos los chilenos a expresar su apoyo solidario a nuestro director Juan Pablo Cárdenas, a las revistas censuradas y todos quienes están sufriendo la represión en nuestro país. Necesitaremos del apoyo solidario del pueblo mientras la justicia ordena responder a los culpables de los daños que nos produce este intento de clausura[84] (*Análisis*, 25 de abril de 1984, p.2)

Nos protestos, a revista aponta na seção *Nacional, que* um dos grandes objetivos era homenagear Salvador Allende com diversos escritos nas paredes "**Allende vive**". Esse dia, segundo a revista, chegou em meio da tensão generalizada por uma campanha de amedrontamento que mostra a preocupação do Governo. Monckeberg, quem escreve sobre essa matéria, reafirma os motivos pelos quais continuam acontecendo desde 1º de maio de 1983, um Governo que é incapaz de dar trabalho, remunerações justas, moradia digna, acesso à educação, saúde e previsão. Reforça que o povo protesta pelos escândalos e a corrupção em que se debate o Regime, pelos ataques injustos e infundados a Igreja Católica, pelas condições injustas e desumanas em que se vivem os moradores, pelos trabalhadores demitidos, pela insegurança e o

---

[83]Suas prisões ocorreram devido ao seu papel de destaque na resistência contra o regime e sua postura crítica em relação aos direitos humanos visíveis e à repressão política.

[84]a) O nosso total repúdio pela censura dos meios de comunicação social e pela prisão de Juan Pablo Cárdenas;
e o nosso protesto ativo contra a intensificação da repressão contra o povo, manifestada nas prisões, despromoções e expulsões das últimas semanas, que contradizem o apelo à paz e os gestos positivos para a paz feitos pelas mais altas autoridades morais e espirituais do país. b) A nossa decisão de continuar a ser um meio de comunicação pluralista e verdadeiro, ao serviço dos interesses do povo - o nosso único censor válido na sua expressão democrática - e de perseverar na luta pelo rápido regresso à democracia no Chile. c) A decisão de apelar a todos os chilenos para que manifestem o seu apoio solidário ao nosso diretor Juan Pablo Cárdenas, às revistas censuradas e a todos os que sofrem a repressão no nosso país. Precisaremos do apoio solidário do povo enquanto a justiça ordena aos culpados que respondam pelos danos causados por esta tentativa de encerramento" (*Análisis*, 25 de abril de 1984, p.2, tradução nossa).

caos em que vive a pátria com mais de mil demitidos, mil exilados, assassinados sem culpas, torturados em cárceres secretos, pelos escândalos que tem levado ex-ministros aos cárceres, pela prisão de opositores e por exigir a imediata liberdade dos dirigentes sindicais e políticos (*Análisis*, Santiago, p.23,1984)

Análisis conclui sobre essas manifestações, que houve uma tentativa de amendrontamento por parte de Pinochet a populaçao, isto é, o Governo afinava planos repressivos que além de massivas detenções a dirigentes, incluia a ação de grupos provocadores - estilo a Acción Chilena Anticomunista (ACHA), organização política e paramilitar chilena formada em 1946 por figuras como Arturo Olavarría Bravo e outros e com a finalidade de combater o comunismo no Chile - para dar um caráter mais violento as *Protestas* - particularmente nas populações - e com isso obtinha "desculpas" para reprimir mais e confundir o movimento opositor. No entanto, esse medo não convenceu a população que continuou a protestar e a crescer, desestabilizando o governo vigente. Um certo temor, contudo, não rejeita *Análisis* pois, entre os planos de amedrontamento estava o projeto de *Lei antiterrorista N.º 18.314*, promulgada em 17 de março de 1984, durante a ditadura de Augusto Pinochet. Essa lei declarou diversas condutas como terroristas, endurecendo as penas para crimes já existentes no Código Penal, como homicídio, sequestro e incêndio. Entre as características dessa lei, destaca-se o uso de "testemunhas sem rosto", restrições ao acesso a medidas cautelares e a ampliação dos períodos de detenção preventiva. *Análisis* alerta os seus leitores a se preocuparem uma vez que a lei se trata de uma iniciativa que aterroriza literalmente, porque só ao pretexto de perseguir ao "terrorismo", legitima o exercício da CNI e submete a todos os cidadãos um estado de insegurança no qual, onde qualquer ato de insatisfação com a "ordem estabelecida" pode ser catalogada como "terrorista" e deixar o sujeito assim, as suas disposições (*Análisis*, 1984, n.81 p.1)

Imagem 26. Protestos de 27 de março de 1984 na revista *Análisis*



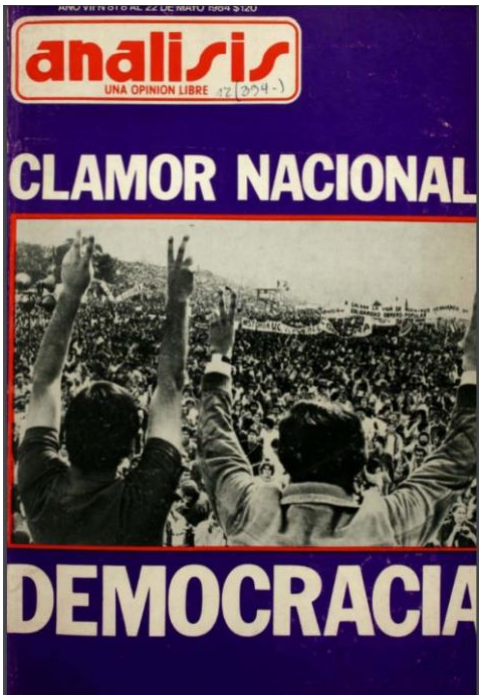
Fonte: *Análisis*, 1984, n. 81. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 27. "Mobilização social: o caminho político para superar a crise": Protestos e batucadas em março de 1984 na revista *Análisis*



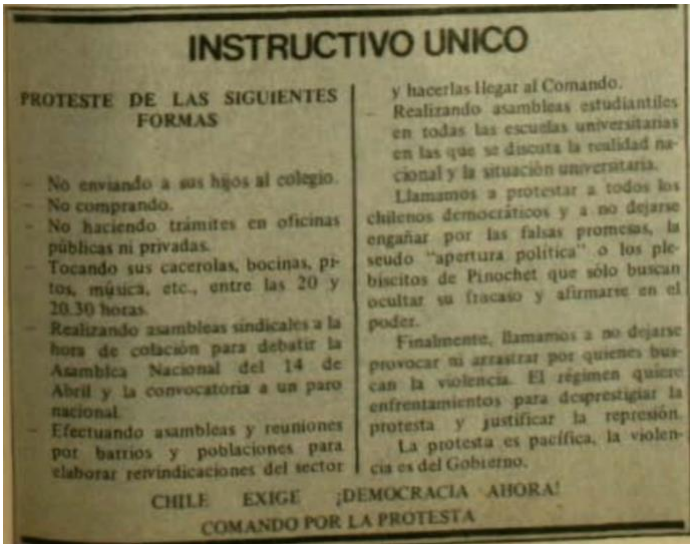
Fonte: *Análisis*, 1984, n.81. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 28. Capa da revista *Análisis*, n. 81



Fonte: *Análisis*, 1984, n. 81. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 29. Formas de se protestar pela revista *Análisis*



INSTRUCTIVO UNICO

PROTESTE DE LAS SIGUIENTES FORMAS

- No enviando a sus hijos al colegio.
- No comprando.
- No haciendo trámites en oficinas públicas ni privadas.
- Tocando sus cacerolas, bocinas, pitos, música, etc., entre las 20 y 20.30 horas.
- Realizando asambleas sindicales a la hora de colación para debatir la Asamblea Nacional del 14 de Abril y la convocatoria a un paro nacional.
- Efectuando asambleas y reuniones por barrios y poblaciones para elaborar reivindicaciones del sector y hacerlas llegar al Comando.
- Realizando asambleas estudiantiles en todas las escuelas universitarias en las que se discuta la realidad nacional y la situación universitaria.

Llamamos a protestar a todos los chilenos democráticos y a no dejarse engañar por las falsas promesas, la seudo "apertura política" o los plebiscitos de Pinochet que sólo buscan ocultar su fracaso y afirmarse en el poder.

Finalmente, llamamos a no dejarse provocar ni arrastrar por quienes buscan la violencia. El régimen quiere enfrentamientos para desprestigiar la protesta y justificar la represión.

La protesta es pacífica, la violencia es del Gobierno.

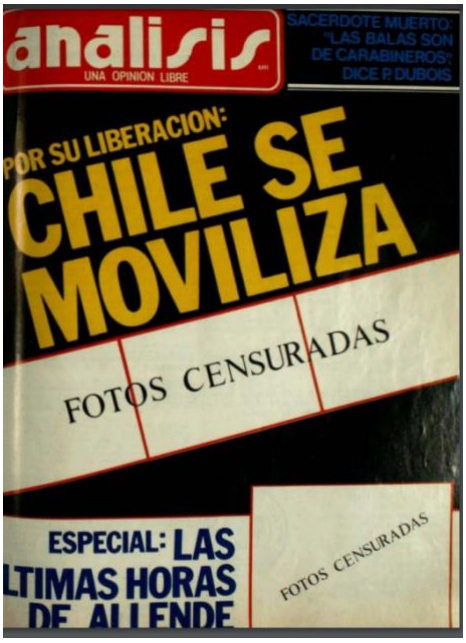
CHILE EXIGE ¡DEMOCRACIA AHORA!

COMANDO POR LA PROTESTA

Fonte: *Análisis*, 1984, n. 81

No ano de 1984, continuaram ocorrendo diversos protestos e, novas propostas de abertura política de Jarpa com a *Alianza Democrática* retornam, mas é em 6 de novembro, que o governo chega ao seu auge diante dos protestos e declara o *Estado de Sítio*, juntamente com várias medidas repressivas contínuas (toque de recolher, encerramento da revista de oposição, censura à imprensa, ataques massivos a cidades, prisões e rebaixamentos). *Análisis* sofreu uma censura escancarada em suas publicações antes mesmo do Estado de Sítio definitivo em novembro. Desde o número 90 - 11 a 25 de Setembro - é nítido em cada seção da revista imagens escritas "CENSURADA" ou "FOTO CENSURADA". Essas medidas se intensificaram ainda mais em novembro, onde esse enfoque será alvo do próximo capítulo e será melhor discutido.

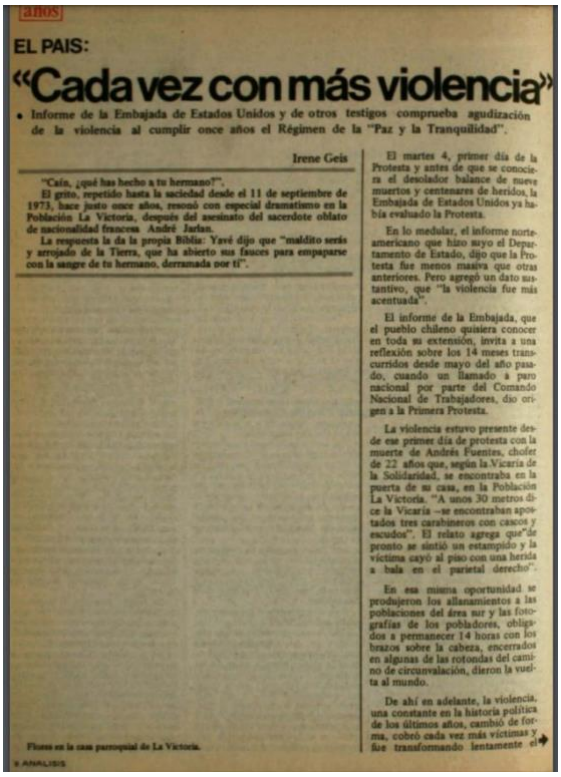
Imagem 30. Capa da revista *Análisis*, mês de setembro censurada



'

Fonte: *Análisis*, Santiago, 1984, n. 90

Imagem 31. Página, n. 90 da revista *Análisis* censurada



EL PAIS:

"Cada vez con más violencia"

- Informe de la Embajada de Estados Unidos y de otros testigos comprueba agudización de la violencia al cumplir once años el Régimen de la "Paz y la Tranquilidad".

Irene Geis

"Caín, ¿qué has hecho a tu hermano?".

El grito, repetido hasta la saciedad desde el 11 de septiembre de 1973, hace justo once años, resonó con especial dramatismo en la Población La Victoria, después del asesinato del sacerdote oblato de nacionalidad francesa André Jarlan.

La respuesta la da la propia Biblia: Yavé dijo que "maldito serás y arrojado de la Tierra, que ha abierto sus fauces para empaparse con la sangre de tu hermano, derramada por ti".

El martes 4, primer día de la Protesta y antes de que se conocieran el descolador balance de nueve muertos y centenares de heridos, la Embajada de Estados Unidos ya había evaluado la Protesta.

En lo medular, el informe norteamericano que hizo suyo el Departamento de Estado, dijo que la Protesta fue menos masiva que otras anteriores. Pero agregó un dato sustantivo, que "la violencia fue más acentuada".

El informe de la Embajada, que el pueblo chileno quisiera conocer en toda su extensión, invita a una reflexión sobre los 14 meses transcurridos desde mayo del año pasado, cuando un llamado a paro nacional por parte del Comando Nacional de Trabajadores, dio origen a la Primera Protesta.

La violencia estuvo presente desde ese primer día de protesta con la muerte de Andrés Fuentes, chofer de 22 años que, según la Vicaría de la Solidaridad, se encontraba en la puerta de su casa, en la Población La Victoria. "A unos 30 metros dice la Vicaría –se encontraban apostados tres carabineros con cascos y escudos". El relato agrega que "de pronto se sintió un estampido y la víctima cayó al piso con una herida a bala en el parietal derecho".

En esa misma oportunidad se produjeron los allanamientos a las poblaciones del área sur y las fotografías de los pobladores, obligados a permanecer 14 horas con los brazos sobre la cabeza, encerrados en algunas de las rotondas del camino de circunvalación, dieron la vuelta al mundo.

De ahí en adelante, la violencia, una constante en la historia política de los últimos años, cambió de forma, cobró cada vez más víctimas y fue transformando lentamente el →

Flores en la casa parroquial de La Victoria.

9 ANALISIS

Fonte: *Análisis*, Santiago, 1984, n. 90

Imagem 32. Capa da revista *Análisis*, mês de novembro censurada



política

C
E
ENS
ENSUR
CENSURADA
NSURADA
URADA
ADA
A

Construir la democracia desde ahora

• Propuesta del Grupo de los 24 fija las bases de un acuerdo mínimo institucional para toda la Oposición.

Felipe Pozo

Dicen que fue Arquímides el que gritó ¡Puedo mover el mundo! cuando descubrió aquello del punto de apoyo, que permite levantar cualquier peso, por enorme que sea. La felicidad del matemático es explicable, pues logró desenterrar algo que estaba allí, pero que faltaba darle forma y contenido.

De que en Chile casi todos quieren la democracia, parece no haber mayores dudas. De que casi todos de esos "casi todos la quieren urgentemente, resulta muy claro. Y que todos los que forman el segundo "casi todos necesitan un acuerdo mínimo que, resulta muy probable, está por concretarse pronto,es como para recordar al griego y su palanca.

Lo han llamado de muchas maneras. Desde diferentes sectores políticos y durante prolongados períodos mucho se hablaba de la necesidad de buscar un ámbito de entendimiento, más allá de las actuales alianzas. Algunos propusieron "pactos de civilidad", otros hablaron de "acuerdo democrático". Lo importante, en el fondo, es que la preocupación por encontrar el espacio común nace de las bases sociales y encuentra en ellas su principal sustento.

ANALISIS 7

Fonte: *Análisis*, Santiago, 1984, n. 94

Imagem 33. Panorama internacional, n. 94 da revista *Análisis* censurada



Fonte: *Análisis*, Santiago, 1984, n. 94

Em *El Mercurio* e *La Segunda*, o oposto acontece em relação às páginas de censura. Os diários mantém cotidianamente suas publicações e destacam brevemente - em pequenas colunas ou por vezes linhas - a situação de censura nas outras revistas.

Imagem 34. Capa do jornal *La Segunda* no dia 6 de novembro de 1984


COMO FUE LA REUNION OBISPOS-EXILIADOS EN ROMA

La Segunda

NUEVAS MEDIDAS CONTRA EL EXTREMISMO ANUNCIA PINOCHET

GABINETE:

COLLADOS: "CAMBIO TIENE RELACION POLITICA, NO ECONOMICA"

ROSENDE: "ME EXPLICO EL DESALIENTO DE JARPA"

CARVAJAL: "NO SE DESCARTA ESTADO DE SITIO"

REAGAN PARTIO ARRASANDO

Fonte: *La Segunda*, Santiago de Chile, 6 de novembro de 1984, p.1

Imagem 35. Capa do jornal *La Segunda* no dia 8 de novembro de 1984


PUBLICADOS EN EL DIARIO OFICIAL DECRETOS QUE RESTRINGEN INFORMACIONES Y REUNIONES

La Segunda

Les destacó que son "maestros, no de ciencias humanas -por muy respetables que sean- sino de la verdad contenida en la revelación".

NUEVO DISCURSO DEL PAPA A LOS OBISPOS CHILENOS

Y les recordó su compromiso con "un propósito generoso y eficaz de reconciliación".

UBIERGO Y YURI: ENTRE LOS DOS ESTA EL GANADOR DE LA OTI

NICARAGUA DESPUES DE LAS ELECCIONES

◆ Líderes de distintas tendencias hablan con "La Segunda".

Fonte: *La Segunda*, Santiago de Chile, 8 de novembro de 1984, p.1

Imagem 36. Capa do jornal *El Mercurio* em 6 de novembro de 1984


EL MERCURIO

Decretó el General Pinochet:
Estado de Sitio en Todo el Territorio

Decretadas Medidas Restrictivas

Sólo 2 Cambios Ministeriales:
S.E. Confirmó a Jefe del Gabinete

Ministro Jarpa:
Superado Problema Con la Iglesia

En el Vaticano:
Juan Pablo II con Obispos Chilenos

Fonte: *El Mercurio*, Santiago de Chile, 6 de novembro de 1984, p.1

2.3 Protestos de 4 de Setembro de 1985

Mesmo diante das censuras e do Estado de Sítio, os protestos continuaram em 1985.

Em 1985, se agravava no Chile uma profunda crise econômica e social, marcada por altas taxas de desemprego, pobreza crescente e a repressão política que continuava forte sob o regime militar. A oposição, composta pelos diversos setores que adveio dos protestos de maio 1983, isto é, partidos políticos de esquerda e centro, sindicatos e movimentos estudantis foram ganhando força e as mobilizações sociais tornaram-se mais frequentes e intensas. Em 25 de agosto deste ano, representantes da *Alianza* assinaram junto com líderes políticos que apoiavam o regime, um *Acordo Nacional* para a *Transição para a Democracia Plena*, acordando que a transição para a democracia seria pacífica e que se executariam mecanismos de reforma constitucional, "[...] a restauração imediata das liberdades públicas, o fim do exílio, a legalização dos partidos políticos, a aprovação de uma lei eleitoral e a formação de registos eleitorais", recorrendo ao plebiscito se necessário (Análisis, Memoria Chilena, 2025). Embora não reconheça a legitimidade da carta constitucional, a *Alianza* aceitou implicitamente que

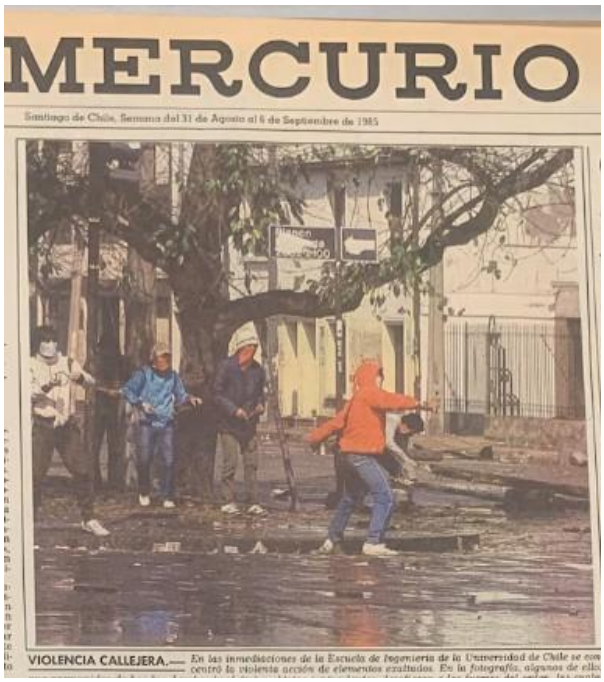
Pinochet governasse até 1990 e em 1988 fosse realizado o *plebiscito* para aprovar ou rejeitar o candidato colocado pelas Forças Armadas à presidência. Esse acordo foi inteiramente rechaçado pelo MDP, principalmente pelo *Partido Comunista* que radicalizou a sua opção por todas as formas de luta no interesse de uma solução democrática e popular, imediata e não pactuada[85].

Um dos protestos mais intensos e crescentes nesse ano foi o de 4 de setembro de 1985, que contou como um ato pela democracia e teve forte adesão de setores da oposição ao regime. O jornal *El Mercurio*, narra esse dia como uma "*Jornada de Violencia y Destrucción*", descrevendo um cenário de saques, vandalismos, ataques a delegacias policiais e incidentes causados por jovens munidos de coquetéis molotov, em torno de câmpus universitários e populações. O jornal registrou 8 mortes junto com um número não determinado de feridos e apontou, segundo a *Dirección General de Carabineros*, 117 detidos nas regiões e 197 em Santiago, todos os quais foram postos à disposição dos respectivos tribunais. O trabalho de "proteção" contou ainda com as forças da *Orden y Seguridad,* além do *Exército* e as unidades e helicópteros da *Força Aérea do Chile*. Ao cair da noite, os incidentes aumentaram em maior grau no centro de Santiago e nos campos universitários, se expandindo ao setores periféricos onde segundo o jornal, "[...] grupos de exaltados levantaron obstáculos con neumáticos encendidos y se enfrentaron obstinadamente con las fuerzas policiales[86]" (*El Mercurio*, 1985, p.1). O Cardeal Arcebispo de Santiago, monsenhor Juan Francisco Fresno, segundo o diário, se manteve durante a tarde em oração em sua residência Simon Bolivar con Suecia depois de haver exortado reiteradamente a evitarem atos de violência.

Imagem 37. Protestos de 4 de setembro de 1985 no jornal *El Mercurio*

[85] Solo la lucha nos hará : ¡libres!, 1983-1988 . Disponible en Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-77884.html. Accedido en 01/10/2025.

[86] "[...] grupos de cabeças quentes ergueram obstáculos com pneus a arder e enfrentaram obstinadamente as forças policiais" (*El Mercurio*, 1985, p.1, tradução nossa).


MERCURIO

Santiago de Chile, Semana del 31 de Agosto al 6 de Septiembre de 1985

VIOLENCIA CALLEJERA.— En las inmediaciones de la Escuela de Ingeniería de la Universidad de Chile se con centró la violenta acción de elementos exaltados. En la fotografía, algunos de ell

Fonte: *El Mercurio*, Santiago, 1985, p.1.Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 38. Mercado saqueado pelos protestos, segundo *El Mercurio*



Fonte: *El Mercurio*, Santiago, 1985, p.1.Sem registro do fotógrafo em questão.

Perante o tema "*Violencia"*, no jornal semanal, *El Mercurio* classificou esses protestos como "*Disturbios, Saqueos y Vandalismo en Jornada de Protesta*" apresentando um número crescente de imagens e casos que relatam, nas palavras deles, as desordens de ruas, barricadas e distúrbios. Um caso interessante, descrito pelo diário, ocorreu por volta de meio-dia, quando repórteres de *El Mercurio* ingressaram na população de La Victoria, setor que se encontrava completamente rodeado de barricadas. No lugar, grupos de "exaltados" se organizaram para impedir o acesso das forças policiais. Quando o veículo que transportava os repórteres desta empresa se dirigiam por Callejón Lo Ovalle con Maipú, uma turma os rodeou e atacou o condutor, o repórter gráfico e o jornalista, lançando pedras e provocando danos na caminhonete. O diário descreve que nesse mesmo instante, chegaram outros grupos "antissociais", no qual queimaram madeiras escalonadas abaixo do nível do mesmo setor e com clara intenção de destruir a ponte ferroviária e que depois de inquietantes momentos, os profissionais atacados puderam abrir caminho, refugiando-se na *Tenencia de Carabinero Santa Adriana*.

Imagem 39. População de *La Victoria* rodeiam o veículo que transportava a jornalistas de "*El Mercurio*"



Fonte: *El Mercurio*, setembro de 1985. Sem registro do fotógrafo em questão.

Outra nota do jornal logo depois dos protestos, no dia 11 de setembro, foi mostrar como a reação ao "*11 de Setembro*" - data do golpe de 1973 - estava sendo lembrado no exterior, apontando que em Paris, uma manifestação organizada por grupos políticos chilenos de

oposição tomou lugar frente à embaixada do Chile para protestar contra o governo militar chileno. A manifestação foi apoiada por centros sindicais de diversas organizações políticas francesas e esta foi a primeira manifestação relatada desde que estavam no exílio. Na Espanha, o vice-presidente do governo socialista espanhol, Alfonso Guerra, condenou o regime militar chileno no duodécimo aniversário da derrubada e morte do Presidente Salvador Allende. Declarou a televisão espanhola - transmitida a América Latina pela Radio Exterior de España - que "A 12 años del asesinato de Allende, uno se pregunta qué durabilidad puede tener ese régimen sin libertades[87]" (*11 de Setembro, El Mercurio*, 1985, p.2). Guerra também expressou a esperança de que a recente unidade de grupos de oposição chilenos consiga uma possível transição pacífica até a democracia. Em Buenos Aires, o presidente argentino, Raúl Alfonsin, recebeu em sua residência a Hortensia Bussi, viúva do ex-mandatário chileno, Salvador Allende, enquanto que um grupo de mulheres da mesma nacionalidade manifestaram ante a embaixada de Chile repúdio ao atual regime militar desse país.

Por fim, no editorial, *Jornada de Violenci*a, o jornal *El Mercurio* lamenta mais uma vez - por meio de uma charge irônica e texto - a situação dos protestos, admitindo que não é mais um mistério de onde saem as convocatórias, os feitos de violência, nem quem os publicitam ou financiam. São o "partido comunista" e seus setores afins, que fizeram um esforço para pôr em verificar os amplos setores de cidadão honrados e observantes das leis que passam a ser durante as "jornadas de protestas", e que se tornam "verdadeiros prisioneiros da subversão em seus próprios bairros", pois, mediante o terror, os extremistas impedem o deslocamento de muitas pessoas e o funcionamento das pessoas desejosas de trabalhar, gerando insegurança e descontentamento dos meios onde o Governo havia encontrado até agora seu maior respaldo. O jornal entende a necessidade de ações mais rigorosas do Governo para conter os protestos, mas teme que isso prejudique amplos e importantes setores da opinião pública interna e internacional com duras críticas, como já tem acontecido internacionalmente.

> Cabe fundadamente temer que esa reacción es con fría deliberación, lo que el marxismo busca, con plena consciencia, como se ha reiterado en muchas oportunidades, de que, a la postre, la intensificada polarizacion y acumulacion de tensiones provocarian nuevos y más graves estallidos sociales, lo que resulta propicio a sus propósitos[88] (Jornada de Violencia, *El Mercurio*, 1985, p.1)

---

[87] "12 anos após o assassinato de Allende, perguntamo-nos que durabilidade pode ter um regime tão sem liberdades" (*11 de Setembro*, *El Mercurio*, 1985, p.2, tradução nossa)

[88] "É de temer que esta reação seja, com fria deliberação, o que o marxismo procura, plenamente consciente, como já foi reiterado em muitas ocasiões, de que, no final, a intensificação da polarização e a acumulação de tensões provocarão novas e mais graves explosões sociais, o que é propício aos seus propósitos" (*Jornada de Violencia*, *El Mercurio*, 1985, p.1, tradução nossa).

O jornal acredita ainda que, na medida em que os atos de protestos massivos aumentem e se perca uma noção cabal da "realidade" e das possibilidades amplas que a autoridade tem para contê las, se corre o risco de precipitar um quadro de polarização que, em definitivo, resulte fatal para as aspirações democráticas que ainda com matizes distintas, compartilham o Governo e a oposição não marxista.

Imagem 40. Charge irônica de *El Mercurio* sobre os protestos: "Se a torre de Pisa fosse chilena, a Direção de Obras já a teria demolido"



Fonte: *El Mercurio*, Santiago, 1985, p. 2. Sem registro do chargista em questão.

La Segunda, a respeito dos protestos de 4 de setembro de 1985, destaca em sua capa quatro imagens descrevendo situações de tensão pela manhã e em *crónica de hoy*, o título "*Barricadas, incidentes focalizados y apedreos de buses*", destaca os incidentes realizados pelos manifestantes no sul da capital de Santiago - população de La Legua, La Victoria, José María Caro e Villa O'Higgins e em outras localidades, observando calma e forte vigilância dos *Carabineros* e efetivos do *Exército*. Também deu destaques as barricadas, apedrejamento de

veículos, miguelitos e confrontos entre os *carabineros* e as populações de Lo Hermida, que se prolongaram por mais de uma hora. Denotaram tranquilidade no interior das populações e no centro da cidade e normalidade em outros setores industriais, porém catorze atentados massivos com muito diferentes resultados ocorridos na magrudada do dia 4.

Imagem 41. Forte vigilância militar em diversos pontos de Santiago



Fonte: *La Segunda*, 4 de setembro de 1985. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 42. "Barricadas interrompem o trânsito em muitos setores", *El Mercurio*.



Barricadas interrumpieron el tránsito en muchos sectores.

Fonte: *La Segunda*, 4 de setembro de 1985. Sem registro do fotógrafo em questão.

Imagem 43. Capa do diário *La Segunda* em 5 de setembro de 1985



PINOCHET VISITO A ALESSANDRI

La Segunda

CASO CANOVAS: DETENIDO "HOMBRE CLAVE"

◆ Podría ser el hilo conductor para el esclarecimiento del triple secuestro y asesinato. ◆ Aprehensión fue efectuada por la Brigada de Homicidios. ◆ Sospechoso quedó a disposición de la Primera Fiscalía Militar.

TENSA MAÑANA EN DIVERSOS SECTORES

VIOLENCIA

VIOLENCIA EN LAS CALLES

PARADEROS EN VESPUCIO

BARRICADAS EN LA LEGUA

Fonte: *La Segunda*, 5 de setembro de 1985. Sem registro do fotógrafo em questão.

La Segunda, no dia 3 de setembro, também publicou uma notícia onde cita um resumo fechado contra a revista *Análisis*, apontando que o ministro sumariante, Marco Aurelio Perales, concluiu a investigação contra a revista *Análisis* por alegadas infrações ao Decreto Lei 18.015,

sobre a restrição informativa e determinou fechar o resumo. O diário explicou que a adoção foi feita pelo magistrado na tarde anterior e que a causa se iniciou a raiz de uma solicitação do Ministro do Interior, onde nela prestaram declarações do diretor do semanário, Juan Pablos Cárdenas e diversos jornalistas. Na causa, não há pessoas encarregadas de réus, nem detidos. É importante considerar que desde os últimos protestos ocorridos em 1984 e às censuras e o Estado de Sítio aplicados desde o mês de agosto a Revista *Análisis*, esta então começou a publicar o *Boletín Prensa Libre*. Esta edição marcou o início da colaboração entre o boletim clandestino e a revista, com o objetivo de ampliar a divulgação de informações censuradas e relatar as ações de resistência contra a ditadura de Augusto Pinochet. Sob o *Boletín*, a revista se identifica como uma revista semanal editada pela Sociedad Periodística Emisión Ltda[89] onde se autoriza sua reprodução total ou parcial apontando as fontes. Dessa forma, a revista estava sofrendo constantes ameaças e denúncias de seus opositores, como identificado na matéria da imprensa de *La Segunda*.

Nos atos ocorridos em 4 de setembro de 1985 no Chile, *Análisis* publicou o boletim[90] de opinião *"Otro 4 de septiembre"* escrito por Juan Pablo Cárdenas, que estava em liberdade[91]. Nele, Juan compara todo esse momento aos desencantos e tanta desesperança como sentem os chilenos diante do governo vigente. Ressalta que os grandes erros das nações "sempre contaram com adeptos entusiastas ou abrigam a possibilidade de um futuro promissor". O Império Romano, segundo Cárdenas, derivou da podridão depois de transitar pela grandeza e deixar um legado cultural indiscutível. Os horrores do nazismo se fundaram ou se esconderam na promessa de uma Alemanha grande e poderosa e até o franquismo pode atribuir-se algumas consequências positivas na Espanha que se feriu com uma guerra e uma tirania. Todavía, "De Pinochet y su Gobierno difícilmente quedará otra cosa que pavor y congoja. Ni con la mejor disposición podrá atribuírsele alguna obra valiosa, alguna idea que sirva de atenuante en la tajante condena que ya le ha propinado la humanidad y en el veredicto implacable que le dará

[89] A Sociedad Periodística Emisión Ltda foi criada para dar suporte legal e financeiro à revista, garantindo que ela pudesse continuar a operar em meio às dificuldades impostas pela repressão e pela censura. *Cauce,* assim como outras publicações opositoras, estava sujeita a constante perseguição, e sua equipe enfrentava risco de prisão e intimidação por suas reportagens.

[90] Presidente da Diretoria: Fernando Castillo Velasco; Diretor: Juan Pablo Cárdenas;Representante Legal: Carlos Santa María; Editora Geral: Maria Olivia Monckeberg; Secretário de Redação:Patrício Acevedo; Editor Internacional: José Carrasco; Redatores: María Eugenia Camus, Patricia Collyer, Pamela Jules, Maria José Luque, Alicia Oliva, Fernando Paulsen.

[91] Cárdenas, enfrentou prisões temporárias, ameaças e perseguições devido às reportagens críticas ao governo. No entanto, nesse momento específico, ele não estava preso. Cárdenas foi detido várias vezes durante a ditadura, mas sua prisão mais notável ocorreu em 1987, quando foi condenado por "desacato" devido a críticas diretas ao regime.

el Chile Libre[92]" (*Otro 4 de septiembre*, *Análisis*, 3 a 9 de setembro de 1985, p.3). O diretor reitera que em datas como essa, mês da Pátria, esta era uma data que o Chile Republicano elegia seus mandatários - homens que valorizavam em receber e acatar o mandato, em ser fieis a soberania popular, em render conta aberta de seus atos, prestiagiavam os chilenos frente ao mundo e abandonavam o poder quando as urnas e a Constituição os demandavam[93]. "Época en que la plena satisfacción de los derechos humanos era el desafío nacional. Época, de muchas frustraciones y tensiones, pero de renovadas y crecientes esperanzas y expectativas, en que solo el pueblo tenía derecho a rebelarse, fijar y alterar su itinerario político[94]" (*Otro 4 de septiembre*, *Análisis*, 3 a 9 de setembro de 1985, p.3)

Na seção *Nacional,* o protesto ganha o título: "*Ayer elección, hoy movilización*" e informa que 24 horas depois da difusão pública do acordo político surgido como resposta ao chamado à reconciliação Cardeal Fresno[95], se concretizou um segundo acordo que a diferença do primeiro, e apesar de sua importância, a imprensa não informou que aconteceria: a convocatória pública a jornada de protesto na quarta-feira, 4 de setembro. A revista conta que o chamado se fez com nome e apelido, na terça-feira do dia 27 de agosto, quando a CNT, o *Comite Unitario Populacional* (CUP), a *Confederação de Federaciones Universitaria Democráticas* (CONFECH) e a Federación Nacional de Taxistas (Fenatach) chamaram em conferência de imprensa, ao que batizou os novos protestos de "*Jornada de Movilización por las Reivindicaciones Sociales y la Democracia*". A rubrica teria vindo a selar o compromisso que os trabalhadores da CNT haviam assumido em 3 de agosto em sua Expansão Nacional, onde 872 dirigentes de base respaldam a decisão de consertar as distintas forças sociais do país para a mobilização do dia 4. Ela também significou dar ativas respostas setoriais que se vinham formando desde o Estado de Sítio.

A revista, nesse momento, responde às notícias de violência que falavam *El Mercurio* e *La Segund*a por um caminho diferente: a denúncia das torturas. Revela que recentemente o

---

[92] "De Pinochet e do seu governo não restará senão o pavor e a dor. Nem mesmo com a melhor das disposições será possível atribuir-lhe qualquer obra de valor, qualquer ideia que possa servir de atenuante na condenação contundente que a humanidade já lhe deu e no veredito implacável que o Chile Livre lhe dará" (*Otro 4 de septiembre*, *Análisis*, 3 a 9 de setembro de 1985, p.3, tradução nossa)

[93] Memora-se a figura de Allende.

[94] "Um tempo em que a plena satisfação dos direitos humanos era o desafio nacional. Um tempo de muitas frustrações e tensões, mas de renovadas e crescentes esperanças e expectativas, em que só o povo tinha o direito de se revoltar, de definir e alterar o seu itinerário político" (*Otro 4 de septiembre*, *Análisis*, 3 a 9 de setembro de 1985, p.3, tradução nossa.

[95] O "Acordo de Unidade Popular" foi o pacto político surgido como resposta ao chamado à reconciliação do Cardeal Raúl Silva Henríquez (não Cardeal Fresno), feito em 3 de setembro de 1985. O cardeal pediu a união e a reconciliação entre os chilenos, promovendo o diálogo entre a oposição e o regime militar de Augusto Pinochet.

fiscal militar de Valparaíso, Hernán Montero levou a réu cinco *carabineros* considerados responsáveis pela morte de Carlos Godoy Echegoyen[96] e atenua que muitas denúncias foram feitas nacional e internacionalmente, mas sempre estiveram acobertadas:

> Desde el 11 de septiembre de 1973, son centenares las denuncias por violaciones a los derechos humanos acumuladas por los organismos nacionales e internacionales y también en los Tribunales de Justicia . Todas estas denuncias revelan que la tortura se ha aplicado sistematica y cientificamente, constituijdo la base do sistema represivo. Se sabe - por numerosos testimonios que este flagelo ha sido utilizado por todos los organismos de seguridad como tecnica para "combatir" los opositores. Así ocurrió con la DINA (Dirección de Inteligencia Nacional) creada en 1974 como organismo dependiente de la Junta de Gobierno y logo con su sucesora la CNI (Central Nacional de Información) que a partir de 1977 pasó a depender directamente del Presidente de La República a través del Ministerio del Interior. También existen denuncias de aplicación de torturas por parte de los organismos de la seguridad de Carabineros, La Armada, y La Fuerza Aérea. **La pregunta surge con fuerza. ?Es acazo el coronel Fointane„ el unico jefe de un organismo de seguridad que ha encubierto la tortura?** No debería engrossarse la lista de personas que por su altos cargos en instituciones jerarquizadas deben responder ante la justicia innumerables denuncias interpuestas en estos doce años?[97] (*Análisis*, 3 a 9 de septiembre de 1985, p.13, grifo da revista)

Além das denúncias de tortura, a revista relata que os seus mais variados membros - Manuel Sanhueza, membro do *Duncan Livingston y Belisário Velasco*; o gerente e representante legal de *Análisis*, Carlos Santa María; os entrevistados, José Aldunate e Juan Cortez, do *Movimiento Sebastian Acevedo* e Angel Domper, presidente do centro de aluno de Direito da *Universidad do Chile* - tiveram de se apresentar ao Tribunal, mediante os processos prestados pelo Ministro do Interior. *Análisis* não se conformou com as ações e recordou que em

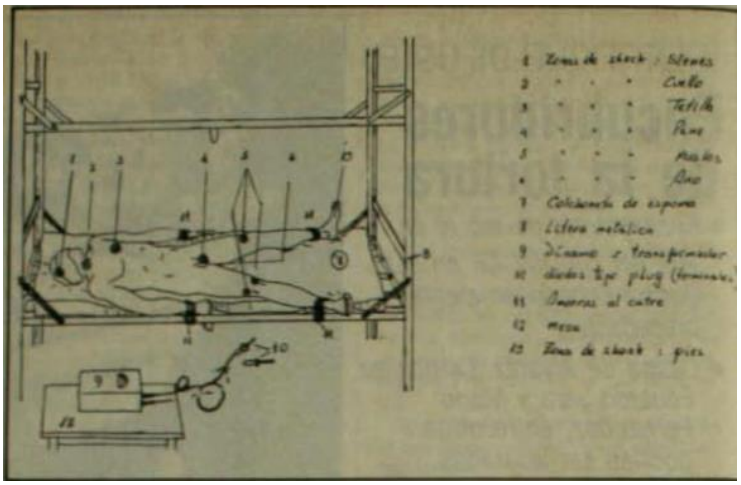
---

[96] Carlos Godoy Echegoyen, um jovem militante socialista e ex-aluno de uma academia militar cubana, foi uma figura ativa na resistência contra a ditadura de Pinochet. Após retornar ao Chile em 1984, ele se envolveu em atividades de treinamento e mobilização para fortalecer a oposição ao regime. Em fevereiro de 1985, ele e outros jovens foram presos por Carabineros em Quintero sob acusação de treinamento de guerrilhas. Durante o período de detenção, Carlos foi brutalmente torturado e morreu em 22 de fevereiro de 1985 na delegacia, recusando-se a cooperar com seus interrogadores. Este caso de tortura e assassinato exemplifica os abusos de direitos humanos cometidos pelo regime e é lembrado como símbolo de resistência e sacrifício pela democracia chilena.

[97] Desde 11 de setembro de 1973, centenas de denúncias de violações dos direitos humanos foram acumuladas por organizações nacionais e internacionais e também nos Tribunais de Justiça. Todas estas denúncias revelam que a tortura foi aplicada de forma sistemática e científica, constituindo a base do sistema repressivo. Sabe-se - através de numerosos testemunhos - que este flagelo foi utilizado por todos os organismos de segurança como técnica de "combate" aos opositores. Foi o caso da DINA (Dirección de Inteligencia Nacional) criada em 1974 como órgão dependente da Junta de Governo e da sua sucessora, a CNI (Central Nacional de Información) que, a partir de 1977, passou a depender diretamente do Presidente da República através do Ministério do Interior. Há também alegações de tortura por parte das agências de segurança dos Carabineros, da Marinha e da Força Aérea. **A questão coloca-se com força. Será o Coronel Fointane o único chefe de um organismo de segurança que encobriu a tortura?** Não deveria ele ser acrescentado à lista das pessoas que, devido às suas altas posições nas instituições hierárquicas, têm de responder perante a justiça pelas inúmeras queixas apresentadas durante estes doze anos? (*Análisis*, 3 a 9 de septiembre de 1985, p.13, tradução nossa, grifo da revista)

três oportunidades o veredito dos tribunais de justiça favoreceram a Revista e o resultado foi o arquivamento dos casos: o primeiro juízo foi em setembro de 1983, quando Cárdenas foi preso e foi entrevistado por Pedro Felipe Ramírez, quem no final o resultou totalmente inocente dos delitos que o Governo imputava. O segundo momento ocorreu novamente com um período de prisão de Cárdenas em abril de 1984 durante os Estados de Sítios e por último em agosto de 1985 quando o governo pretendia ajuizar a linha *ANALISIS* e outras revistas e novamente os tribunais falaram a favor. A revista segue na expectativa de que essa nova ação judicial seja resolvida a favor deles novamente.

Imagem 44. Tortura, um método que há 12 anos se foi fazendo "ciência", revista *Análisis*



Fonte: *Análisis*, Santiago de Chile, 3 a 9 de Septiembre de 1985, p.14

2.4 Protestos de 2 de etembro de 1986 e o atentado a Pinochet

Em 6 de agosto de 1986, foi descoberto um carregamento de armas que havia sido desembarcado em Carrizal Bajo, uma pequena cidade costeira no norte do Chile. *El Mercurio*, dias depois deste acontecido publica em sua *Edicion Internacional*, um pronunciamento e uma imagem da manifestação de Pinochet nos pátios de La Moneda. Sob o título "*Chile Está Dispuesto a Luchar Como en 1973*", Pinochet diante de um número improvisado de jovens, mulheres e trabalhadores aceita que se efetue um ato de massas de adesão ao Governo. Em sua fala, descrita pelo jornal, o Chefe de Estado indica que "[...] este será um tapabocas que

demonstrará que Chile defende a Chile cuando quiere hacerlo[98]" (*El Mercurio,* Santiago, 28 de agosto a 3 de setembro de 1986, p.l). O diário aponta esse momento como um inflamado discurso em que o Presidente Pinochet recorda a geração o que representa a internação de armas clandestinas e enfatiza que isso serve para refrescar a memória sobre os métodos marxistas e que o povo pode ter segurança de que novamente o governo irá demonstrar ao mundo que Chile está disposto a enfrentar o marxismo como fez em 1973. Pinochet enfatiza que eles são um povo "pacífico" e com dignidade altíssima. O presidente também encoraja os seus manifestantes a recuperarem o valor de Chile e, segundo o jornal, interrompidos por aplausos e gritos como "mientras Chile exista, jamás será marxista", Pinochet responde que a pátria vive situações bastante difíceis, não tanto por problemas internos mas "agressões externas[99]".

Imagem 45. Adesão de apoiadores ao protesto de Pinochet, *El Mercurio*



Fonte: *El Mercurio*, Santiago de Chile, 28 de agosto a 3 de setembro de 1986, p. 1. Fotografia de Fernando Pastene

[98] "[...] esta será uma máscara que demonstrará que o Chile defende o Chile quando quer" (*El Mercurio*, Santiago, 28 de agosto a 3 de setembro de 1986, p. 1, tradução nossa).

[99] A imagem do Chile internacionalmente causada pelos protestos e as denúncias contra os direitos humanos, reivindicou apoio externo para os manifestantes e uma visão ruim sobre a ditadura do Chile e a imagem de Augusto Pinochet.

Os protestos de 2 de setembro de 1986 - majoritariamente de grupos isolados de universitários nas salas de estudos e outros pontos da capital - foram noticiados por *El Mercurio*, que indicou no título "*Actos de Vandalismo en Universidad de Santiago*" a intervenção e o ataque dos *Carabineros* ao campus da Universidade de Santiago. O ataque levou a 75 detenções de jovens universitários, responsáveis por estenderem faixas no *Teatro Municipal* com legendas "injuriosas" as autoridades e depois disso, conta o jornal que brotaram excessos de manifestações em outros pontos da capital: Diagonal Paraguay esquina de Avenida Vicuña Mackenna e esquina de Portugal; Avenida Grecia com Ramon Cruz; Avenida Bernardo O'Higgins. Centenas de estudantes da Faculdade de Arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Chile (UC) ocuparam as dependências da Unidade Acadêmica. O jornal ainda relata que às 15 horas, 200 estudantes se concentram na Avenida Grecia com Ramon lançando insultos e atacando a transeuntes e condutores com pedras e bombas incendiárias junto com barricadas de madeiras e pneus.

> Los hechos de mayor violencia se desataron en el interior del "Planetario"la biblioteca y salas de clases de la Universidad de Santiago. Aquí, los alumnos arrancaron de sus marcos puertas y ventanas, lanzandolas a la vía pública. También sacaron de sus bases los bancos de los jardines levantando hogueras y obstáculos[100] (*El Mercurio*, 28 de agosto a 3 de setembro de 1986, p. 2)

O diário também relatou que a *Universidade de Santiago do Chile* repudiou tal situação solicitando que a força pública intervisse para restabelecer a ordem. Dada a tensão desses protestos, cinco dias depois, em 7 de setembro, o general Augusto Pinochet e sua comitiva foram alvo de um atentado realizado pela *Frente Patriótica Manuel Rodríguez* (FPMR) no Cajón do setor Maipo, uma área próxima a Santiago. *El Mercurio* noticiou e revelou imagens em suas páginas de Edición Internacional "*Atentado Contra el Presidente Pinochet*", e anunciou cinco mortos na emboscada da Comitiva Presidencial, dando detalhes do acontecimento: "La acción terrorista se produjo a las 18.40 horas del domingo 7, cuando el Presidente de la República, quien resultó herido levemente en su mano izquierda, regresaba a la capital desde

[100] "Os fatos mais violentos ocorreram no interior do "Planetário", da biblioteca e das salas de aula da Universidade de Santiago. Aqui, os estudantes arrancaram portas e janelas dos seus caixilhos, atirando-as para a rua. Também retiraram os bancos dos jardins das suas bases, montando fogueiras e obstáculos" (*El Mercurio*, 28 de agosto a 3 de setembro de 1986, p. 2, tradução nossa).

su residencia de descanso en El Melocotón cercana a San José de Maipo[101]" (*El Mercurio*, Santiago, 4 a 10 de setembro de 1986)

O jornal aponta que a comitiva onde estava Pinochet foi atacada com explosivos, foguetes e fogo cruzado de metralhadoras nos instantes em que regressava a Santiago desde sua residência de El Melocotón. O ataque se produziu à altura do setor El Mirador, no caminho ao Cajon del Maipo, por um comando de doze a quinze "extremistas" que se encontravam de parapeito em distintos lugares inclusive no fecho do setor. O veículo que atirou na comitiva de Pinochet segundo o diário era um *Peugeot* azul 504 e o automóvel blindado da Presidência era um *Mercedes Benz*. Projéteis de grossos calibres alcançaram os três primeiros veículos da comitiva, onde em um deles estava Pinochet e seu neto, que receberam numerosos projéteis em seus vidros e carroceria, relata o jornal. Ambos ficaram bem, apenas Pinochet sofreu uma leve ferida na mão esquerda e dias depois deu uma entrevista televisiva mostrando os detalhes do atentado.

Imagem 46. Veículo da escolta presidencial destruído, *El Mercurio*



Fonte: *El Mercurio*, Santiago, 4 a 10 de setembro de 1986. Fotografia de Fernando Pastene

O jornal também revela e noticia milhares de pessoas que saíram às ruas no dia 9 de setembro apoiando Pinochet - recém escapado do atentado - e frente ao *Altar de la Patria* em Alameda del Libertador Bernardo O'Higgins da capital, portavam bandeiras chilenas e fotos do

[101] "A ação terrorista teve lugar às 18h40 de domingo, dia 7, quando o Presidente da República, ligeiramente ferido na mão esquerda, regressava à capital vindo da sua casa de férias em El Melocotón, perto de San José de Maipo" (*El Mercurio*, Santiago, 4 a 10 de setembro de 1986, tradução nossa)

Presidente e da Primeira Dama Lucía Hiriart de Pinochet, além de cânticos e um certo entusiasmo de manifestantes que escreviam em cartazes com foto de Pinochet: "*El 11 una vez más, garantiza Libertad*".

Imagem 47. Expressiva e massiva adesão ao Governo, *El Mercurio*



Fonte: *El Mercurio*, Santiago, 4 a 10 de setembro de 1986.
Fotografia de Ricardo Kelly

No editorial, "*Lo que Era de Temer"*, *El Mercurio* a respeito desses acontecimentos, apresenta um repúdio aos protestos e ao atentado de Pinochet e garante que houve uma ligação das armas utilizadas nos atentados com as mesmas que formam o grosso dos arsenais ilegais descobertos no norte e centro do país. Defende que as pessoas do exterior que enviaram essas armas financiando sua aquisição e transporte, são os promotores da campanha que acusa o Governo chileno de atentar contra os direitos humanos. E no plano interno são também comunistas.

> El atentado de ayer debiera constituir un llamado severo a la conciencia de tantos chilenos que juzgan con frívola unilateralidad política la agresión de que se está haciendo objeto nuestra convivencia cruzada. El pais no puede darse el lujo de seguir tolerado el amparo moral que se otorga al terrorismo en diversos ambientes, que han hecho de condena desiquilibrada de los abusos contra os derechos humanos, un oficio

permanente[102] (El Mercurio, Semana de 4 a 10 de Setembro de 1986, p.3)

O jornal reitera que isso vale também para outras nações - mas não cita quais são - algumas das quais se consideram "amigas do Chile" e dizem condenar o terrorismo mas cujos governantes e meios de comunicação estão disposto a sentar no "banco dos acusadores ao Governo chileno" ante o menor pretexto e não estão dispostos a condenar, nem sequer interar-se dos crimes e delitos do "terrorismo comunista".

La Segunda acerca dos protestos realizado no dia 2 de setembro, assinalou e apresentou imagens de outras situações que aconteceram no protesto como o incêndio de um posto de gasolina em duas povoações - La Victoria e Villa Sur - logo que três indivíduos que portavam de metralhadoras queimaram um posto de gasolina na avenida Departamental com La Feria. Chegaram policiais e bombeiros e controlaram o fogo. Também expuseram atentados de bombas ao *Metro Estacion Las Rejas*, onde o mesmo se manteve suspenso durante o resto do dia.

Imagem 48. Posto de gasolina e roupas de trabalhadores queimados, *La Segunda*



[102]"O atentado de ontem deveria ser um apelo severo à consciência de tantos chilenos que julgam com frívola unilateralidade política a agressão a que a nossa convivência está a ser submetida. O país não pode continuar a tolerar o apoio moral dado ao terrorismo em vários círculos, que fizeram da condenação desequilibrada das violações dos direitos humanos uma ocupação permanente" (*El Mercurio*, Semana de 4-10 de setembro de 1986, p.3, tradução nossa).

Fonte: *La Segunda*, 3 de setembro de 1986, p.3. Sem registro do fotógrafo em questão.

Em uma opinião assinada por Luis Ortiz Quiroga, publicada por *La Segunda*, chamada "*Dialéctica fatal*", o advogado apresenta uma dialética entre o governo Pinochet e o Marxismo, colocando que a "violência extremista" para poder ser coerente com sua estratégia guerreira - na qual se nega a toda racionalidade democrática - necessita, como a sombra ao corpo que o engendra, da presença de uma ditadura repressiva que sufoque as liberdade públicas e faça escárnio dos direitos econômicos sociais. Neste esquema bélico - ainda que resulte paradoxal - o regime do general Pinochet necessita do *Partido Comunista* e seus grupos afins e por sua parte o *Partido Comunista* necessita do General Augusto Pinochet, posto que a subsistência de cada um deles passa a ser a razão de sua opções táticas e estratégicas.

> Nos preguntamos - junto a la inmensa mayoría del país - Como podría pretender perpetuarse el actual régimen en un país donde todos los actores políticos y sociales optarán por una democracia expurgada de los errores y deficiencias del pasado? a qué demonio tendría que exorcizar? A su vez cómo podría tener viabilidad la estrategia del Partido Comunista si acaso el Supremo Gobierno reconociera las crecientes demandas ciudadanas y se allanara a un tránsito pacifico a la democracia según la lateralidad y el espíritu del Acuerdo Nacional. [...] No obstante existen esas armas? ¿Cuántos estarían dispuestos a impugnarlas y por cuánto tiempo? tendrían éxito en sua aventura[103]? (*Dialectica Fatal*, *La Segunda*, 5 de setembro de 1986, p.3)

Por fim, Quiroga conclui que ele não tem dúvidas de que é muito grave que se integrem ao país todo tipo de armamentos, mas igualmente grave, as razões pelas quais se criam condições para que se interne dito armamento, e nisto, a responsabilidade da autoridade é inescusável. No atentado ocorrido a Pinochet em 7 de setembro de 1986, *La Segunda* estampou em sua manchete do dia seguinte, em vermelho e caixa alta "*COMO OCURRIO REALMENTE EL ATENTADO*" e na seção *crónica de hoy* detalha e expõe por meio de várias imagens o lugar onde ocorreu o atentado a Pinochet, armas encontradas de origem norte-americana, bloqueio de estradas e árvores onde os supostos "terroristas" se esconderam, relatado por funcionários da

[103] Perguntamo-nos - tal como a grande maioria do país - como pode o atual regime pretender perpetuar-se num país em que todos os atores políticos e sociais optaram por uma democracia expurgada dos erros e deficiências do passado? Que demónio terá de exorcizar? E como é que a estratégia do Partido Comunista poderia ser viável se o Governo Supremo reconhecesse as exigências crescentes dos cidadãos e aceitasse uma transição pacífica para a democracia, de acordo com a letra e o espírito do Acordo Nacional? [...] Mas será que essas armas existem? Quantos estariam dispostos a desafiá-las e durante quanto tempo? Teriam sucesso na sua aventura? (Dialectica Fatal, La Segunda, 5 de setembro de 1986, p.3, tradução nossa)

Segurança de Pinochet. O diário também destaca que Pinochet chama o ator deste atentado de "terrorista" e aponta a possibilidade de ser um dos extremistas de oposição ao governo.

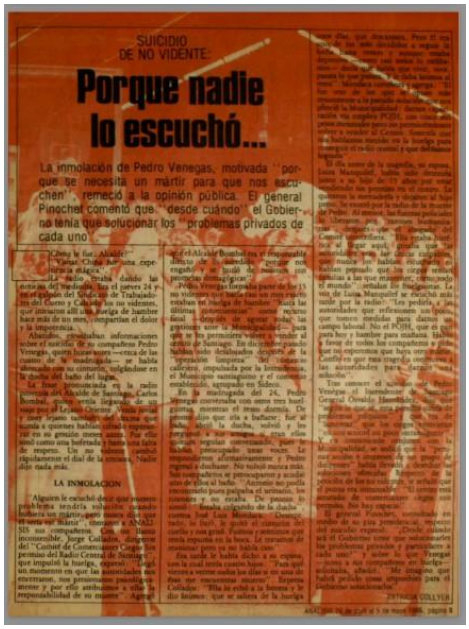
O jornal, assim como *El Mercurio*, confirmou a presença de manifestações à frente de *La Moneda* e o discurso de Pinochet ao povo retratando esse momento como "[...] una guerra entre la democracia y el caos" (*La Segunda*, 8 de setembro de 1986, p. 3). No noticiário, "*detenidos dirigentes políticos de oposición"*, *La Segunda* reporta a prisão de quatro dirigentes políticos de oposição ao Governo, entre eles, Ricardo Lagos (Dirigente do *Partido Socialista* que integra a *Alianza Democrática* e o *Acuerdo Nacional*), o sociólogo German Correa, (Presidente do *Movimento Democratico Popular*, MDP) o sacerdote suspenso Rafael Maroto (voz pública do MIR) e o dirigente do *Colegio de Periodistas* e editor internacional da revista Análisis, José Carrasco, quem há alguns dias denunciou haver sido ameaçado de morte "através de panfletos supostamente assinados pelo MIR", escreveu *La Segunda*.

Enquanto *La Segunda* escrevia que Carrasco havia sido preso, o mesmo foi assassinado em 8 de setembro de 1986. Ele foi sequestrado e executado por agentes da (CNI), em represália à tentativa de assassinato de Pinochet ocorrida no dia anterior, em 7 de setembro de 1986. Seu assassinato foi parte de uma onda de repressão promovida pelo regime em resposta à tentativa de ataque organizada pela *Frente Patriótica Manuel Rodríguez* (FPMR). Carrasco foi sequestrado em sua casa e executado horas depois, em um episódio que gerou grande comoção no Chile e internacionalmente. O governo tentou justificar as ações da polícia secreta como parte de uma resposta à violência política, mas os detalhes do sequestro e execução rapidamente vieram à tona, sendo reconhecidos como uma represália brutal e extrajudicial. La Segunda, em 9 de setembro, relata que foi reconhecido o cadáver do editor da revista Carrasco, frente ao muro do *Parque del Recuerdo*, no entanto, não dá detalhes a respeito dos criminosos e dias depois expõe o relato do *Colegio de Periodistas* que acusam o assasinato a um crime político.

Em *Análisis* antes de analisarmos como foram interpretados os protestos, atentado a Pinochet e a morte de Carrasco é preciso notar que desde abril de 1986, as edições da revista mudaram estilísticamente, colocando páginas em vermelho. Foi uma escolha editorial simbólica, que visava refletir a situação crítica do Chile sob a ditadura de Augusto Pinochet, especialmente após a tentativa de assassinato do ditador em 7 de setembro de 1986 e o subsequente aumento da repressão. Essa edição específica da revista usou o vermelho para evocar a violência e o sangue derramado durante os anos de repressão e as violações de direitos humanos. As páginas em vermelho eram um ato de protesto e uma maneira de chamar a atenção do público e da comunidade internacional para a brutalidade do regime militar e os impactos do terrorismo de estado no Chile. A escolha de usar uma cor tão impactante nas páginas também

era uma forma de solidificar a identidade editorial da Análisis como uma plataforma de resistência e crítica ao regime, ressaltando a urgência da luta por direitos humanos e a necessidade de uma transição democrática. Essa estratégia visual foi uma maneira de transmitir a mensagem da revista e de mobilizar a opinião pública contra a opressão.

Imagem 49. Revista *Análisis* em cores vermelhas, abril de 1986


SUICIDIO DE NO VIDENTE:

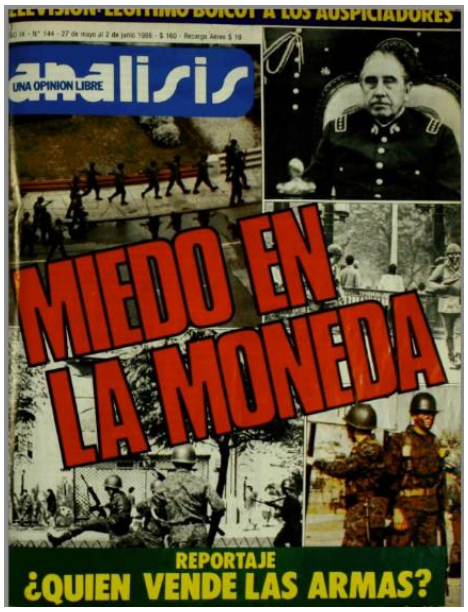
Porque nadie lo escuchó...

La inmolación de Pedro Venegas, motivada "porque se necesita un mártir para que nos escuchen", remeció a la opinión pública. El general Pinochet comentó que "desde cuándo el Gobierno tenía que solucionar los problemas privados de cada uno".

LA INMOLACION

Fonte: *Análisis*, 29 de abril a 5 de maio de 1986, n.143, p. 9

Imagem 50. Capa da revista *Análisis* em cores vermelhas, maio de 1986



Fonte: *Análisis*, 27 de maio a 2 de junho de 1986, n.144, p.1

Imagem 51. "*Colores* de *resistencia"*, revista *Análisis*



Fonte: *Análisis*, 29 de abril a 5 de maio de 1986

Nos protestos ocorridos no dia 2 de setembro, *Análisis* fez menção a um documento inédito que reflete como opera a repressão na *Universidade de Santiago do Chile* - aquela a quem *El Mercurio* disse ter sido contrária aos atos de protestos estudantis da *Universidade de Chile*. Nesse documento, 700 folhas recuperam testemunhos dos estudantes e dirigentes que sofreram perseguição das autoridades militares, integrado por vigilantes ou guardas azuis em número de 150 que eram destinados a vigiar os jovens. Os estudantes os identificam como "una CNI dentro de la universidad". O documento também relata como durante os protestos ocorridos em 1985 pelos estudantes, os militares chefes do Controle Interno escreviam informes denunciando ao governo todas as ações que eram organizadas pelos alunos, tratando os protestos ilegais e revelando os nomes dos estudantes envolvidos. Maria Olivia Monckeberg, quem avalia esse *Sumario*, conclui que muito mais se poderia falar aos seus leitores sobre esse documento, todavia, somente a leitura de algumas páginas e fotografias dão conta de mostrar um sistema repressivo que até antes de 1973 nada tinha sonhado que pudesse existir em uma universidade chilena. Posterior a esse relato, não foram encontradas outras informações relacionadas ao protesto, pois os números do mês de outubro, novembro e dezembro não foram encontrados. No entanto, esses acontecimentos foram registrados nos números de janeiro de 1987.

Imagem 52. Testemunhos do *Sumario* com nome de estudantes envolvidos nos protestos registrado por policiais, revista *Análisis*



"TESTIGOS"

Estas son algunas de las listas de "testigos" que en calidad de "anexos" fueron acompañadas al Sumario seguido por el Fiscal Mario Thomas. Se refieren a los hechos ocurridos en la Usach entre el 27 de agosto y el 6 de septiembre —que dieron lugar al Informe Reservado 1-5— y a lo sucedido entre el 25 de septiembre y el 3 de octubre, que constituye el Reservado 1-6.

Las nóminas de testigos del primer período no especifican la función de los aludidos. En las del segundo período, en cambio, éstos son resaltados. Por razones de espacio, sólo publicaremos algunos de los días señalados, a manera de ejemplo:

Día 29 de agosto de 1985:
Vicente Bravo Figueroa
Carlos Donoso Toledo
César González Guerra
Alex Zuanic
Reinaldo Neira Neira
Héctor Pino Gutiérrez
Roberto Vega

Día 30 de agosto
Luis Araos Maga
Rubén Araya Pérez
Guillermo Buzman Lichinger
Arnaldo Campos Pérez
Alfonso Cruz Fernández
Carlos Donoso Toledo
Mario Guzmán Moraga
Raúl Herrera Lazo
Alex Zuanic
Roberto Jaramillo Urrutia
Hugo Lobos Lobos
Alejandro Rojas Zúñiga
Carlos Salazar Olivares
Víctor Solís Amprimo
Abel Torres Negrier
Jorge Turres Mery
Roberto Vega

25 de septiembre de 1985:
Víctor Rodríguez Collio, jefe de turno
Mario Rebolledo Carbone,
jefe de turno reemplazante
Alberto Jones Honorato, vigilante
Enrique Rubio Miranda, vigilante
Osvaldo Lara Rojas, vigilante
Carlos Peña Olave, vigilante
Luis Villamán Neira, vigilante
Osvaldo Aguilar Vergara, vigilante
Héctor Lira, director del Depto.
de Ingeniería Eléctrica
Luis Gómez Gómez, vicerrector Asuntos
Estudiantiles
Roberto Vega, vicerrectoría Asuntos
Estudiantiles
Alex Zuanic, director Asuntos Estudiantiles
Arturo Meléndez, decano Fac. Ingeniería
Ricardo González, director Biblioteca
Héctor Pino Gutiérrez, casino
Sergio Bravo, departamento
de Ingeniería Geográfica
Luis Werner-Widmer, secretario FAE
(Fac. Administración y Economía)
Jorge Turres Mery, jefe gabinete Pro-rectoría
Hugo Tirado Díaz, jefe gabinete V.RA
Manuel Cornejo Díaz, registrador académico.

1º de octubre de 1985:
Domingo Baltázar Barraza, jefe de turno
Ramón Gutiérrez Molina, jefe de turno
reemplazante
Enrique Olea López, vigilante
Enrique Moya Campos, vigilante
César González Guerra, vigilante
Vicente Bravo Figueroa, vigilante
Fernando Rosas Pizarro, vigilante
Luis Araos Maga, vigilante
Guillermo Zamorano Quesada, vigilante
Alex Zuanic, director Relaciones Estudiantiles
Roberto Vega, Relaciones Estudiantiles
Luis Moya Vivedes, jefe de turno.

Fonte: *Análisis*, Santiago de Chile, 23 de agosto a 1 de setembro de 1986, p.3

Imagem 53. Protestos estudantis da USACH em 2 setembro de 1986



Fonte: *Análisis*, Santiago de Chile, 2 de setembro de 1986, p.5

Outra questão é relatada por *Análisis* e chama atenção:

> Entramos en una actitud de duda permanente. Hemos sentido el engaño a nivel personal, social, nacional…. La pregunta brota sin respuesta: ¿Quiénes realmente están detrás? La muerte de tres personas en Concepción hace que existan dos verdades: una versión oficial y la otra, que la contradice, de testigos presenciales.¿Dónde está la verdad? Quién cree a quien? Y la mentira reviste muchas veces las características del insulto, la desconfianza, el temor, el miedo, el engaño sistemático ¿Podremos seguir viviendo así, podremos construir así un pueblo de hermanos?[104] (*Análisis*, 23 de agosto a 1 de setembro de 1986, p.4)

Estas indagações a respeito da "verdade", "versão oficial" e dos "testemunhos" foram proferidas pelo Bispo Auxiliar de Concepción y Arauco, Alejandro Goic, em 24 de agosto de 1984. Refere-se ao crescente número de mortes que tem acontecido no Chile em meio aos protestos e ataques a universidade e a pluralidade de versões que confundem a mente chilena, levam a sua desconfiança e cada vez mais a desunião. Na opinião da revista em janeiro de 1987, Juan Pablos Cárdenas retorna a escrever e informa que com o término do Estado de Sítio, o

[104] "Entramos numa atitude de dúvida permanente. Sentimos o engano a nível pessoal, social, nacional..... Surge a pergunta sem resposta: quem está realmente por detrás disto? A morte de três pessoas em Concepción significa que existem duas verdades: uma versão oficial e uma versão contraditória de testemunhas oculares. Onde está a verdade? Quem acredita em quem? E a mentira tem muitas vezes características de insulto, de desconfiança, de medo, de engano sistemático. Será que podemos continuar a viver assim, será que podemos construir um povo de irmãos assim?" (Análise, 23 de agosto a 1 de setembro de 1986, p.4).

oficialismo há levantado uma imponente campanha publicitária cujo objetivo é convencer o Chile e o mundo de que vivemos uma situação de normalidade institucional, ao tempo em que se avista um promissor futuro. Enfatiza que toda essa retórica e os enormes recursos propagandísticos utilizados para convencer a população chilena de um novo *boom,* buscam adormecer a consciência política do país e a esperança de um alívio econômico e ao mesmo tempo diminuir a pressão internacional, na alusão de que nos "encontramos a bordo da democracia" e em frente "de uma ordem que respeita os Direitos Humanos". Reitera que quatro meses depois desse oficialismo, o país continua mais pobre, mais dependente e mais agredido pela injustiça e a repressão.

No campo econômico, Cárdenas aponta mais dívidas externas despojadas do capital especulativo que levam a entender que as grandes massas têm menos poder aquisitivo que antes e as dívidas hipotecárias chegaram ao limite do desespero. No campo político, o diretor denota que a Constituição de 1980 mostra cada vez mais a perpetuação de Pinochet no poder e menos da soberania popular e que a ação de certos personagens políticos - não os cita - mostram que eles preferem comer as "migalhas" da Ditadura do que ganhar a liberdade com o "suor de suas testas". No âmbito da violência, Juan denuncia os horríveis crimes políticos que seguiram no estabelecimento do estado de exceção e seguem na mais completa impunidade. A detenção arbitrária e a tortura, segundo ele, fizeram "sujas" inumeráveis vítimas, cujos testemunhos ante os Tribunais chegam páginas repugnantes sobre o tormento fisico e psicológico aplicado por agentes da ordem de segurança. "Ya no hay sitio en las cárceles para tanto preso político, situación está infinitamente más grave que la de algunos países fuertemente recurrentes en la crítica de la prensa uniformada[105]" (*Análisis*, 13 a 19 de janeiro de 1987, p.1 n.157).

Por fim, sobre a morte de seu amigo Carrasco, Cárdenas exprime:

> Que nadie se engañe. Nada hay en nuestra realidad que nos haga suponer días mejores. La normalidad es solo una ficción de la propaganda y de la posibilidad que tuve el Régimen durante cuatro meses de controlar - dicho sea de paso - cada vez más inculcar por una legislación ad-hoc enemiga de la verdad y de la libre expresión. A la vez que amenazado por la reaparicion de bandas armadas que puederem movilizarse libremente por Santiago en las horas del Toque de Queda y asesinar vil y cobardemente a un periodista y demócrata ejemplar como José Carrasco[106]. (*Análisis*, 13 a 19 de janeiro de 1987, p.2, n. 157)

---

[105]"Já não há espaço nas prisões para tantos presos políticos, uma situação infinitamente mais grave do que em alguns países que são fortemente criticados pela imprensa uniformizada" (*Análisis*, 13 a 19 de janeiro de 1987, p.1 n.157, tradução nossa).

[106]"Que ninguém se deixe enganar. Não há nada na nossa realidade que nos faça supor dias melhores. A normalidade é apenas uma ficção da propaganda e da possibilidade que o Regime me ofereceu durante quatro meses para controlar - aliás, cada vez mais inculcada por uma legislação ad-hoc inimiga da verdade e da liberdade de expressão. Ao mesmo tempo ameaçado pelo aparecimento de bandos armados que podiam circular livremente

Imagem 54. Funeral de Carrasco nos protestos de 9 de setembro de 1986, *Análisis*



Fonte: (*Análisis*, Santiago de Chile, 13 a 19 de janeiro de 1987, p.3, n.157). Não há registro do fotógrafo na figura.

Imagem 55. "Pepe", o Carrasco viverá para sempre, capa da revista *Análisis*

em Santiago nas horas do recolher obrigatório e assassinar vil e covardemente um jornalista e democrata exemplar como José Carrasco" (*Análisis*, 13 a 19 de janeiro de 1987, p.2, n. 157, tradução nossa)



Fonte: (*Análisis*, Santiago de Chile, 13 a 19 de janeiro de 1987, p.1, n.157).

Dessa forma e considerando a análise minuciosa dessas fontes – notícias, editoriais e imagens – entre os jornais *El Mercurio*, *La Segunda* e a revista *Análisis*, desde o golpe de Estado de setembro de 1973 até os protestos de massas entre 1983 e 1986, percebemos um evidente embate nas narrativas desses veículos. As interpretações dos eventos frequentemente se contradiziam em discursos, imagens, e nas representações de personagens e instituições. Notou-se também uma intensa disputa por moldar a memória coletiva, com os jornais mobilizando-se para influenciar a opinião pública de acordo com suas orientações políticas. Enquanto *El Mercurio* e *La Segunda* retratavam os protestos como 'violentos' e ligados ao 'comunismo', *Análisis* apresentou uma visão oposta, destacando o caráter 'pacífico' das manifestações e o fato de que os manifestantes eram frequentemente vítimas de ataques policiais onde muitos foram presos, torturados e até mortos, com esses 'fatos' sendo ocultados tanto pelo Estado quanto pela imprensa oficialista.

No último item, aprofundaremos esses apontamentos ao analisar as imagens, a diagramação e os estilos de cada veículo, investigando como a censura, a autocensura e a resistência se manifestaram em cada um. Também buscaremos confirmar as associações políticas e os partidos vinculados a cada jornal, de forma a esclarecer as dinâmicas entre a mídia

e o poder político na época. Por fim, procuraremos tornar evidente a "batalha de memórias" travada entre esses veículos na construção das narrativas sobre o passado dos protestos e da ditadura em si.

2.5 Olhares censurados: as fotografias como canal de resistência e legitimação da ditadura chilena.

O regime militar chileno em 1973 organizou um amplo aparato de repressão e censura que atingiu em cheio o campo cultural. Esse processo consistiu em uma verdadeira "operação limpeza", cujo objetivo era "[...] apagar os rastros de uma cultura popular associada à Unidade Popular" (Costa; Vivacqua, 2023, p. 18). Essa política incluiu tanto o fechamento de espaços editoriais, como a substituição da Editora Nacional Quimantú pela Nacional Gabriela Mistral, quanto à destruição de murais e expressões artísticas vinculadas ao período anterior.

A censura, no entanto, não se limitou ao silenciamento. Ela também procurou impor uma estética oficial que traduzisse os valores da ditadura. Tratava-se de um projeto de disciplinamento cultural que visava "[...] impor uma nova identidade chilena, alinhada ao ideário nacionalista da Junta Militar" (Costa; Vivacqua, 2023, p. 19). Nesse cenário, revistas independentes e coletivos artísticos passaram a operar como espaços de contracultura e de resistência simbólica. Nesse contexto, algumas revistas surgiram como espaços de resistência cultural e jornalística: *La Bicicleta*, criada em 1978, destacou-se como laboratório de ideias contraculturais, mas sofreu interdições, sendo impedida de circular entre 1984 e 1985; A revista *Apsi*, fundada em 1976, teve atuação central na denúncia de violações de direitos humanos e na cobertura de temas internacionais silenciados pela grande imprensa; a revista *Análisis*, fundada no final da década de 1970 pela Academia de Humanismo Cristiano, que assumiu relevância singular na luta contra a censura.

Belén Bascuñán compreende as relações entre censura e liberdade de imprensa nos primeiros anos da década de 1980, destacando fatores que favoreceram a multiplicação de meios de comunicação alternativos. Ela observa que:

> "[...] hechos relevantes fueron que en septiembre de 1983 se creó, con la adhesión de quinientas personas, el Comité Pró Libertad de Expresión. Este campo abrió, por fuerza de las circunstancias, canales internacionales mediante redes de exiliados (que publican revistas en el exilio, y/o se suscriben a revistas de oposición nacionales), al tiempo que obtuvo generoso financiamiento por parte de las ONG interesadas en denunciar los abusos a los Derechos Humanos. Se trató, en parte, de una instrumentalización política, que hoy más que restar interés a estas prácticas, nos

> ofrece nuevas facetas y estrategias de la labor editorial, ya que resaltó el espíritu de cualquier profesional de rubro: ¿qué publicar, y cuándo? El campo se configuró, a su vez, en la prolífica producción de investigaciones periodísticas, de historietas humorísticas, de lenguajes reflexivos en el ámbito culturas. Diversos soportes editoriales hicieron frente a la necesidad de comunicar, de informar, de reflexionar y de expresar el sentir de artistas, intelectuales y activistas" (Bascuñán, p.180).

Considerando a centralidade dos direitos humanos e da redemocratização como valores de alcance transnacional, tornou-se evidente a importância de iniciativas como a criação e a adesão massiva ao *Comité Pró Libertad de Expresión*. Esses esforços evidenciam um campo comunicacional que transcendeu fronteiras nacionais e estabeleceu diálogos com experiências estrangeiras de imprensa, organizações não governamentais e instituições internacionais, como a *Sociedad Interamericana de Prensa*. Nesse processo, destaca-se ainda o papel do *Colegio de Periodistas de Chile*, fundado em 1956, cuja atuação foi severamente limitada nos primeiros anos da ditadura, impossibilitando-o de cumprir sua missão original de defesa da liberdade de imprensa e da proteção profissional dos jornalistas.

A censura contra *Análisis* assumiu diferentes formas: confisco de edições, suspensão temporária da circulação, ameaças diretas a jornalistas e redatores. Ainda assim, ela se consolidou como espaço plural, abrigando intelectuais, acadêmicos e escritores que utilizavam suas páginas para resgatar um debate público negado em outros meios. Ao lado de *La Bicicleta* e *Apsi*, *Análisis* construiu redes de circulação simbólica que ampliavam os limites da palavra escrita. Mais do que informar, mantinha viva a possibilidade de imaginar o Chile democrático em meio ao silêncio imposto. Sua importância está em ter transformado a censura em campo de enfrentamento, fazendo da palavra impressa um lugar de disputa e não por acaso, o regime militar via nessas publicações um risco constante, razão pela qual elas foram sistematicamente perseguidas. Ainda assim, o gesto de resistência permaneceu, confirmando que a censura não conseguiu eliminar a criatividade nem a capacidade de denúncia do campo cultural.

Gonzalo Leiva e Luiz Hernán Errázuriz (2012), compreendem como a ditadura de Augusto Pinochet se apropriou não apenas da força militar, mas também da cultura e da comunicação como instrumentos de dominação. A censura, nesse sentido, não se limitou à proibição de conteúdos, mas constituiu um verdadeiro mecanismo estético de controle social, que reformulou a experiência coletiva de memória e identidade. Um dos pontos centrais foi a reorganização do campo midiático onde jornais de grande circulação, como *El Mercurio* e *La Segunda*, desempenharam papel ativo na legitimação da nova ordem, difundindo discursos que enquadravam o governo militar como necessário à "salvação nacional". Esses periódicos

colaboraram com a construção de uma narrativa oficial, reforçando estigmas sobre o governo da Unidade Popular e naturalizando a repressão contra opositores. A censura e a autocensura se articularam, criando uma imprensa que operava como veículo de propaganda do regime. Ao trazer à tona violações de direitos humanos e refletir sobre as transformações políticas do país, *Análisis* encarnou uma forma de resistência estética e intelectual. A disputa entre esses veículos evidencia como o campo da comunicação foi um território de embates simbólicos. Se de um lado a ditadura mobilizava imagens, discursos e representações para consolidar sua legitimidade, de outro, iniciativas opositoras buscavam reconstruir a memória coletiva e abrir frestas de crítica no espaço público. O "golpe estético", portanto, não se reduziu à monumentalidade militar ou às cerimônias cívicas, mas também se concretizou na manipulação e no confronto de narrativas midiáticas (Leiva; Errázuriz,2012).

O Chile vivenciou um sistema rígido de censura direta e de autocensura induzida, que atingiu jornais, revistas, editoras e todos os meios de comunicação. O Estado, por meio de organismos de segurança e de escritórios de controle informativo, supervisionava conteúdos antes de sua publicação, determinando cortes, vetos e até mesmo a suspensão de edições inteiras. Esse controle não se restringia a notícias políticas: alcançava também a produção cultural, como literatura, teatro, música e artes visuais, considerados potenciais espaços de crítica ao regime. No caso de periódicos alinhados ao governo, como *El Mercurio* e *La Segunda*, a censura operava de forma menos impositiva porque esses veículos compartilhavam da visão ideológica do regime e, em muitos casos, como analisamos no capítulo dois, foram colaboradores ativos na construção da narrativa oficial. *El Mercurio*, por exemplo, além de se beneficiar de subsídios estatais, moldava sua linha editorial para difundir a imagem de que o golpe havia sido uma necessidade histórica diante do "caos" da Unidade Popular. Já *La Segunda* consolidou uma retórica mais sensacionalista e dura, frequentemente criminalizando mobilizações sociais e naturalizando a violência repressiva. Assim, a autocensura nesses jornais foi, em grande medida, uma escolha política e estratégica, de adesão voluntária ou de 'sobrevivência' à agenda da ditadura (Santos, 2016).

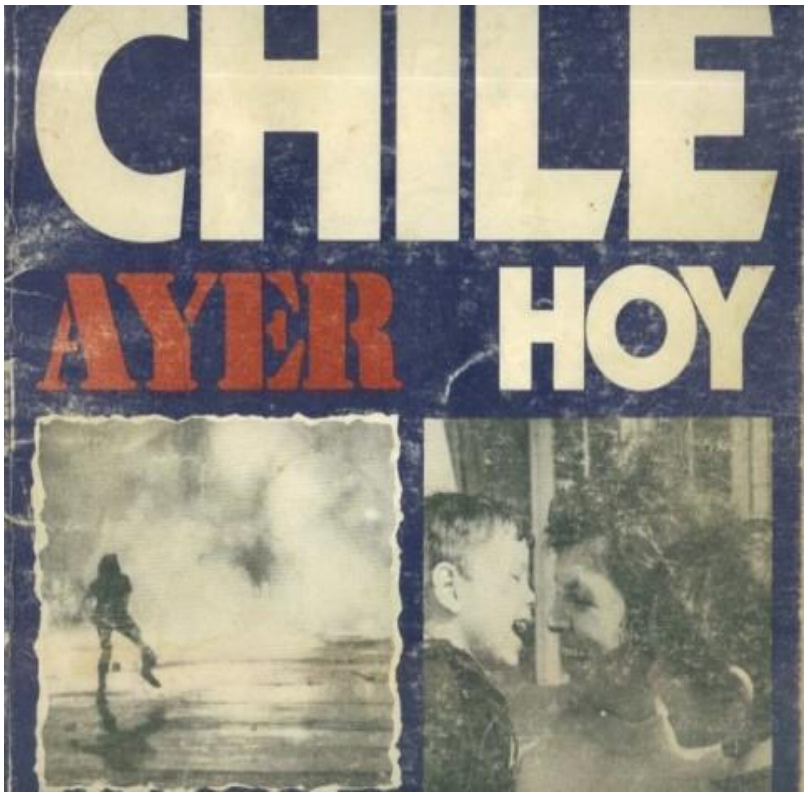
Nos jornais alinhados, a autocensura reforçava a propaganda oficial, ao passo que, nas revistas opositoras, tornava-se uma estratégia para preservar algum espaço de crítica. A análise desse processo revela como o "golpe estético" também se deu pela regulação das palavras, pela imposição de silêncios e pelo disciplinamento das narrativas que poderiam alcançar a sociedade. Gamarnik (2023) demonstra que veículos como *El Mercurio* e *La Tercera* não

atuaram de maneira neutra, mas se converteram em verdadeiros agentes da “ação psicológica” proposta pelos militares, isto é, de uma propaganda sustentada na manipulação da linguagem e das imagens.

A estratégia comunicacional da junta militar se baseava em um discurso binário que buscava contrastar o “antes” e o “agora”. O passado era descrito como “caótico e dominado pelo marxismo”, enquanto o presente inaugurado pelo golpe era representado como “ordem, progresso e salvação nacional” (Gamarnik, 2023). Para consolidar essa visão, a imprensa reproduzia imagens cuidadosamente selecionadas, reportagens simplificadas e narrativas que ocultavam a violência cotidiana. Essa prática era parte de uma Campanha de Penetração Psicológica em Massa, planejada entre 1973 e 1974, que tinha como objetivo explícito “destruir a doutrina marxista” (Gamarnik, 2023, p. 8). Os jornais funcionavam, portanto, como mediadores entre o Estado autoritário e a opinião pública, construindo uma percepção de consenso social que pouco refletia a realidade. A censura direta coexistia com a autocensura das redações, que limitavam o espaço para críticas e evitavam questionar os abusos cometidos. Nesse sentido, o controle da imprensa no Chile não foi apenas repressivo, mas também preventivo, sustentando-se em uma cultura de medo e disciplina comunicacional (Gamarnik, 2023).

Apesar disso, a tentativa de monopolizar o discurso encontrou resistências, sobretudo no campo da fotografia. Como sublinha Gamarnik (2023), enquanto os jornais oficiais difundiam imagens que exaltavam a ordem militar, fotógrafos independentes buscavam registrar as consequências da repressão, como os desaparecimentos e as manifestações populares. Essa tensão entre visibilidade e ocultamento transformou a fotografia de imprensa em uma arena central de disputa política. O caso chileno evidencia como os jornais atuaram como braços civis de uma ditadura militar, validando políticas repressivas e legitimando simbolicamente o golpe. O uso da imprensa como dispositivo de propaganda demonstra que a ditadura não se apoiou apenas na força bruta, mas também na construção de um imaginário público disciplinado, no qual *El Mercurio* e *La Segunda* assumiram papel decisivo.

Imagem 56. Chile: Ontem e Hoje: um livro de fotografia produzido por uma editora expropriada pela ditadura de Pinochet em 1975.



Fonte: Cora Gamarnik, 2012.

Imagem 57. Materiais de apoio às ditaduras: “A Experiência Socialista Chilena. Anatomia de um Fracasso”.



Fonte: Editora ZZ, 1973.

O jornal *La Segunda*, sobretudo durante os anos da ditadura chilena, incorporou práticas sensacionalistas que extrapolavam o campo textual e se projetavam intensamente no uso de imagens. Fotografias e ilustrações não apareciam como registros neutros, mas como recursos estratégicos na construção de sentidos políticos. Ao manipular enquadramentos, destacar expressões de violência ou enfatizar cenas de tumulto, o periódico buscava provocar no leitor um efeito imediato de impacto emocional, reforçando a narrativa de insegurança social e a necessidade de medidas repressivas. A leitura crítica de Angrimani (1995) ajuda a compreender esse fenômeno. Para o autor, o sensacionalismo não se reduz ao exagero verbal, mas envolve um modo de comunicar que apela ao espetáculo, explorando emoções como medo, choque e indignação. *La Segunda* aplicava essa lógica ao selecionar imagens que dramatizavam protestos, vandalismo ou atos violentos, frequentemente acompanhadas de legendas que orientavam a interpretação do público em direção ao discurso oficial. Dessa forma, a fotografia deixava de ser mero documento para tornar-se um elemento ativo na persuasão, legitimando o enquadramento político do jornal.

Nesse contexto, o recurso visual transformava-se em parte essencial da retórica sensacionalista. A repetição de imagens de confronto, combinada à linguagem alarmista das manchetes, criava um clima de constante ameaça. O público era levado a perceber os opositores do regime não como cidadãos em protesto, mas como desordeiros e inimigos da ordem nacional. Assim, o sensacionalismo operava como tecnologia discursiva: produzia afetos e, ao mesmo tempo, orientava a construção de memórias sociais sobre o período, invisibilizando a violência estatal e enfatizando a suposta necessidade de controle.

A partir do golpe militar de 1973, instaurou-se no Chile um regime de censura e repressão sistemática que buscava controlar tanto a vida política quanto as expressões artísticas e culturais. Nesse contexto, a emergência da chamada Escena de Avanzada, conceito elaborado por Nelly Richard, tornou-se fundamental para compreender o modo como setores da cultura chilena reconfiguraram o espaço público a partir de práticas estéticas de resistência. Segundo Richard, sobretudo no final da década de 1970, um conjunto de artistas e intelectuais — entre os quais se destacam Diamela Eltit, Raúl Zurita e os integrantes do *Colectivo Acciones de Arte* (CADA) - constituiu uma rede de produção cultural que se propunha a atuar à margem das instituições oficiais. Essa atuação deslocou os limites impostos pela ditadura, convertendo a arte em instrumento de denúncia política. Nesse sentido, a *Avanzada* não apenas se opunha ao regime, mas criava novas formas de circulação simbólica, reintroduzindo o debate público em um cenário de silenciamento forçado.

As intervenções urbanas, o uso do corpo como suporte artístico e a mescla de gêneros - literatura, videoarte, performance - configuraram-se como práticas que rompiam com a normatividade estética e política. Dessa forma, ao inscrever-se no espaço urbano e tensionar os códigos oficiais da cultura, a *Avanzada* reposicionou a arte como veículo de participação e de crítica. A “chuva de poesia” lançada sobre Santiago ou as ações de “Ay Sudamérica”, do CADA, exemplificam como a arte atravessava os muros da censura e recolocava na esfera pública imagens, vozes e símbolos interditados pelo regime. Esse processo ganha relevância ainda maior na primeira metade dos anos 1980, quando as jornadas de protesto nacional tornaram-se expressão maciça da resistência popular. A *Escena de Avanzada*, nesse contexto, funcionou como um laboratório de linguagens críticas que dialogavam diretamente com as demandas sociais. Ao articular arte e política, os artistas da geração proposta por Richard construíram um espaço alternativo de circulação cultural que desafiava a censura e, simultaneamente, ampliava os horizontes da esfera pública, ao devolver visibilidade às

experiências de resistência coletiva. Podemos afirmar deste modo, que a *Escena de Avanzada* representou um avanço da cultura na esfera pública chilena, não pela via institucionalizada, mas justamente pela criação de uma contraesfera simbólica, marcada pela experimentação e pela crítica. Em um país onde o autoritarismo buscava interditar a palavra e a imagem, essas práticas artísticas contribuíram para reconfigurar a memória social e para inscrever a resistência cultural como parte integrante das lutas pela redemocratização.

Nesse contexto, a *Escena Avanzada* se conecta com a noção de esfera pública de Habermas, (2014) pois destaca a opinião pública como um de seus elementos centrais, compreendendo-a como resultado do diálogo estabelecido entre imprensa, sociedade e poder. No capitalismo editorial, os jornais assumem papel de mediadores ao selecionar e difundir informações que contribuem para a formação de consensos ou dissensos coletivos. Assim, a imprensa se torna não apenas um espaço de circulação de notícias, mas também um agente ativo na constituição da esfera pública moderna. Segundo essa perspectiva, a esfera pública deve ser entendida como um espaço de sociabilidade, de debates e de disputas simbólicas, no qual a sociedade se reconhece e se expressa. No entanto, durante regimes autoritários, esse espaço tende a ser restringido, produzindo um encolhimento da esfera pública e limitando o alcance da opinião pública.

No caso chileno, antes das grandes jornadas de protestos, a ditadura havia reduzido drasticamente esses espaços, restringindo a atuação da imprensa, da cultura e das manifestações coletivas. Entretanto, a partir da década de 1980, observa-se uma reocupação da esfera pública. As ruas, as artes, a literatura e os movimentos sociais tornaram-se veículos de resistência, ampliando novamente o debate e confrontando a narrativa oficial. Nesse sentido, as manifestações sociais não apenas expressaram um descontentamento, mas também revitalizaram a esfera pública ao criar novas formas de comunicação e de disputa pela opinião pública.

Considerações finais

A análise das narrativas veiculadas pelos jornais *El Mercurio* e *La Segunda* em contraste com a revista *Análisis* permitiu compreender que a imprensa chilena desempenhou papel decisivo durante a ditadura militar, não apenas como transmissora de informações, mas como um agente político ativo e profundamente engajado na conformação da esfera pública. Ao longo da investigação, verificamos que os periódicos alinhados ao regime atuaram como instrumentos de legitimação da repressão e de silenciamento das denúncias de violações de direitos humanos. Em contrapartida, a revista oposicionista empenhou-se em denunciar os abusos, em registrar as vozes dissidentes e em preservar uma memória crítica dos acontecimentos. Essa dualidade evidenciou que as manifestações populares entre 1983 e 1986 não foram apenas confrontos nas ruas, mas também disputas de sentido travadas nos meios de comunicação, os quais disputavam, cada um à sua maneira, a hegemonia na produção de significados sobre os rumos da nação.

No primeiro capítulo, ao investigarmos a formação histórica de *El Mercurio*, *La Segunda* e *Análisis*, foi possível compreender que esses veículos não surgiram de forma isolada, mas a partir de uma longa trajetória de articulação entre imprensa, poder político e elites econômicas. *El Mercurio*, desde o século XIX, consolidou-se como uma das instituições mais influentes do país, sendo um espaço privilegiado para a defesa de interesses conservadores e empresariais. Já *La Segunda* destacou-se por sua linguagem sensacionalista, voltada a reforçar o discurso oficial e a retratar opositores como ameaças à ordem. Em contrapartida, *Análisis*, fundada no final da década de 1970, assumiu desde cedo a missão de oferecer uma narrativa alternativa, resistindo à censura e aproximando-se dos setores sociais que contestavam o regime. Essa contextualização inicial foi essencial para demonstrar que, desde suas origens, os periódicos estudados configuraram-se como atores políticos que, em maior ou menor medida, intervieram ativamente nos processos de formação da opinião pública.

No segundo capítulo, focamos na análise detalhada das notícias e reportagens sobre as *Protestas Nacionales Sociales* publicadas entre 1983 e 1986. Esse momento da pesquisa foi fundamental porque permitiu a interpretação direta das fontes, evidenciando como os diferentes veículos construíram versões concorrentes sobre os protestos. Os jornais *El Mercurio* e *La Segunda* recorreram a enquadramentos que apresentavam as manifestações como episódios de instabilidade e ameaça à ordem, reforçando a narrativa de um regime necessário para conter o "caos social". Em contraposição, a revista *Análisis* buscou denunciar os abusos do Estado e legitimar as reivindicações da população, assumindo uma postura crítica frente às versões oficiais. Essa leitura de confronto mostrou que os protestos não se limitaram ao espaço das ruas,

mas também se desenrolaram nas páginas dos jornais e revistas, onde diferentes sentidos eram disputados.

No último tópico do capítulo 2, o foco voltou-se para a questão da censura, da autocensura e da resistência visual. As análises das imagens publicadas mostraram que, nos jornais alinhados ao regime, a autocensura se manifestava na escolha de fotografias que reforçavam a ordem desejada pelo governo ou que minimizavam o impacto da repressão. Muitas vezes, imagens de protestos eram enquadradas de modo a ressaltar a violência dos manifestantes, ocultando a brutalidade policial. Já em *Análisis*, as marcas da censura eram explícitas: páginas inteiras foram publicadas em branco ou preenchidas com cores fortes, numa estratégia de denúncia visual que transformava a ausência de informação em prova da repressão. Esse contraste demonstrou que, na ditadura chilena, as imagens também se converteram em campo de disputa, onde o poder buscava controlar não apenas o discurso escrito, mas também o visual, ciente de seu potencial de comoção e mobilização social.

Ao reunir essas análises, compreende-se que a imprensa chilena, durante a ditadura, não apenas relatou fatos, mas os produziu, disputando sentidos e contribuindo para a construção de memórias coletivas contraditórias sobre o período. O jornalismo, longe de se limitar ao registro, atuou como instrumento de legitimação política, mas também como espaço de resistência e denúncia. Essa atuação reforça a importância da imprensa enquanto ator histórico, cuja influência ultrapassa a simples mediação dos acontecimentos e se projeta como agente ativo na luta pela memória e na definição dos rumos sociais e políticos.

Contudo, a investigação não se restringe ao passado. Um dos aportes mais significativos deste estudo é a constatação de que, no Chile contemporâneo, jornais como *El Mercurio* e *La Segunda* permanecem ativos e continuam a exercer forte influência sobre a opinião pública. Embora o país viva sob regime democrático desde 1990, práticas editoriais herdadas do período autoritário ainda se fazem presentes. Em pautas políticas e econômicas, observa-se a continuidade de uma perspectiva conservadora e neoliberal, que privilegia interesses das elites em detrimento das demandas populares[117]. Essa permanência não pode ser dissociada do fato de que a Constituição chilena em vigor ainda deriva do texto promulgado em 1980, durante a ditadura de Pinochet, o que reforça a ideia de que a transição democrática não representou uma

[117] ORTIZ, Marcos F. El Mercurio, la gira y la construcción de polémica. Jueves de medios, Interferencia, 27 jul. 2023. Disponível em: https://interferencia.cl/articulos/el-mercurio-la-gira-y-la-construccion-de-polemica. Acesso em: [01.jun.2025].

ruptura completa. Ao contrário, ainda preserva, em alguma medida, as estruturas de poder e influência construídas no passado.

Essa constatação nos convida a refletir criticamente sobre os desafios atuais da democracia chilena onde o debate em torno de uma nova Constituição, as manifestações sociais recentes e as dificuldades de concretizar mudanças estruturais revelam que a imprensa segue desempenhando papel central na formação de narrativas e na mediação entre Estado e sociedade. Muitas vezes, esse papel continua sendo exercido em favor da manutenção de interesses consolidados, reforçando desigualdades históricas e dificultando avanços em direção a uma democracia mais plural. Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada contribui não apenas para compreender a ditadura de Pinochet, mas também para problematizar a permanência de certas práticas e discursos no Chile contemporâneo. Deste modo, este trabalho reafirma a necessidade de problematizar continuamente o lugar da mídia na sociedade chilena. A memória histórica dos anos de ditadura não pode ser compreendida sem considerar o papel decisivo dos veículos de comunicação; do mesmo modo, a análise da democracia contemporânea não pode prescindir do exame da permanência de sua influência. Em ambos os momentos, passado e presente, a imprensa mostrou-se não apenas um espelho da realidade, mas um ator político que intervém, molda e disputa sentidos sobre a democracia, suas possibilidades e seus limites.

Fontes e Bibliografia

FONTES

EL MERCURIO. Santiago, 1983-1986. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Chile. Consultado em abril de 2025. Biblioteca Nacional Digital de Chile. *Diario El Mercurio*. Disponível em: <www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acessado em:25 de fev.de 2025.

DIARIO EL MERCURIO. *El Mercurio*. Disponível em: <www.elmercurio.com> Acessado em: 02 de fev.de 2025.

LA SEGUNDA . Santiago, 1983-1986. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Chile. Consultado em abril de 2025. Biblioteca Nacional Digital de Chile. *Diario de La Segunda*. Disponível em: <www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl> Acessado em: 02 de fev.de 2025.

DIARIO LA SEGUNDA. *La Segunda*. Disponível em:<www.lasegunda.com> Acessado em: 02 de Fevereiro de 2025.

ANALISIS. Santiago, 1983-1986. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Chile. Acessado em abril de 2025.

MEMORIA CHILENA DE LA BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DE CHILE. *Análisis*. Santiago, Soc. Periodística Emisión Limitada, 1977-1993 (Santiago: Ed. Antártica) v., año 5, n° 42-46, (ene.-jun. 1982); v., año 6, n° 53-58, (ene.-jun. 1983); v., año 6, n° 59-65, (jul.-sep. 1983); v., año 6, n° 66-71, (oct.-dic. 1983); v., n° 72-80, (ene.-abril 1984); v., n° 81-94, (mayo-nov.1984); v., año 8, n° 95-122, (jun.-dic.1985); v., n° 123-139, (ene.-abril 1986); v., año IX, n°140-155, (abril-sep. 1986);v., año 10, n° 157-167, (ene.-mar. 1987); v., año 18, n° 338-350, (jul.-sep. 1990) Disponível em: www.memoriachilena.gob.cl/> Acessado em: 02 de Fevereiro de 2025.

BIBLIOGRAFIA

Documentação

Jornal El Mercurio (1973-1990)

Agüero, Ignacio. El diario de Agustín. **Largometraje documental**. 90min, 2008, (Santiago, Chile). Disponível em: https://cinechile.cl/pelicula/el-diario-de-agustin/ Acesso em: 23/03/2025.

Batalla Legal Contra El Marxismo. *El Mercurio*, Santiago, p.3 20 a 27 jan.1974

Castillo E., Carmen 1945-. Vida secreta del MIR : [entrevista] [artículo] El Mercurio (Diario : Valparaíso, Chile). **Archivo de Referencias Críticas**. Disponível em Biblioteca Nacional Digital de Chile http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-280608.html . Acesso em: 15/03/2025.

Chile denunció Sangriento Complot Marxista en la ONU. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00---off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 ----- 0-

10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1 --- 20-home-El+Mercurio--00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Chileno: El Mercurio Miente. MacWilliam, Nick. [artigo]. Disponível em **Latin America Boreau**: https://lab.org.uk/chile-lies-censorship-el-mercurio/ Acesso em: 15/03/2025.

Crimen em las Playas de los Molles. Asesinada hermosa joven. Galeria de Prensa Daniel Arrieta y Alejandra Matus. Disponible en Los casos de la vicaria Los Archivos del Cardenal http://www.casosvicaria.cl/temporada-uno/un-padre-desesperado/?fbclid=IwAR1QcXsgQ-KOzMb8NiJwFbTxusF62e90np6E7wHbm5CbYbqQQni3MdCbdhY. Acesso em 15/03/2025.

Durante Toque de Queda: 10 Muertos y 100 Heridos [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 ----- 0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-1-00-0-0-11-0-0utfZz 8-00&a=q&r=21 Acesso em: 30/03/2025.

"El día decisivo": un best seller. [artículo] El Mercurio (Diario: Valparaíso, Chile). Archivo de Referencias Críticas. Disponível em **Biblioteca Nacional Digital de Chile** http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/637/w3-article-234643.html. Acesso em: 15/03/2025.

El Mercurio, 24 de agosto 1990. Víctimas. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 ----- 0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

En Cuatro Ciudades: Ocho Muertos en Enfrentamientos [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 ----- 0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-1-00-0-0-11-0-0utfZz 8-00&a=q&r=21 Acesso em: 19/02/2025

El Mercurio informó la detención de la cúpula del Partido Comunista 31 años después. El Diario de Agustín. El Mercurio - Lunes 20 de agosto de 2007. **Largometraje documental**. 90min, 2008, (Santiago, Chile). Disponível em El Diario de Agustín https://cinechile.cl/pelicula/el-diario-de-agustin/ Acesso em: 23/03/2025.

El Mercurio, trinchera contra el totalitarismo. [artículo] **Gamba**. Disponível em https://www.gamba.cl/2016/02/editorial-llego-el-momento-de-proscribir-el-mercurio-para-ser-un-pais-decentel/ Acesso em: 25/03/2025.

“El régimen es explícitamente anticomunista pero no se divisa una definición práctica, susceptible de contrarrestar la acción demoledora de los comunistas”. [artículo] El Mercurio 03 de agosto 1975. Disponível em **El Diario de Agustín.** Largometraje documental. 90min, 2008, (Santiago, Chile) https://cinechile.cl/pelicula/el-diario-de-agustin/ Acesso em: 23/03/2025.

En las Calles de Santiago: 18 mil Soldados para Asegurar el Orden Público. Se desarrolla la Primera Protesta Nacional convocada por la Confederación de Trabajadores del Cobre. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00---off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1--- 20-home-El+Mercurio--00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Equilibrio Presupuestario. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974

Expulsados 4 Dirigentes del PC y del MIR. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 -----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Extensa Batida Antiterrorista en Todo el País [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 -----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-1-00-0-0-11-0-0utfZz 8-00&a=q&r=21 Acesso em: 29/03/2025.

Farinelli, Victor. Clarín x Mercurio: os soldados de Allende e Pinochet na imprensa chilena. **'Junta militar Controla El País'[artigo]**. Disponível em: https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/31113/clarin-x-mercurio-os-soldados-de-allende-e-pinochet-na-imprensa-chilena. Acesso em: 15/03/2025.

Hijo de suicida Estaba Inplicado em Plan Terrorista. Galeria de Prensa Daniel Arrieta y Alejandra Matus. Disponível em **Los casos de la vicaria Los Archivos del Cardenal** http://www.casosvicaria.cl/temporada-uno/un-padre-desesperado/?fbclid=IwAR1QcXsgQ-KOzMb8NiJwFbTxusF62e90np6E7wHbm5CbYbqQQni3MdCbdhY. Acesso em: 15/03/2025.

Huelga de hambre por Exiliados. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 -----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Identificados Violentistas del PC en el Parque. [artículo] El Mercurio."Se entregaron antecedentes de dos militantes de las Juventudes Comunistas señalándose que fueron individualizados a través de la detenida revisión de fotografías y videos captados durante los desmanes". Disponível em **The Clinic** https://www.theclinic.cl/2017/04/24/las-portadas-mas-siniestras-los-diarios-la-edwards-eastman-la-dictadura/ Acesso em: 28/03/2025.

Junta Militar Controla el País. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1 -----0-

10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1 --- 20-home-El+Mercurio--00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Juan Pablo habló para Chile. [artículo] El Mercurio. Disponível em **El sitio de noticias onlineen Chile** https://www.emol.com/fotos/2242/#492729/Juan-Pablo-II-visita-Chile. Acesso em: 28/03/2025.

Marxistas pretendían matar a dos millones de chilenos. Reveló el Presidente de la Junta Militar de Gobierno. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Relegados Tres ocupantes de la Confederación Gremial del Cobre. [artículo] El Mercurio. Disponível em **Biblioteca Digital Museo de La Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00 off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1-----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1---20-home-El+Mercurio -- 00-3-21-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=q&r=1. Acesso em: 29/03/2025.

Situación de Marxistas Detenidos. *El Mercurio*, Santiago, p.3 18 a 24 fev.1974

Zamora, Rosa. Pinochet en el prisma de partidarios y adversarios [artículo] Rosa Zamora C. El Mercurio (Valparaíso). Archivo de Referencias Críticas. Disponível em **Biblioteca Nacional Digital de Chile** http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/637/w3-article-353234.html . Acesso em: 15/03/2025.

Jornal La Segunda (1973-1990)

Asesinado Intendente Carol Urzúa [artículo] La Segunda. Disponible en **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH01c8/4c680c9c.dir/00000252000006000039.pdf Acesso em: 24/03/2025.

Delegados Reciben Calumnioso Informe [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH5d30.dir/00000252000006000026.pdf Acesso em: 24/03/2025.

En Buenos Aires: Asesinados el General Carlos Prats y su Esposa [artículo] La Segunda; **El Llanquihue**. Disponível em http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH01fe/c650ab51.dir/00000252000006000021.pdf Acesso em: 24/03/2025.

Gran Arsenal Subversivo en el Norte [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH0140/ed533bd7.dir/00000252000006000047.pdf Acesso em: 15/03/2025.

José carrasco fue Asesinado a Balazos: Fue Reconocido el Cadáver del Editor de Revista "Análisis" [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos**

Humanos
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASHc455.dir/00000252000006000050.pdf Acesso em: 15/03/2025.

59 Miristas Chilenos Caen en Operativo Militar en Argentina: Exterminados Como Ratones [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH01de.dir/00000252000006000022.pdf Acesso em: 24/03/2025.

La Protesta: 1er balance [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH0116.dir/00000252000006000034.pdf Acesso em: 24/03/2025.

Libro de Pinochet pone el acento en la necesidad de la lucha ideológica contra el comunismo [artículo]. El Mercurio (Calama). **Archivo de Referencias Críticas**. Disponível em Biblioteca Nacional Digital de Chile http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/637/w3-article-343808.html. Acesso em: 15/03/2025.

Modo de Vida Chileno. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974

Mujeres opositoras de Izquierda para imponer su idea en el País y en su casa [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH8c07.dir/00000135000009000023.pdf Acesso em: 24/03/2025.

Murió secretario privado de Allende [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASHa2a5.dir/00000042000001000009.pdf Acesso em: 24/03/2025.

"No hay tales desaparecidos" A 43 años del falso titular. [artículo] La Segunda. Disponible en **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
https://web.museodelamemoria.cl/informate/no-hay-tales-desaparecidos-a-43-anos-del-falso-titular/ Acesso em: 24/03/2025.

No volverán miristas ni extremistas artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASHd5a2.dir/00000042000001000013.pdf Acesso em: 24/03/2025.

Pinochet lamentó muerte de penquista Acevedo e reitero posicion sobre la CNI. Galeria de Prensa Daniel Arrieta y Alejandra Matus. Disponível em **Los casos de la vicaria Los Archivos del Cardenal** http://www.casosvicaria.cl/temporada-uno/un-padre-desesperado/?fbclid=IwAR1QcXsgQ-KOzMb8NiJwFbTxusF62e90np6E7wHbm5CbYbqQQni3MdCbdhY. Acesso em: 15/03/2025.

Realismo y Esperanza. *El Mercurio*, Santiago, p.3 1 a 6 jan.1974

Seis enfrentamientos y siete muertos en Neltume durante septiembre. [artículo] La Segunda. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos**
http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH01e5.dir/00000583000001000001.pdf Acesso em: 30/03/2025.

Terrorismo, dureza y eficacia. *La Segunda*, Santiago, p.6 3 abr.1984

Revista *Análisis* (1977-1990)

Chile “A Lo Bonzo”. [artículo] Análisis Nº 66, 11 al 25 de octubre 1983, 2º Edición “Fin de la CNI” pp. 05-07. Disponível em **Memoria Chilena de la Biblioteca Nacional Digital de Chile** htttp://www.memoriachilena.gob.cl/> Acesso em: 15/03/2025.

Concentración en Parque O'Higgins convocada por la Alianza Democrática, 18 de noviembre 1983. Disponível em **Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile** http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-86162.html. Acesso em: 10/02/2025.

Detenidos-Desaparecidos: El general Pinochet debe más de 119 explicaciones. [artículo] Análisis Nº 101, semana del 30 de julio al 6 de agosto de 1985, pp.18-20. Disponível em **Memoria Chilena de la Biblioteca Nacional Digital de Chile** http://www.memoriachilena.gob.cl/> Acesso em: 15/03/2025.

El Pueblo en el parque: Democracia e Unidad. [artículo] Análisis Nº 66, 11 al 25 de octubre 1983, 2º Edición ‘Allende dez año después’ extra, pp. 01-04. Disponível em **Memoria Chilena de la Biblioteca Nacional Digital de Chile** htttp://www.memoriachilena.gob.cl/> Acesso em: 15/03/2025.

Libertad de Expresion. El gobierno contra “Análisis”. [artículo] Análisis Nº 66, de octubre al deciembre de 1983 pp.03-07. Disponível em **Memoria Chilena de la Biblioteca Nacional Digital de Chile** htttp://www.memoriachilena.gob.cl/> Acesso em: 15/03/2025.

Protestas: Chile quiere democracia. [artículo] Análisis Nº 59, de julio de 1983 pp. 07-09. Disponível em **Memoria Chilena de la Biblioteca Nacional Digital de Chile** htttp://www.memoriachilena.gob.cl/> Acesso em: 15/03/2025.

Teleanálisis 21: Revista Análisis, la clausura no silencia. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/cgi-bin/library.cgi?e=q-11000-00---off-0busqueda-afichesy%2cfotograf%2ctextosym%2cvideos%2caudio%2cobjetosm-01-1----0-10-0---0---0direct-10-ZZ--4-------0-1l--11-es-Zz-1--- 20-home-aNALISIS--00-3-1-00-0-0-11-0-0utfZz-8-00&a=d&c=videos&srp=0&srn=0&cl=search&d=HASH800c91c3c65a83df057f66 Acesso em: 15/03/2025.

Repercussão dos casos em outros jornais e mídias (1973-1990)

“Detenida en mayo 1976 y desaparecidos hasta hoy” Largometraje documental. 90min, 2008, (Santiago, Chile). Disponível em **El Diario de Agustín** https://cinechile.cl/pelicula/el-diario-de-agustin/ Acesso em: 23/03/2025.

“El cuerpo de Marta Ugarte fue el único de los cientos de cuerpos de detenidos desaparecidos lanzados al mar, que apareció en una playa. Para ocultar este sistema de exterminio la DINA realizó el montaje de un crimen pasional”. **El Diario de Agustín**. Disponível em: https://cinechile.cl/pelicula/el-diario-de-agustin/ Acesso em: 23/03/2025.

El Papa calificó de provocación brutal primitiva los incidentes del Parque. [artículo] Diario La Epoca. El Diario de Agustín. Largometraje documental. 90min, 2008, (Santiago, Chile).

Disponível em **El Diario de Agustín** https://cinechile.cl/pelicula/el-diario-de-agustin/ Acesso em: 23/03/2025.

Estrangulan a hermosa joven. Últimas Noticias. [articulo]. El rol de los medios en la Operación Colombo. Disponível em **Ciper Chile**. https://www.ciperchile.cl/2008/05/29/el-rol-de-los-medios-en-la-operacion-colombo/ Acesso em: 25/04/2025.

González, Cornelio. Entre la fiesta y la tensión: el Papa Juan Pablo II en Chile. [Diario La Epoca] Disponível em **Memoria Chilena, Biblioteca Nacional de Chile** http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-81502.html. Acesso em: 28/03/2025.

Operación Neltume: Desenredando la madeja [artículo] La Ercilla. Disponível em **Museo de la Memoria y los Derechos Humanos** http://www.bibliotecamuseodelamemoria.cl/gsdl/collect/textosym/index/assoc/HASH03f0.dir/00000583000001000005.pdf Acesso em: 28/03/2025.

Plan terrorista preparaba hijo del suicida a lo bonzo. **Galeria de Prensa Daniel Arrieta y Alejandra Matus**. Disponível em Los casos de la vicaria Los Archivos del Cardenal http://www.casosvicaria.cl/temporada-uno/un-padre-desesperado/?fbclid=IwAR1QcXsgQ-KOzMb8NiJwFbTxusF62e90np6E7wHbm5CbYbqQQni3MdCbdhY. Acesso em: 15/03/2025.

Terroristas chilenos no interior da Argentina. [articulo] La Tercera. El rol de los medios en la Operación Colombo. Disponível em **Ciper Chile** . https://www.ciperchile.cl/2008/05/29/el-rol-de-los-medios-en-la-operacion-colombo/ Acesso em: 15/03/2025.

La vendeta chilena; Los que callaron para siempre [articulo] Revista Lea. Disponível em **Museo de La Memoria y Los Derechos Humanos** https://web.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/pieza-del-mes/revista-lea/ Acesso em: 23/03/2025.

Bibliografia

ANGELL, Alan. Chile, 1958-c.1990. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina** (Volume IX): A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e RepúblicasAndinas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 853-929

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. Summus Editorial; 2ª edição, 1995.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. In: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, Carlos Alberto S. e MONTEIRO, Charlos (org.). **Fotografia documental e fotojornalismo na América Latina**. Londrina: Ledi, 2022.

BARROS, José D'Assunção. **História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface**. Sæculum - Revista de História. n. 12. João Pessoa: UFPB, 2005.

BASCUÑÁN, Belén. **Editores y editoriales en dictadura**. Museo de la memoria y los derechos humanos. Santiago, 2012.

BEIGEL, Fernanda. Revistas Culturais como Documentos da História Latino-Americana. *Utopia e Práxis Latino-Americana,* janeiro-março de 2003.

BENJAMIM, Walter. **"A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica"**, e **"Pequena história da fotografia"** in: *Obras Escolhidas*: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNEDO, Patricio. **La prensa escrita durante la Unidad Popular y la destrucción del régimen democrático**. In: ROLLE, Claudio (org.). 1973: La vida cotidiana de um añocrucial. Santiago: Planeta, 2003.

BITAR, Sergio. **Transição, socialismo, democracia: Chile com Allende**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORRAT, Héctor. **El periódico actor político**. Barcelona: Gustavo Gili,1989.

BROQUETAS, Magdalena, "Las fotografías en la construcción de conocimiento histórico: usos, límites y potencialidades", in *Revista Electrónica de Fuentes y Archivos*, Córdoba, ano 2, nº 2, 2011, pp 173-187.

_____**"La fotografía periodística en tiempos de movilización social, autoritarismo y dictadura (1959-1985)",** in BROQUETAS, Magdalena y BRUNO, Mauricio (coords.). *Fotografía en Uruguay*: historia y usos sociales. Tomo II. 1930-1990. Montevideo: CDF, 2019, pp. 199-251.

BURKE, Peter; **El uso de la imagen como documento histórico**. Editorial Crítica Barcelona, 2001, p.239.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004

CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador.** In: VILLAÇA, Mariana & PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). História das Américas: fontes e abordagens históricas. São Paulo: Humanitas, 2015.

CASTILLO, Eduardo. **Puño y letra, movimiento social y comunicación gráfica en Chil**e. Ocho Libros Editores, 2006.

CHAPLEAU, LeAnn. A cultura chilena sob Augusto Pinochet. Crestomatia: Revista Anual de Pesquisa de Graduação no College of Charleston, EUA, vol. 2, 2003, p. 45-83.

COHN, Gabriel (org). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1973.

_____. **Sociologia da comunicação: teoria e ideologia**. São Paulo: Pioneira, 1973.

COSTA, Adriane Vidal; VIVACQUA, Isadora Bolina Monteiro. ***La Bicicleta e o Colectivo Acciones de Arte (CADA)****: resistência político-cultural no Chile ditatorial.* **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 16-43, 2023. DOI: https://doi.org/10.17851/2358-9787.27.2.16-43.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. À beira da falésia. **A história entre certezas e inquietudes.** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2002.

CRIVELENTE, M. R.; KOBASHI, N. Y.; JATENE, C. V.; OLIVEIRA, L. Memória e Resistência, c2017. **Estudo e difusão de informações sobre as Ditaduras Civis-Militares na América Latina e sobre os lugares de construção da memória dessas ditaduras**. Disponível em: https://memresist.webhostusp.sti.usp.br/. Acesso em: 11.jul.2025

CRUZ, Eduardo Santa. **Prensa y Sociedad en Chile, Siglo XX**. Editorial Universitaria, 2015. Enlaces.1ª ed. - Santiago.

_____. Análisis histórico del periodismo chileno. Santiago, Nuestra América Ediciones: 1988.
_____La prensa chilena en el siglo XIX: Patricios, letrados, burgueses y plebeyos. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2010.

CURY, Marcia Carolina Oliveira. **O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)**. Tese (Doutorado) Universidade de Campinas. Campinas, 2013.

DALMARONI, Miguel. Dictaduras, memoria y modos de narrar: Confines, Punto de Vista, Revista de Crítica Cultural, H.I.J.O.S. Revista Iberoamericana, Vol. LXX, Núms. 208-209, Julio-Diciembre, p. 957-981, 2004.

DALMÁS, Carine. **Brigadas muralistas e cartazes de propaganda da Experiência Chilena (1970-1973)**. Dissertação (Mestrado em História) — São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

DE CASTRO, Rodrigo. **Tiempos de reforma**. **El diario de Eliodoro Yáñez y la instauración del Estado de Bienestar**. Santiago: Radio Universidad de Chile, 2015.

DE RAMÓN, Armando. **Historia de Chile: desde la invasión incaica hasta nuestros dias (1500-2000)**. Santiago: Catalonia, 2003.

DIAS NIEVA, José. **Patria y Libertad: el nacionalismo frente a la Unidad Popular**. Santiago: CIP, 2015.

DOONER, Patrício. **Periodismo y política. La prensa de derecha e izquierda 1970-1973**.Santiago, Adelante, 1989.

ERRÁZURIZ, Luis Hernán; QUIJADA, Leiva Gonzalo. **El Golpe Estético. Dictadura Militar en Chile 1973-1989**. Santiago, Ocho Libros Editores Ltda, 2012, 1ª edición.

FALCON, Francisco. História e representação. In: CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, Jurandir (orgs.). **Representações. Contribuições a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000.

FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual**. São Paulo: Senac, 2003.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. **Ditadura e resistência no Chile**: democracia desejada em transição possível (1973-1989). França: UNESP, 1998.

FRITZ, Karen Donoso. **Cultura y dictadura: Censuras, proyectos e institucionalidad cultural en Chile, 1973-1989**. <https://pt.scribd.com/read/435632250/Cultura-y-dictadura-Censuras-proyectos-e-institucionalidad-cultural-en-Chile-1973-1989#>.

GARAY CANALES, Sol Marina. **Memoria y exilio a través de la obra de escritores chilenos exiliados en Alemania (1973-1989): una apertura al otro**. Tese (Doutorado em Literatura e Estudos Transculturais) – Madri: Universidade Autônoma de Madri, 2010.

GARMANIK, Cora, **"Fotografía y dictaduras: estrategias comparadas entre Chile, Uruguay y Argentina"**, in revista *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2012.

GARRETÓN, Manuel Antonio. **Reconstruír la Politica**: Transición y Consolidación Democratica en Chile. Santiago: Editorial Andante, 1987.

GONZALO, Leiva Quijada; **Multitudes en sombras: AFI**. Ocho Libros Editores, Santiago, 2008.

_____; **"Cárcel de Valparaíso, los desacatos de la imaginación fotográfica"**. En Maurício Del Pino, El lugar nuestro, RIL Editores, 2007, p. 12.

HARMER, Tanya. ***O Governo Allende e a Guerra Fria Interamericana***. Santiago, Chile: Diego Portales University Press, 2013.

HAMER, Tanya e Riquelme, Alfredo. ***Chile e a Guerra Fria Global***. Santiago, Chile: RIL Editores, 2014. Imprensa Universitária Diego Portales, 2013.

HARPER, John Lamberton. ***A Guerra Fria***. Oxford: Oxford University Press, 2011.

HABERMAS, J. Mudança estrutural na esfera pública. São Paulo: Unesp, 2014.

HERRERO, Victor. **Agustín Edwards: una biografia desclasificada del dueño de El Mercurio**. Santiago: Debate, 2015.

JORGE, Thaís Mendonça. **A notícia e os valores-notícias. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia a dia da imprensa**. Universidade de Brasília, 2006. Disponível em:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5564577/mod_resource/content/0/Thais%20de%20Mendon%C3%A7a%20Jorge_Valor%20Not%C3%ADcia.pdf Acesso em 22/02/2025.

KNAUSS, Paulo, **"O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual"** in *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 8, nº 12, jan-jun 2006, pp. 97-115.

KOSSOY, Boris. ***Fotografia & História***. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001; KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o Perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LAGOS, Claudia (ed.). **El diario de Agustín: cinco estudios de casos sobre El Mercurio y los derechos humanos (1973-1980)**. Santiago: LOM, 2009.

LA IZQUIERDA DIARIO. **1979**: Plan Laboral, golpe a la organización sindical y precarización que hoy se busca profundizar. La Izquierda Diario, 19 maio 2019. Disponível em: https://www.laizquierdadiario.cl/1979-Plan-Laboral-golpe-a-la-organizacion-sindical-y-precarizacion-que-hoy-se-busca-profundizar-130183. Acesso em: [15.jun.2025].

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. [original dos ensaios: 1987- 1982] [original do livro: 1982].

LIMÓN, Tinta. **Chile em chamas: a revolta antineolibera**l. Tradução: Igor Peres. São Paulo. Editora Elefante, 2021, 384 págs.

MAUAD, Ana Maria, **"Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas"**,, vol. 12, n. 14, p. 33-48, jan/jun 2016.

MENESES, Ulpiano T. B. de, **"Fontes visuais, cultura visual. Balanço provisório, propostas cautelares"**, en: Revista Brasileira de História, São Paulo: Anpuh/Humanitas Publicações, vol. 23, n° 45, 2003, pp. 11-36.

_____, **"Rumo a uma 'História Visual'"**, in MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

MÖNCKEBERG, Maria Olivia. **Los magnates de la prensa: concentración de los medios de comunicación en Chile**. Santiago: Random House Mondadori, 2011.

MONTEIRO, Charles, **"História e fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área"**, Tempo & Argumento, Florianópolis, vol. 8, n. 17, p. 64-89, jan-abr, 2016.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

MOULIAN, Tomás. “**El Gobierno Militar**: Modernización y Revolución”. In: La Forja de las Ilusiones: Sistema de Partidos. Santiago: Flacso, 1993.

MRAZ, John, **“¿Qué tiene de nuevo la historia gráfica?”**, in *Diálogos*, DHI/UEM, v. 7. p.201-217, 2003;

PÉREZ-MENDOZA, Consuelo. **Los protagonistas de la prensa alternativa**. Santiago de Chile: Arzobispado de Santiago, Fundación de Documentación y Archivo de la Vicaría de la Solidaridad,. pp. 36-64, 133-164. 1997.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, Maria del Carmen. (2015). Uma Proposta para a Análise de Periódicos Culturais. Revista Latino-Americana de Metodologia das Ciências. Sociais, vol. 5, n.º 01, 2015.

PRADO, Myllena S. **Imprensa e memória na ditadura chilena**: A representação dos fatos noticiados entre os diários *El Mercurio*, *La Segunda* e a revista *Análisis*. TCC (Graduação em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

QUADRAT, Samantha Viz. **Operação Condor: o “Mercosul” do terror**. Estudos Ibero Americanos. PUCRS, v. XXVIII, n.1 p. 167- 182, junho 2002.

REIS, Mateus Fávoro. **Exílio, memórias e testemunho: para ler 'Visto y vivido en Chile', de Luis Alberto Sánchez**. In: XXVII Simpósio Nacional de HIstória, 2013, Natal. Anais eletrônicos, 2013.

ROCCA, Pablo. Por que, para quê, uma revista (Sobre sua natureza e função nos círculos culturais latino-americanos). Hispamerica, Ano XXXIII, nº 99, dezembro de 2004.

SAAVEDRA, Manuel Bastias. **Sociedad civil en dictadura**. Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2019.

SALINAS, Sérgio. El tres letras. **Historia y contexto del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR)**. Santiago: Ril, 2013.

SALAZAR, Gabriel. **La violência política popular en las “Grandes Alamedas”: la violencia en Chile 1947-1987 (una perspectiva histórico popular)**. Santiago, LOM, 2006, p. 254.

SANTOS, Emmanuel dos.**Imprensa e poder: a via chilena ao socialismo e os jornais El Mercurio e La Nación**. / Emmanuel dos Santos. -- Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: Cultura Da Memória e Guinada Subjetiva**. São Paulo, 2005. Editora Schwarcz LTDA.

SAIDEL, Matías Leandro. **El neoliberalismo autoritario y el auge de las nuevas derechas**. Disponível em: file:///Users/myllenasprado/Downloads/efleck,+ART06_SAIDEL%20(1).pdf Acessado em:24. jul. 2025

SCHETTINO, Flávia. ***O El Mercurio de Valparaíso e a Guerra do Pacífico (1879-1884)***. Nova Edições Acadêmicas, 2017. ISBN 978-6202037570.

STEVE, J. Stern. **Grandes convulsiones: la guerra de la memoria en las calles, 1983-1986. Luchando por mentes y corazones**. Las batallas de la memoria en el Chile de Pinochet. (1973-1998). Ediciones Universidad Diego Portales, Santiago, 2009.

_____. **Battling for Hearts and Minds:** Memory Struggles in Pinochet's Chile, 1973-1988. Duke University Press, 2006

URIBE, Armando. **El Diario de Agustín: cinco estúdios de casos sobre El Mercurio y los Derechos Humanos** (1973-1990). 1ª ed. - Santiago: LOM Ediciones; 2009.

VALDIVIA, Ortiz de Zárate, Verónica. **Su revolución contra nuestra revolución: Izquierdas y Derecha en el Chile de Pinochet** [texto impreso] / Verónica Valdivia Ortiz de Zárate; Rolando Álvarez Vallejos; Julio Pinto Vallejos.— 1ª ed.— Santiago: LOM Ediciones, 2006. 230 p.: 21x16 cm.- (Colección Historia) R.P.I.: 158.183 ISBN: 956-282-853-0 1. Partidos Políticos – Chile – 1970 - 1990 2. Dictadura Chile – 1973 -1990 I. Título. II. Serie. Dewey: 320.983.— cdd 21 Cutter: V146r Fuente: Agencia Catalográfica Chilena.

VALLEJOS, Julio P.; SALAZAR, Gabriel. **História contemporánea de Chile**. 5 tomos. Santiago: LOM Ediciones, 2013.

VERGARA, Pilar. **A Ascensão e Queda do Neoliberalismo no Chile: Um Estudo da Evolução Ideológica do Regime Militar** . Santiago, Chile: FLACSO, 1984.